

OFÇA de QUEIROZ

RAMALHO ORTIGÃO



S. Pb.
M. Araújo

hellög.

ASTARIAS

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

TERCEIRA SERIE

TOMO I

Janeiro de 1878

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

1878



COMPRA

196473

~~53528~~

~~PP
439~~

Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. PROUDHON

Lanciro de 1878

LISBOA

THE GENERAL
LONDON COLLEGE, 110
LONDON COLLEGE, 110

1878

SUMMARY

A romagem dos mortos. Raspail, Courbet, Victor Manuel, José de Alencar, Augusto Soromenho. — A *senhora portuense* e as *Farpas*. O libello d'aquella dama. A nossa resposta. Não, a mulher portugueza não sabe fazer caldo e deve aprender a fazel-o, como se torna a demonstrar. A litteratura feminina e a coziha de minha avó. — Da influencia dos hymnos sobre os cerebros coroados. Cumplicidades do telephonio. — Os cemiterios. A intervenção do sr. marquez d'Avila e a do sr. Luiz Jardim. A cabelleira e a formula de s. ex.^a Mostra-se que s. ex.^a não é o velho Tobias. O catholicismo e a carta. A liberdade de pensamento e o registro civil. — A ex.^{ma} Camara Municipal do Porto ou a quem suas vezes fizer. — A situação politica. As ultimas sessões parlamentares. Alguns perfis. Os partidos. Os compadres. A jumentinha da publica governação.

No breve espaço dos ultimos quinze dias a humanidade pagou á morte um pesado tributo. Escrevemos no meio de tumulos gloriosos e amados. Deixaram de existir, em França Raspail e Courbet; na Italia Victor Manuel; no Brazil José de Alencar; em Portugal Augusto Soromenho.

Raspail, entre todos esses o maior, deixa na terra um immenso vacuo imprehenchivel. Desappareceu com elle uma das mais poderosas forças sociaes do mundo moderno, a porção mais fecunda e mais gloriosa da grande alma do povo.

Ninguem como elle amou a humanidade e ninguem empregou tão vastas e tão profundas faculdades no culto do seu amor. Foi o maior contribuinte dos descobrimentos scientificos d'este seculo. Creou a chimica organica e póde-se dizer que creou tambem a physiologia botanica e a anathomia microscopica. Fundou a hygiene em bases novas, não como uma dependencia da medicina, mas como um desdobramento da sciencia social. Foi elle o que definiu pela primeira vez em fundamentos positivos o dogma do suffragio universal. Foi ainda elle o primeiro que proclamou no Hotel de Ville a Republica de 48.

Este eximio cultor, acrescentador e reformador de todas as sciencias phisicas, de todas as sciencias biologicas e de todas as sciencias sociaes, astronomo, chimico, physiologista, medico, archeologo, economista, era além d'isso

um delicado e valente escriptor. O seu genio profundo actuou efficazmente no desenvolvimento do estudo dos astros, das plantas, dos animaes, do homem, e bem assim na reforma de todas as instituições politicas e sociaes, na reforma administrativa, na reforma judiciaria, na reforma penitenciaria e na reforma penal. O seu altivo character de soberano plebeu tornou-o sempre irreconciliavel com todo o favor, com todo o auxilio, com toda a collaboração official. Recusou todas as distincções honorificas, todos os cargos publicos, todos os diplomas scientificos ou litterarios. As suas observações astronomicas, os seus trabalhos de chimica, as suas applicações do microscopio ao estudo das celulas e dos tecidos fizeram-se n'uma agua furtada humilde dos bairros baratos de Paris com os instrumentos mais rudimentares, no isolamento austero da independencia e do sacrificio.

Esse intrepido filho do povo tinha a fibra de Galileu, de Giordano Bruno e de Bernardo Palissy.

A academia franceza, commovida com uma tão exemplar grandeza d'alma, resolveu conferir-lhe em 1833 o premio Montyon, declaran-

do-lhe pela boca do grande Geoffroy-Saint-Hilaire que ella o considerava como sendo o homem que mais serviços tinha prestado á sciencia e á humanidade.

Guizot, então ministro da instrucção publica, interveiu na resolução da academia prohibindo que o premio da virtude cahisse no cofre da rebellião. ¹ O chefe do partido conservador francez não podia esquecer que fôra esse mesmo sabio obscuro e despremiado o que no anno anterior, em plena Restauração, ousara fulminar a votação da lista civil com a phrase memoravel paga por elle com 500 francos de multa e 15 mezes de cadeia: «Deveria ser enterrado viyo debaixo das ruinas das Tulherias todo o cidadão que ousasse pedir á França 14 milhões para viver.»

É que Raspail, a intelligencia sempre apta para organizar, foi igualmente o braço constantemente pronto para resistir.

Portentosa existencia, que ficará na historia entre as mais bellas e mais extraordinarias le-

¹ Guizot, que recusou um premio a Raspail, recusou tambem uma cadeira no magisterio a Augusto Comte. O illustre historiador teve a desgraça de firmar com o seu nome a responsabilidade d'esses dois crimes, inconscientes, da politica nefasta que elle dirigia.

gendas do genio do homem ! Destinado por seu pae á carreira ecclesiastica, foi educado n'um seminario, começou por ser um theologo. Era porém de tal modo intenso e explosivo o seu amor de verdade e de progresso que, principiando por ensinar theologia aos dezenove annos, acabou por alcançar a gloria immarcessivel de ser condemnado aos oitenta, — aos oitenta annos de idade ! — por abuso da liberdade de pensamento !

O poder espirital do mundo moderno era representado em França por uma trindade sacrosanta:—Victor Hugo, a força do sentimento; Raspail, a força do trabalho ; Littré, a força da philosophia.

D'esses tres anciãos o primeiro que desceu ao tumulo é o que mais fecundo exemplo nos podia legar, porque as virtudes que o assignalaram são d'aquellas que dependem mais da vontade que do entendimento. Esse exemplo de uma actividade sempre entusiasta, juvenil e ardente, em nenhuma outra parte é mais precioso do que na sociedade portugueza, onde as idéas radicaes, que são as sentinelas avançadas da civilisação, tão raramente encontram servidores desinteressados que as mantenham ; onde

a mocidade mais vivaz e mais intelligente está defendendo no parlamento e no jornalismo as opiniões mais retrogradadas; onde finalmente o futuro não tem partido.

Possa a memoria do sublime Raspail alentar a perseverança e a firmeza no coração d'aquelles que, longe de todas as correntes officiaes se sacrificam heroicamente pelo estudo desprotegido, pelo trabalho talvez calumniado, talvez perseguido, ao amor e ao aperfeiçoamento dos seus semelhantes!

Que todos os que são moços e fortes se inclinem sobre esta campa onde repousa um triumpho, e reflectam, que é na pedra tumular de Raspail que deverão aguçar o fio das suas espadas todos aquelles que combatem pela consciencia e pela verdade!

Courbet foi um conspirador da esthetica, um rebelde ao despotismo de um idéal que elle tinha por condemnado solidariamente com as velhas instituições sociaes de que fazia parte. A sua vida foi consagrada a derrocar pela pintura a inspiração da antiga arte assim como derro-

cou pelo uso do poder executivo a columna da praça Vendôme. Louvavel empenho, porque Courbet considerava essa inspiração uma fonte envenenada para o trabalho artistico, assim como considerava essa columna um symbolo ultrajante para a dignidade humana.

A demolição da columna, que toda a imprensa europea stygmatisou com palavras tão resençadas e acerbas, não poderá deixar de ser um dia olhada pela critica desapaixonada como a consequencia logica e fatal dos principios de justiça social constantemente professados pelo immortal artista.

Courbet foi condemnado a pagar a reconstituição da columna. Breve porém soará a hora em que o nobre espirito francez deixe de considerar puerilmente que se deve ser

*Fier d'être français
Quand on regarde la colonne!*

Paris, a cidade eterna da arte, a grande martyr, a grande pacificadora, comprehenderá em pouco tempo que é uma injuria ao seu bello destino na obra da conciliação humana a ostentação orgulhosa de um monumento que o dis-

tico diz ser : *levantado á gloria do grande exercito por Napoleão o Grande!!*

Paris, que vae na proxima exposiçãõ celebrar dentro do regimen republicano a grande festa universal da industria e da paz, Paris cujo municipio acaba de votar 546 contos de réis para os seus estabelecimentos publicos de instrucção primaria no anno corrente, Paris que ainda ultimamente consagrou cerca de 5 mil contos á reorganisaçãõ dos seus lyceus, não poderá manter em pé por muitos annos mais, em uma das suas praças publicas, um symbolo que contradiz todas as suas aspirações philosophicas e humanitarias, celebrando uma das maiores no-doas da civilisaçãõ: o triumpho cannibalesco do militarismo sobre os direitos do homem, a sujei-çãõ da França aos caprichos de um despota em cuja frente as justiças da historia estamparam já o ferrete da ignominia.

A legenda napoleonica esvahiou-se inteiramente das consciencias, e bastou um sopro de Michelet para apagar para todo sempre nas tradições marciaes da geraçãõ actual o sol de Austerlitz.

Courbet morreu antes de poder ser reembolsado da importancia da multa a que o con-

demnaram como iconoclasta. Mas a posteridade o desaggravará, ratificando a sua obra, demolindo pela segunda vez a columna Vendôme e pondo no lugar d'ella, em vez do genio das batalhas que lhe serve de remate, o genio da arte representado na estatua do grande pintor, que na maneira de conceber e de executar a obra do espirito fundou a escola que será uma das glorias d'este seculo, e na maneira de usar do governo em que teve parte commetteu o erro sempre fatal em politica de anticipar na pratica dos seus actos a opinião do seu tempo.

Victor Manuel foi o homem forte por excellencia. Tinha o pulso athletico de Godofredo de Bulhões. Poderia como elle decepar de um só golpe de espada a cabeça de um boi ou o tronco de um reaccionario; commandou como elle uma cruzada, — a cruzada de Novara até Roma; como elle chegou á terra promettida; morreu moço como elle, como todos os heroes que

endo realisado na terra uma grande missão, se
 sentem de repente invadidos na alma pela tris-
 teza immensa dos saciados. Teve a virtude sym-
 ptomatica dos fortes—a colossal bondade. Nin-
 guem abriu bocas mais fundas nas espadas dos
 seus adversarios; ninguem calcou a terra com
 sapatos mais fortes, mais intrepidos e mais bem
 ferrados, atraz dos tyrannos e dos cabritos, atraz
 das raposas e dos padres. Ninguem trepou com
 pulmões mais rijos ás altas cumiadas dos Appe-
 ninos e da liberdade. Ninguem sorriu com mais
 encanto e com mais prestigio á fadiga, ao peri-
 go, ás mulheres e á morte. Era evidentemente
 um forte. E como a força é o maior de todos os
 attractivos humanos, ninguem conciliou como
 elle em torno de si tão contradictorias sympa-
 thias e tão heterogeneas affeições: foi o amigo
 do Papa e de Garibaldi, de Bismark e de Gam-
 betta.

Feliz homem!

A morte de José de Alencar, o auctor do
Guarany e de *Luciola*, representa uma das maio-

res perdas para a litteratura brazileira, tão notavel nos ultimos tempos pela cooperação dos seus poetas e dos seus pensadores.

Na sociedade do Brazil, que o principio da escravidão desviou por tantos annos tenebrosos do seu destino e do seu desenvolvimento natural, a organização moderna do trabalho livre é ao mesmo tempo a criação de um novo elemento social—o povo.

José de Alencar, romancista, poeta, jornalista, tribuno, influenciando poderosamente o seu tempo pela penna e pela palavra, era a imagem synthetica d'esse poder que se chama a Plebe, que procede da lama, e decide da sorte dos imperios.

Elle, que alcançara um dos mais luminosos logares entre os homens mais celebres e mais prestigiosos do seu tempo, sahira do esgoto da cidade, procedera da roda dos expostos.

Esse engeitado era a personalisação mais gloriosa da soberania do trabalho, affirmando elle mesmo o seu direito, desembainhando no throno da arte a sua larga espada de justiça, vestindo a tunica e a dalmatica azul, calçando as esporas de ouro nos coturnos bordados de lizes, e fazendo-se ungir e sagrar pelas multidões como

os antigos eleitos do senhor. E era a elle, como a todo o artista victorioso e triumphante, que se deveria dizer como Samuel ao rei Saul: «Deus te elegeu para reinar sobre a sua herança e para livrar os povos das mãos dos seus inimigos.»

Augusto Soromenho foi o mais infeliz dos trabalhadores. A doce consolação de cumprir um destino, consolação compensadora de tantas amarguras e de tantos sacrificios, não foi concedida na terra áquella natureza essencialmente desgraçada.

Tinha um incomparavel poder de applicação e de estudo e ninguem possuia em Portugal uma provisão mais copiosa de noções e de factos. Foi o collaborador de Alexandre Herculano nas investigações da historia nacional, foi o seu melhor discipulo e o seu unico successor. Ninguem melhor do que elle conhecia as fontes e as correntes historicas dos nossos costumes e das nossas tradições. Era archeologo, diplomatico,

jurista, bibliographo. Não havia inscripção truncada na epigraphia nem texto ambiguo nos codices que resistisse aos processos da sua sagacidade portentosa. A sua memoria phenomenal dava-lhe a omnipresença de quanto tinha lido no recolhimento de vinte annos de estudo fervoroso e incessante. Era um tomo de erudição vastissima, assombrosa, que ninguém consultava de balde em qualquer ponto da historia dos costumes; do direito, da politica, do governo, da economia, da arte, da litteratura e da lingua.

Faltava-lhe porém no seu vasto e poderoso cerebro a faculdade da generalisação. Não sabia tirar dos factos as leis de que elles são a funcção. Não sabia correlacionar. Não tinha o poder creador. Por esse motivo a isolação suffocava a efficiencia da sua actividade. Era um instrumento, cujo machinismo precioso parava sem a impulsão de energias concomitantes e confluentes. Mas a sociabilidade litteraria a que elle estava condemnado a submeter-se para ser uma força na civilisação, repugnava ao seu temperamento de uma susceptibilidade intransigente, aggravada por uma falsa educação.

Essa capacidade tão prodigiosa de contensão,

de investigação, de exame, de absorção de idéas, estava na sua natureza alliada a um temperamento caprichoso e feminil. Extremamente lymphatico, tendo sido epileptico na infancia, não poderia fatalmente deixar de ser o que era: um sentimentalista. A sentimentalidade foi o cachopo de todas os naufragios da sua inquieta e attribulada existencia.

A indifferença perante o conflicto é uma nobre virtude. Raros a possuem. O que succede com as naturezas vulgares é que a nossa resolução bôa, conscientemente reflectida, reforçada na mais legitima compenetração do dever, da dignidade, da honra, desmaia na conjunctura do conflicto que vae provocar entre amigos, entre companheiros, entre camaradas, e nós precisamos de reagir sobre nós mesmos com toda a força da nossa coragem para nos determinarmos a effectuar pela nossa iniciativa a explosão da crise irreconciliavel que presentimos latente, palpitante, dependente da palavra decisiva que por um dever de consciencia profundo e sagrado vamos lançar ao coração d'aquelles que nos rodeiam. Pois bem: essa virtude, tão rara, tão viril, de desmanchar implacavelmente prazeres para implantar controversias,

essa virtude, dizemos, possuía-a Soromenho no estado de uma exageração pathologica. O conflicto na convivencia social não somente lhe não repugnava mas attrahia-o— como succede ás mulheres nervosas.

Consideravam-o geralmente uma vibora. Elle era apenas uma creança. As suas violencias mais asperas procediam todas logicamente da sua sensibilidade doentamente delicada. Ninguem teve a injuria mais pronta pela mesma razão de que ninguem teve igualmente a compaixão mais facil. Ninguem proferiu improperios mais pungentes, mas tambem ninguem chorou lagrimas mais enternecidas. Os que o viram aggressivo e verberante nas sessões da Academia, nos conselhos do Lyceu Nacional e do Curso Superior de Lettras não conheceram senão metade d'essa physionomia tão caracteristicamente meridional nos traços moraes como nas fórmas physicas.

Era preciso ouvi-lo na intimidade da sua bibliotheca, no terceiro andar obscuro e modesto, conhecido de toda a mocidade estudiosa, terceiro andar a que tantas vezes subiram para fumar o cigarro democratico da camaradagem litteraria Lord Talbot, Lord Stanley, Gayangos,

o conde de Brandebourg e tantos outros estrangeiros e viajantes illustres, para os quaes aquella humilde casa de litterato, tão hospitaleira e tão pobre, tinha attractivos que não podiam proporcionar ás exigencias dos philosophos e dos principes, os mais brilhantes salões de Lisboa. Era preciso ouvil-o ahi dissipar em bonhomia e em sensibilidade todo o nervosismo do seu coração com a mesma prodigalidade com que nas assemblies officiaes acabara de dispender as violencias do seu cerebro imperfeitamente orientado.

Quando alludia á sua encantadora aldeia natal nas margens do Ave, perto da Villa do Conde, ás doces paizagens do Minho onde elle viajára alegremente a pé nos dias azues da sua mocidade; quando repetia o estribilho de uma saudosa cantiga, os versos melancolicos de uma lenda ou de um romance popular; quando narrava a volta de uma *esfolhada* nocturna, sob o luar, ouvindo o gotejar da agua no fundo da deveza e o canto dos rouxinoes atravez da espessura negra dos pomares; quando descrevia as madrugadas da caça ás perdizes no monte de S. Felix, ou as outras madrugadas mais alegres ainda das romarias minhotas, em que os clarinetes amanhecem antes dos melros, fazendo

dançar pelos caminhos as bellas raparigas lou-
ras; quando finalmente se referia aos compa-
nheiros, aos amigos, que deixara dispersos na
vida, os seus olhos de arabe, negros, rasgados,
contemplativos, marejavam-se-lhe de lagrimas, e
a sua voz cheia, incisiva e dominante, que nun-
ca tremia nem se velava no maximo arrebatam-
ento da colera, embargava-se-lhe em soluços,
estrangulada pela saudade ao recordar um com-
panheiro da infancia, um bom sitio amado, uma
velha canção querida.

Banido da Academia, banido da Torre do
Tombo, os dois unicos campos em que se podia
exercer com proveito e com honra da patria a
actividade da sua intelligencia, Augusto Soro-
menho foi enterrado vivo, e vivo foi sepultado
n'este medonho tumulo — o desprezo.

Nos seus ultimos tempos trabalhava ainda.
Trabalhou até o seu ultimo dia. Ha cerca de
um anno padecia uma dôr sternalgica, sympto-
matica do aneurisma. Esta dôr lancinante, que
o privava do movimento, forçando-o a parar
de repente na rua, obrigou-o a interromper an-
tes d'hontem de madrugada a leitura que estava
fazendo desde a meia noite na sua bibliotheca.
Acudiu-lhe a sua familia, chamou-se á pressa

um medico. Inutilmente. Elle estava morto.

Seria mais que omisso, seria infame, que, tendo conhecido Augusto Soromenho desde a sua infancia, o que escreve estas linhas deixasse de acrescentar que a reputação tão frequentemente discutida d'esse trabalhador desventurado foi sempre pura e immaculada aos olhos de quem o tratara intimamente durante o longo decurso de perto de trinta annos. O que faz este depoimento deseja para honra da humanidade que os Curcios e os Plutarcos encarregados de celebrar a vida e feitos dos Scipiões illustres e dos Catões celebres achem sempre nos seus heroes tantas qualidades desinteressadas e nobres para serem cobertas de rhetorica, quantas aquellas que em Augusto Soromenho foram deturpadas pela maledicencia.

Com este titulo — *Ao sr. Ramalho Ortigão* — publicou o *Diario da Manhã* o folhetim seguinte:

Os exames no Lyceu Nacional.— Os fins da educação — Um programma de ensino para o sexo feminino— Como se prepara a emancipação das mulheres— Duas catastrophes : o estado da litteratura feminina, e o estado da cozinha nacional— Grito afflictivo do paiz : menos odes e mais caldo.

Termina assim o summario do ultimo numero das *Farpas*. Qual de nós deixaria de ler com a maxima attenção um artigo escripto pelo sr. Ramalho, sobre assumptos de tanto interesse para o nosso sexo? nenhuma de certo. E para que se não diga com verdade que o grito afflictivo do paiz, do qual o sr. Ramalho se faz orgão, pedindo-nos caldo, não foi ouvido por uma só mulher portugueza, que, condoida, o soccorresse, venho por mim e em nome das senhoras portuenses, dar-lhe não só *caldo*, mas tambem *luz*, quo o alumie nas suas investigações ácerca d'um assumpto, que é realmente grave — a dyspepsia nacional, que s. ex.^a attribue á nossa ignorancia culinaria, fazendo assim pesar sobre nós, tão tremenda responsabilidade.

Se o assumpto de que se trata, não fosse realmente grave, contentar-nos-hiamos com o praser que nos dá sempre a leitura dos escriptos do sr. Ramalho, pela elegancia do seu estylo, e finura do seu espirito, e apenas diriamos, na nossa linguagem de cozinheiros: É pena que os escriptos do sr. Ramalho não sejam mais succulentos! são como os caldos feitos pelos cozinheiros francezes, de apparencia magnifica, depurados até á transparencia, muito aromatisados... mas sem substancia.

Quer-nos porem parecer, apesar da ironia com que o sr. Ramalho falla sempre de nós, que não tem razão para nos querer mal; e que como filho, esposo e irmão de se-

nhoras portuguezas, e por isso quasi nosso irmão, de-seja com certeza a nossa felicidade e se promptificaria da melhor vontade a fazer-nos um favor se lh'o pedissemos. Ouça-me pois.

Não ensine á sr.^a D. Jeronyma, nem a mulher nenhuma portugueza, como se faz esse alambicado caldo francez, tão purificado, que por fim como o proprio sr. Ramalho confessa, deixa de ser um alimento. Se tem amor á sua patria, anime-nos, e aconselhe-nos a que continuemos a fazer os classicos caldos portuguezes, succulentos e compactos como os faziam as nossas avós, e como nós todas ainda hoje sabemos fazer. Se o principal agente do temperamento d'um povo, do seu character e da formação das suas idéas, é, como s. ex.^a diz a sua alimentação, não esqueçamos que foi comendo esses caldos e quasi só com elles, que os energicos e valentes portuguezes contiveram sempre em respeito o poder de Castella, e que na Africa, e na Asia praticaram acções de tão prodigioso valor. E, descendo á historia dos nossos dias, lembre-se que os vultos grandiosos dos lidadores da epopéa da liberdade, apesar de alimentados pelo caldo nacional e então infelizmente bem magro, mostraram em cem combates a sua heroica energia, e sua valorosa audacia, sem que o estomago se incomodasse com a dyspepsia nacional. É só com caldo, e com bróa que todos os dias se alimentam aquí centenaes de homens do povo, que supportam, sem cansaço, nem fadiga, durante dez ou doze horas por dia, os mais rudes trabalhos; e comtudo não soffrem de dyspepsia. Será por terem *mulheres muito instruidas*, ou porque o *caldo que comem é preparado por cosinheiros de 5:000 francos?* deve ser por uma d'estas razões, visto que é o sr. Ramalho quem nol-o afirma.

A dyspepsia não é em Portugal uma doença nacional, é quasi privativa dos homens das classes elevadas — e quer que lhe digamos porque? Porque elles teem com raras excepções, uma mocidade dissipada; porque na idade dos quinze aos vinte annos, quando os rapazes inglezes e allemães fazem consistir o seu maior prazer em se exercitarem nos jogos athleticos, e todo o seu orgulho em serem vencedores n'uma corrida ou n'uma regata, os portuguezes vão descansar das lides do estudo nos bancos dos botequins e das tavernas, onde é considerado heroe aquelle que come e bebe mais brutalmente, e como deus o que engole successivamente vinte e um calices de licor ou cognac, o que na pittoresca phrascologia d'esses senhores se chama dar uma salva real! Desculpa-os porém o axioma do nosso codigo de educação: que é preciso dar muita cabeçada para vir a ser homem serio.

Conheço o sr. Ramalho, bem melhor do que nós, todos os perigos porque passam os rapazes desde que se emancipam da tutela materna, até que chegam a ser homens. Estude o meio de os livrar d'esses perigos, e de lhes regenerar os costumes, e verá que, quando chegarem a ser chefes de familia, seu natural destino, não precisarão do encontrar na esposa o braço forte que lhes seja amparo, e terão o estomago sãe como em crianças, podendo digerir perfeitamente um caldo, mesmo quando elle não seja *perfeitamente transparente*, e até quando tenha seus vestigios de gordura. Faça isto que lhe pedimos, e todas nós bendiremos o seu nome, pois d'este modo terá prestado um importantissimo serviço ao seu paiz.

O seu programma para a educação das mulheres parece-nos excellente para França, Inglaterra e outros paizes onde as meninas são educadas nos collegios, longe da

familia ; mas aqui onde em geral as crianças que os frequentam comem e dormem em casa, essa educação que nos habilita a ser boas *ménagères*, já que o sr. Ramalho gosta de francezismos, recebemol-a nós todas com o exemplo e lição de nossas mães.

Em Portugal onde todo o serviço domestico é geralmente feito em casa, todas nós sabemos como se lava, como se engomma, como se cozinha, como se faz doce, como se talha um vestido, etc. Mesmo as senhoras que não fazem esses serviços sabem como elles são feitos, pois desde crianças os viram fazer. O que não sabemos, lá isso não, é *differençar os diferentes generos de mobilia e o seu estylo característico nas epochas mais notaveis da arte ornamental*, etc. etc. ; mas em quanto considerarmos, como até agora, a vontade, e o gosto do dono da casa, a suprema lei que nos rege na escolha de todos esses artigos em que nos falla, deixaremos esses conhecimentos aos cuidados dos nossos maridos.

Em quanto á nossa educação moral, estamos convencidas que em paiz nenhum as mulheres são mais honestas, mais laboriosas, mais dedicadas, mais sobrias e economicas, mais submissas á vontade do marido que nós, e toda a eloquencia do sr. Ramalho não é capaz de abalar sequer a nossa convicção.

Em França e em Inglaterra ha muitas mulheres — por profissão — enfermeiras, aqui não as ha senão nos hospitaes, e nem se lhes sente a falta, porque em toda a casa onde ha uma mulher, quer ella seja mãe, esposa, filha, irmã, ou mesmo criada, ha uma enfermeira sollicita, carinhosa e dedicada, cuja coragem nem sequer vacilla ante os horrores do contagio, que tantas vezes aniquilla o animo de homens energeticos e audaciosos.

Para sabermos fazer prodigios de economia não precisamos de nos alistar n'uma escola ingleza, e, se o não soubessemos, a primeira mulher do povo que interrogassemos n'ol-o ensinaria. Tambem em Portugal se póde sustentar uma familia com 18,5600 réis por semana, mas n'essa familia — o chefe, que trabalha do nascer ao pôr do sol, sustenta-se comendo tres tigellas de caldo que lhe custam 10 réis cada uma, 20 réis de sardinhas, e 40 réis de b. óa por dia : total 90 réis.

Convença os homens, com a sua deslumbrante eloquencia, de que este alimento é muito sufficiente para lhes conservar robustas as forças vitaes, e verá como nós todas fazemos economias prodigiosas, e como uma casa deixará de ser uma *lôba* para se transformar n'uma *burra*.

Mas se considera como o ideal da perfeição na mulher, ser ella o *braço forte* e *escudo da familia*, tambem lhe podemos aqui apontar numerosos exemplos d'essas. As mulheres de Avintes passeam os dias remando e guiando barcos no nosso Douro para ganhar o pão dos filhos, em quanto os maridos ficam em casa cosinhando : já vê que para qualquer de nós realizar o seu ideal basta casar em Avintes.

A educação intellectual das mulheres, quando ellas se não dediquem a ser mestras, póde, e até deve, assim como a moral, receber, como complemento necessario, as lições dos homens de quem forem esposas. Assim reconhecendo no marido superioridade em tudo, até mesmo nos conhecimentos litterarios, ser-lhes-ha mais facil ter por el e esse respeito que a religião e a sociedade nos impõem como o primeiro dever da esposa.

Em quanto á emancipação das mulheres, esse sonho dourado das senhoras inglezas — nós, menos profundas pensadoras, não o queremos.

Entendemos que a natureza, que nos obriga a soffrer cruciantes dores physicas para att'ngirmos o apogeo da nossa gloria—o ser mãe, nos ensina a todas, que a nossa missão na terra, é saber soffrer e amar, por isso beijamos com os olhos rasos de lagrimas de alegria o filho que acaba de nos fazer soffrer as dôres da maternidade, e abençoamos reconhecidas a mão que prende as nossas algemas de escravas, quando essa mão é a de um homem, em quem passados os enthusiasmos da paixão, encontramos as solidas virtudes que apreciamos e respeitamos.

Regenerados os costumes dos homens, a familia portugueza, constituida como até agora, poderia ser apresentada como modelo ás nações mais civilizadas da Europa.

Filhos ambos da mesma terra, e quasi da mesma idade, considero-me sua irmã e como tal deixo-me dar-lhe um conselho. Se eu tivesse a sua intelligencia, inquestionavelmente uma das mais brilhantes do paiz, essa sua robustez physica, a sua grande cabeça na qual o chapéo de Thiers ou de Bismark assentaria perfeitamente, dedicarme-hia a escrever livros, que fossem mais uteis do que agradaveis, e deixaria aos palhaços dos circos o trabalho de fazer rir o publico.

Em paga de todos os favores, que lhe peço, prometto fazer-lhe só um, mas esse importantissimo.

Não dizer a nenhuma senhora portugueza com que caldo cresceu e medrou o sr. Ramalho, senão julgal-o-hiam tão criminoso como quem maldiz dos seus.

Sua

Irmã de Caridade.

Reproduzimos esse importante folhetim porque nos asseguram que effectivamente é escripto por uma senhora. Sob este ponto de vista elle é para nós de um valor inestimavel. Esse folhetim é a mulher. Não somos já agora nós que tenhamos de dar-nos ao trabalho delicado e subtil de a retratar. E' ella mesma que vem reproduzir-se n'estas paginas como n'um espelho. Esta imagem directa do vivo constitue a mais preciosa aquisição da nossa galeria. Não somos nós que a descrevemos, que a phantasiamos, deturpando-a talvez na pureza da sua linha por meio de um lapis suspeito de inhabilidade ou de má fé. Vêem que é ella mesma que apparece, que faz o favor de mostrar-se viva, a corpo inteiro, na sua prosa como atravez de um vidro. Queiram approximar-se, meus senhores! queiram approximar-se! espreitem por este buraco e vejam-a!

Ahi a teem! E' assim que ella é. Não ha artificio, não ha preparo, não ha processo nenhum de stylo para a fazer melhor ou peor do que a realidade mesma. Reparem bem, meus senhores, que não é Proudhon que a desereve, não

é Courbet que a pinta, não é Offenbach que a põe em musica. E' ella mesma, ella em pessoa, que corre uma cortina e apparece.

O que estaes contemplando é a obra da direcção mental que nós mesmos imprimimos ao nosso tempo, é o fructo legítimo e authentico da philosophia, da litteratura, da arte, da corrente geral de idéas que temos produzido e impulsionado: é a nossa mulher tal como nol-a fizeram os contactos da nossa convivencia—a escola, o jornal, o livro. Revéde-vos na vossa obra.

Esse curioso ente representa a somma de vinte annos de poesia lyrica e de pó de arroz, de rhetorica e de *chic*, de doce d'ovos e de cuia, de recitação ao piano e de tacões Luiz xv, de collegio nacional e de *cold-cream*, de figurino e d'agua morna. Glorioso conjuncto.

Vede que lucidez de razão! que firmeza de criterio! que contensão de raciocinio! Como se adivinha bem no poder d'essas faculdades intellectuaes a circulação facil e viva atravez da rede dos nervos encephalicos de um sangue opulento e forte! A mente sã que tão vigorosamente se affirma no curioso trecho litterario que acabaes de ler presume o organismo mais perfeito, o corpo mais denso, o musculo mais

racionalmente exercitado por uma sabia hygiene. Pela sua forte maneira de pensar podeis ajuizar com segurança da sua forte maneira de viver. Vede e applaudi! Applaudi-a a ella pelo que aprendeu; applaudi-vos a vós mesmo pelo que lhe ensinastes.

*

Esta senhora, em nome de todas as outras senhoras, das quaes ella se diz interprete, dirige-se ás *Farpas* na pessoa do seu auctor.

O que são as *Farpas* com relação ás mulheres?

As *Farpas* são a publicação periodica—unica em Portugal—que em artigos consecutivos desde a sua apparição até hoje se tem constantemente consagrado por meio dos seus processos de critica á reconstituição dos costumes e á reorganisação da familia segundo o criterio porque se dirigem as sociedades modernas; ellas teem combatido violentamente o divorcio; teem despojado o adulterio da clamyde dramatica em que tantas vezes o envolve a poesia doentia, para o flagellarem pelo ridiculo na sua torpeza nua; teem honrado o casamento indissolavel como sendo a mais sagrada das instituições perante a

dignidade humana; tem fulminado o celibato como um aleijão physiologico e social; tem dado como base á emancipação da mulher a instrução pratica, tão deficiente, e a alta cultura do espirito, tão negligentemente descurada na antiga educação; tem-lhe ensinado que é aprendendo desveladamente a ser util que ella descobrirá o segredo de ser verdadeiramente e eternamente amada; tem sollicitado a sua collaboração no estudo dos modernos problemas sociaes como factor indispensavel á fixação do nosso destino; tem pedido instantemente para ella a fundação de novas escolas de ensino especial e de ensino superior; tem-lhe dirigido constantemente durante cinco ou seis annos palavras graves, affectuosas, sinceras; tem-lhe fallado, como velhas amigas dedicadas, dos seus interesses mais caros: das bonecas das suas filhas, dos jantares de seu marido, dos arranjos da sua casa, da cosinha, do jardim, da adega, do armario das roupas brancas, do valor dos alimentos, da ordem, da economia domestica, etc.; tem-lhe feito presente de uma infinidade de theorias, de noções, de projectos, de systemas, de programmas completos, imperfeitamente concebidos—é claro—mas demonstrando

uma dedicação excepcional, por isso que nenhuma das publicações periodicas que precederam esta se dirigiu jámais ás mulheres a não ser para lhes consagrar romances de uma moralidade suspeita ou versos de uma honestidade duvidosa.

Depois de publicados cerca de quarenta volumes da collecção das *Farpas* uma senhora tem finalmente alguma cousa que dizer ao auctor, e manda-lhe o seguinte conselho como resumo da opinião collectiva de todas as damas portuguezas:

«Que elle trate d'outro officio e deixe aos *palhaços dos circos* o trabalho a que até aqui se tem dado de fazer rir os outros!»

Este simples conselho é como um relampago nas trevas do nosso espirito. Elle de per si só basta para nos convencer de que a educação das senhoras portuguezas não só é igual—como a auctora modestamente formúla—á das primeiras mulheres estrangeiras, mas que póde mesmo considerar-se-lhe superior. Effectivamente madame Sand, madame de Girardin, Lady Morgan não tiveram nunca para dirigir a um escriptor qualquer — amigo ou adversario — uma palavra tão lucida, tão conceituosa, tão

profunda e ao mesmo tempo tão finamente aristocratica, tão nobremente distincta como aquella com que somos honrados pelo criterio da nossa illustre compatriota. Sua excellencia entende que não somos mais que *um palhaço de circo*, opinião profundamente philosophica. E' talvez isso mesmo o que todas as mulheres estrangeiras pensariam se nos lessem. E' natural porem que ellas tivessem achado entre as suas perolas, entre as suas rendas, por baixo das suas luvas, no fundo de algum velho cofre perfumado, de alguma doce gaveta esquecida, entre as mimozas recordações perdidas da sua carteira ou do seu coração, um pequeno meio qualquer de não chamarem completamente *palhaço* com todas as suas cinco letras e a sua respectiva cedilha, *p-a-l-h-a-ç-o* a um homem a quem os seus maridos lhes houvessem permitido dirigir uma carta pela imprensa.

Sua excellencia a illustre escriptora portuense tem da dignidade alheia e da sua propria dignidade uma comprehensão diversa, que não podemos deixar de attribuir com orgulho patriotico á influencia local da rua de Cedofeita sobre os requintes da delicadeza feminina.



Não é menos original nem menos profundo o modo como a nossa distincta compatriota contesta a conveniencia de ensinar physiologia humana e chimica culinaria ás meninas portuguezas. Se sua excellencia tivesse effectivamente a instrucção que nós pretendemos que se lhe devedar; se sua excellencia houvesse comprehendido que a mais nobre missão da mulher é, como diz Michelet, a de alimentar o homem; se para nos provar que estava apta para cumprir no seio da sua familia essa missão, sua excellencia nos convencesse de que conhecia a synthese chimica da nutrição, a evolução cellular, a relação existente entre os phenomenos da nutrição e do desenvolvimento, do movimento e da combustão; se nos mostrasse que estava habilitada a distinguir os principios alimentares pelas suas classificações mais genericas, os que fornecem o calor e a força e os que ministram os alimentos reparadores; se nos revelasse que sabia dirigir technicamente um jantar, ou fazer pelo menos um simples caldo, por lhe terem passado pelos olhos, uma vez pelo menos, alguns dos eminentes trabalhos consagrados a este

assumpto essencialmente vital pelo sr. Gautier, que fez um tratado de chimica applicada á hygiene, pelos srs. Moleschott e Geoffroy Saint-Hilaire nas suas cartas sobre as substancias alimenticias, pelo sr. Champouillon na sua *Hygiene alimentar*, pelo sr. Claude Bernard nas suas lições e conferencias, pelo sr. Bouchardat na sua memoria sobre a alimentação insufficiente, pelos srs. Liebig, Payen, Fonssagrives, Gustave le Bon, Letheby, Marvaud, Michel Levy, Coulier, Lacassagne, Fleury, Motard, Wurtz, etc.; se sua excellencia possuisse finalmente — ainda que no estado da mais ligeira tintura — alguma das noções em que se basea a theoria da cosinha, que é um dos mais importantes factos da hygiene ou da physiologia applicada, o seu voto n'esse caso poderia ter discussão.

A brilhante ausencia de ideias que sua excellencia manifesta sobre este assumpto dá ao seu voto um character irrevogavel, que não pode infundir nos adversarios senão admiração e respeito.

E' inutil que Smith por um lado e o doutor Byasson por outro se tenham dado ao trabalho de reconhecer por meio de experiencias feitas sobre o seu proprio organismo qual o dispendio de carbone e de azote em cada hora, já dor-

mindu, já caminhando, já executando um trabalho mental ou muscular, para regular sobre este dispendio a ração alimentar de cada individuo. E' inutil que o doutor Franckland e Payen tenham feito as analyses mais escrupulosas para nos darem um quadro do valor nutritivo dos diversos alimentos e da quantidade de força e de calor desenvolvida pela oxydação d'elles. E' inutil que o doutor Chenu e o doutor Shimplon nos tenham mostrado pela comparação das estatisticas da salubridade nas campanhas da Criméa e da Italia o extraordinario poder da qualidade da alimentação sobre a saude e sobre a energia dos soldados. E' inutil que pelo estudo de iguaes estatisticas com relação á alimentação de operarios empregados nas grandes industrias se tenha provado que da qualidade da alimentação resulta o augmento ou a diminuição de 20 a 30 por cento no trabalho de cada homem. E' inutil que Geoffroy Saint-Hilaire nos tenha dito: «Quantos factos na vida das nações attribuidos pelos historiadores a diversas causas complexas e cujo segredo reside simplesmente na cosinha das familias!» E' inutil que toda a sciencia, tenha provado que a maioria dos crimes e dos vicios se deve attri-

buir em cada sociedade ao seu regimen alimenticio; que o uso dos alimentos nervinos é uma necessidade inviolavel na rude concorrência vital do nosso tempo; que é indispensavel perante a moral e perante a justiça melhorar a alimentação dos trabalhadores facilitando-lhes a aquisição dos alimentos plasticos e reparadores geralmente insufficientes na sua economia. E' inutil que em todos os paizes civilizados os sabios os philosophos, os estadistas procurem por todos os meios de vulgarisação e de associação chamar a attenção das mulheres para o estudo e para a resolução d'esse grave problema cuja sede é a cosinha. E' inutil tudo quanto se tenha allegado e quanto possa allegar-se para convencer esta illustre senhora portuense da vantagem que resultaria para os seus semelhantes do facto de ella aprender a fazer caldo um pouco menos empiricamente do que por tel-o visto fazer á cozinheira da sua avó.

Sua excellencia tem para manter a inalteravel tradição sobre os methodos de deitar a carne á panella nas cosinhas da sua rua este argumento supremo: Foi com essa panella á frente que os portuguezes contiveram em respeito o poder de Castella e praticaram prodigios

de valor na Asia, na Africa e na Epopea da Liberdade. Segundo sua excellencia foi abraçados á travessa do cosido que nossos avós descobriram a India e que os paes de uns de nós resistiram aos paes dos outros durante o cerco do Porto. Os vencidos jantavam no *Bignon* ou no *Café Anglais*.

Em presença d'essa logica de ferro submettemo-nos humilhados e reverentes. Uma vez que as coisas se passaram como sua excellencia afirma, nada se nos offerece retorquir. Mantenha-se o *statu quo* na perfeita educação da mulher portugueza. Continue sua excellencia a imaginar que sabe cosinhar, que sabe lavar a roupa, que sabe talhar um vestido e que sabe tambem — ó legitimo orgulho! — *fazer doce*. — De mais a mais — notem — sua excellencia faz doce!

Não! positivamente nada se nos offerece retorquir-lhe. Faz doce? Bem. Não precisa de saber mais nada. Ahi tem sua excellencia uma opinião que lhe garantirá «assolidas virtudes que seu marido desenvolver no lar domestico passados os enthusiasmos da paixão»: — sua excellencia gosta de assucar!

Quem sabe se não será por um effeito do atavismo sobre a gula que os meninos de quinze

annos de quem sua excellencia nos falla vão beber licores para os botequins ?

As mães dos que amam os jogos athleticos e as proezas musculares teem ellas mesmas não a opinião do assucar mas sim a do *roast-beef* e da agua fria; não fazem doce, fazem gymnastica, e não ensinam os filhos unicamente a comer marmelada, a ir á novena e a não metter os pés nas poças; ensinam-lhes o cricket, a natação e o *box*, dão-lhes desde a idade mais tenra os habitos mais viris, e, como sabem impedir que elles vão para os botequins, não costumam encarregar os criticos de lh'os ir lá buscar.

*

Sua excellencia não se recusa unicamente a aprender a fazer bom caldo segundo os preceitos de Liebig, que nós lhe aconselhamos suppondo que Liebig, um dos primeiros chimicos do mundo, sempre saberia um pouco mais d'isso do que o Antonio das Mòças, celebre inculcador de cosinheiras, encarregado de ministrar ás donas de casa portuenses as suas mestras da arte culinaria. Sua excellencia não só não quer fazer caldo em termos para seu marido, mas nem

mesmo quer escolher a mobilia, comprar os pratos e os copos, determinar a differença de côr nos estofos do salão e da sala de jantar, tornar a casa alegre, ridente, aprasivel e digna, pagando assim em elegancia, em delicadeza e em bom gosto á sociedade conjugal um serviço igual áquelle que recebe d'ella em protecção, em trabalho e em força. Sua excellencia prefere *deixar todos esses conhecimentos aos cuidados do dono da casa (1) cuja vontade considera a lei suprema na escolha de todos os artigos!*

Ficariamos na mais inquietadora duvida acerca das funcções que sua excellencia deseja exercer no lar domestico, se ella mesma não tivesse a bondade de nos explicar que a occupação para que se reserva é a de *abençoar agradecida a mão que prende as suas algemas de escrava (1)*

O que nos parece é que esse mister exclusivo de sua excellencia não promette uma existencia bem divertida em familia ao portador das suas algemas!

Se fossemos seu marido declaramos que nos desquitariamos se sua excellencia recusasse aprender pelo menos, alem de abençoar os ferros, a jogar a bisca. O nosso temperamento não nos permittiria estar a dar-lhe constantemente

o grilhão a abençoar; quereríamos ter a faculdade de poder dar-lhe tambem, de quando em quando, para variar, uma bôa rôlha.

*

O folhetim de sua excellencia termina com uma allusão pessoal á nossa robustez physica e ao caldo que nol-a creou. Sobre este ponto pedimos licença para ministrar alguns breves esclarecimentos biographicos:

Eu — pois que é bom prectisar a clareza dos numeros — eu, auctor d'estas linhas, não me creei no regimen dietetico do Chiado ou da Calçada dos Clerigos. Não, minha senhora: eu creei-me no caldo d'unto e na broa dos homens do campo. Estou prevendo que sua excellencia tirará d'este facto a conclusão maliciosa de que não tomei chá em pequeno. Que sua excellencia não hesite um momento em tirar tal conclusão! E' até favor que me faz — para simplificar os dados do problema — o partir do principio de que não tomei esse chá.

Agora o que tomei, foi o bom ar puro, saudavel e honesto da querida courella onde nasci e em que me creei. Entre os preciosos alimentos

mineraes de que me nutria havia um principio de primeira importancia para o perfeito desenvolvimento do meu arcabouço: — o phosphato de cal, que eu ingeria em grandes dozes.

A nossa casa, cercada d'arvores, no meio de campos, não tinha saguão, não tinha visinhas de cuia de retroz e de sapatos achichelados, não tinha pia.

A vida que cercou a minha infancia era simples, rude, poderosa, como o grande ar vivificante que me envolvia. Dos homens da minha familia o primeiro plunitivo sou eu. As mulheres eram ingenuas creaturas que, sem terem lido nunca Proudhon ou Taine, sem conhecer nenhuma das theorias dos modernos moralistas tinham todavia comprehendido e assimilado por um instincto cheio de lucidez, os dois principaes deveres de uma mulher: Primeiro ser saudavel; Segundo não ser conhecida. No interior da sua casa eram admiraveis exemplos de dignidade, de trabalho, d'ordem, de economia, de bom humor. Madrugavam como as cotovias e nunca o velho piano de cauda, que eu conheci ao canto da sala grande, deixou de se fechar de memoria d'homens ás 10 horas da noite, o mais tardar. Não se desprezavam de

cultivar, ellas mesmas, os seus canteiros de tulipas e de cravos, e eu seria o primeiro dos artistas portuguezes se conseguisse um dia condensar n'um livro toda a somma de methodo, de ordem, de execução esthetica, de picante espirito pittoresco, de risonha graça, de que era modelo a incomparavel cosinha da minha avó, — aberta ao nivel do pateo defronte do poço, cheia das alegrias scintillantes do sol e do balsamico perfume dos limoeiros; enfumada, com os dois escabellos de carvalho de cada lado da borralheira sobre o vasto lar de granito; a enorme capoeira onde se espanejavam os capões; os trophes ornamentaes dos instrumentos agricolas; as prateleiras da louça reluzente; o cortiço da barrela e a masseira do pão a um canto; os bambolins de paiós e de presuntos do fumeiro suspensos do tecto; a comprida meza dos môços da lavoura tendo em cima a grande celha com a braçada verde dos frescos legumes picada com as pintas douradas das cenouras entre as aveludadas e gordas efflorescencias dos broculos; e no meio d'isso a intervenção periodica do mendigo de estrada, de alforge ao pescoço, que vinha encher a sua escudela de batatas ou de caldo, em quantô os pardaes mais atrevidos iam sem pedir esmola

debeicar a broa do balaio na testada do forno.

Esse conjuncto exhalava uma penetrante sensação de tepido aconchego, de suave alegria, de inalteravel paz; inspirava sentimentos praticos e honestos; era o complemento e o commentario vivo das velhas historias contadas á lareira; infundia o respeito da tradição; dava o amor da familia; explicava o amor á terra da patria pela dedicação ás quatro braças de solo cobertas por esse velho tecto.

A cosinha de minha avó era finalmente uma profunda obra d'arte, da qual os mais bellos quadros da escola flamenga, tão penetrados como são da poesia domestica, não poderam dar-me jámais senão uma ideia desbotada e fria. Escuso de acrescentar que toda a obra de quantas litteratas tem havido em Portugal não pode senão fazer-me sorrir comparada á obra modesta de minha avó, que ella tirou n'um precioso exemplar unico para a educação das suas filhas, para a fixação do respeito, da veneração e da saudade eterna dos seus netos.

A minha robustez physica é o mais contra-productente dos argumentos que a minha contraditora pedia adduzir em favor da sua doutrina. Diz Hahnmann que a fraqueza do homem prin-

cipia sempre na fraqueza da mãe. A minha robustez devo-a eu a descender de uma vigorosa raça de mulheres, que os nobres cuidados da sua casa e da sua familia tiveram sempre ao abrigo das sentimentalidades enervantes e das publicidades burlescas: poucas vezes empallideceram nos bailes e não tiveram nunca de que corar nos folhetins dos periodicos.

Terminando, agradeço de novo os conselhos de sua excellencia a illustre escriptora minha patricia, mas peço licença para os não seguir. Continuaré a fazer rir os outros, o que me não impedirá de fazer tambem chorar alguns, uma ou outra vez, quando fôr preciso.

Por occasião da visita de el-rei á Escola Polytechnica funcionou o telephonio entre uma das salas da Escola e o Observatorio da Tapada.

— Approximando-se do novo aparelho transmissor dos sons, dizem os jornaes que sua magestade ouvira — um solo de cornetim!

Houve primeiro duvida sobre se o fio ligava a Escola Polytechnica com o Observatorio Astronomico ou se a ligava com a phylarmonica *União e Capricho*. O solo era effectivamente executado pelo Observatorio. Emquanto a astronomia tocava cornetim é natural que, em compensação, a arte musical se occupasse em determinar uma parallaxe.

A unica cousa que extranhamos é que o Observatorio não observasse entre as suas peças de musica alguma coisa mais interessante para transmittir a el-rei do que o proprio hymno do mesmo angusto senhor.

Que o Observatorio cultive a especialidade do cornetim, perfeitamente de accordo! mas que elle cultive igualmente a especialidade do hymno parece-nos um abuso que o principe não levará a bem.

Reflectiu por acaso o Observatorio no que é o hymno para um cerebro coroado? Cremos que o Observatorio não desceu ainda com as suas conjecturas ao fundo d'esse abysmo E' horroroso.

Para os cerebros coroados o hymno equivale a uma enfermidade monstruosa. O observatorio faz certamente ideia do que é ter zumbidos, não é verdade ? Pois ter hymno é peor. E' ter constantemente, durante toda a vida, em casa, na rua, em viagem, nas cidades, nas villas, nas aldeias, sobre as proprias aguas do mar, sempre, por toda a parte como doença chronica, como affecção incuravel do nervo acustico, a audiçãõ do mesmo trecho de musica ! — O que deve levar paulatinamente á loucura.

Que o Observatorio se compadeça do infeliz principe condemnado a tão inco mportavel flagello ! O Observatorio ha de ter conhecimento das contrariedades que amarguram a existencia: o Observatorio ha de ter faltas de dinheiro, ha de ter con stipações, ha de ter dores de dentes, ha de ter calos. O principe tem tudo isto, e demais a mais tambem tem hymno. Poupe-mol-o ao desgosto de o fazer acompanhar pelo seu triste mal às regiões da sciencia ! Inlijamõs-lhe o solo, visto que não ha outro remedio, mas perdoemos-lhe por esta vez o hymno ! Sejamõs terriveis, mas sejamõs justos ! A providencia collocou-nos na mão o cornetim. O monarcha presta-nos submissamente o seu real ouvido. Não abusemos

d'esse instrumento poderoso e d'essa orelha innocente! Compenetremo-nos da tremenda responsabilidade que pesa sobre nossas cabeças! Somos cornetistas, mas somos tambem astrónomos... Toquemos o *Pirolito!*

E a posteridade nos abençoará.

Ha tempos que na sociedade portugueza se notava esta grande falta: A hydra da reacção desaparecera da orbita dos conflictos do poder politico e do poder clerical. Os srs. ministros, reunindo-se em cada manhã nas secretarias do Terreiro do Paço, perguntavam angustiadamente uns aos outros:

— Não viram por ahi a hydra?

Ninguem a tinha visto por ali. Os joanetes do sr. Barros e Cunha entumeciam de impaciencia por não poderem esmagar o monstro; e o sr. Mexia, sem hydra que accommetter, sentia-se calvar de humilhação na sua dupla quali-

dade de ministro dos negocios ecclesiasticos e de preterito imperfeito do verbo Mexer.

*

N'esta conjunctura por tantos titulos dolorosa o sr. marquez d'Avila, presidente do conselho, tomou uma resolução heroica : determinou ser hydra do meio dia por deante. E principiou a accumular engenhosamente as suas funcções de bicha ultramontana com as suas funcções administrativas de homem de estado. Pela manhã s. ex.^a governa. De tarde s. ex.^a rabêa.

Eis um dos resultados da dualidade que s. ex.^a se dignou de assumir para salvar a situação da falta da hydra :

*

O serviço dos enterramentos era feito em Lisboa na mais perfeita paz. Catholicos e não catholicos eram levados para o cemiterio municipal pelos seus respectivos padres ou simplesmente pelos seus amigos ou pelos seus parentes, e todos tinham o seu lugar na cidade dos mortos como o haviam tido na cidade dos vivos. Pedia apenas d'esse facto uma pequena

questão canonica que o sr. patriarcha de Lisboa resolveu do modo mais exemplarmente sensato, ordenando que, visto considerar-se o cemiterio como uma instituição municipal, os parochos benzessem as sepulturas dos que desejassem repousar em terreno sagrado, e não benzessem as d'aquelles que se contentassem com uma modesta cova simplesmente civil. Não tinha jámais de intervir a policia. O ministerio do reino estava a esse respeito completamente socegado em sua secretaria. Finalmente podia-se morrer em Lisboa só pelo gosto de ser tão tranquillamente enterrado.

N'isto o sr. presidente do conselho sobrevem na sua fórma de hydra e determina em favor da morte catholica a creação de um muro semelhante ao que o sr. Guillomin imaginou para abrigo da vida privada. A camara municipal de Lisboa reune-se para dar cumprimento á portaria de s. ex.^a e discutir o modo de levantar o muro. Propõem-se a tal respeito varios alvitres sobre os quaes predomina em ultima analyse o do sr. dr. Jardim.

*

Era previsto que o sr. Jardim seria o vencedor n'este pleito. Concorrem de facto n'esse ca-

valheiro todas as condições que se requisitam para o triumpho. Em primeiro logar, pelo lado physico, elle dispõe da primeira cabelleira do paiz. Em segundo logar, pelo lado intellectual, elle tem uma formula. A sua formula é esta : «... *O bucentauro do progresso rasgando os flancos da montanha...* » Sempre que esse homem terrivel arroja para traz das orelhas a sua cabelleira e descarrega sobre os auditorios a sua formula, a victoria é d'elle. A sua existencia tem sido uma serie nunca interrompida de triumphos, alcançados pela sua cabelleira e pela sua formula. Foi pintando cheio de cabello e de ardor o *bucentauro do progresso rasgando os flancos da montanha* que elle triumphou no quinto anno da sua formatura em direito, na defeza das suas theses de doutoramento, na exhibição das provas do seu concurso para lente da universidade, nas reuniões das associações operarias e phylarmonicas de Coimbra, nos conselhos fiscaes dos bancos hypothecario e de Lisboa e Açores, nas suas eternas prelecções sobre o terceiro estado, e finalmente na discussão do muro Guillomin da morte catholica ordenado por s. ex.^a a nobre hydra de Avila e Bolama.

*

Foi baseado nos seus principios de direito administrativo e de direito canonico extraidos do *bucentauro do progresso rasgando os flancos da montanha*, e ardendo em zelo pela sua alta comprehensão scientifica e philosophica do phenomeno social da religião e do facto biologico da morte, — comprehensão egualmente haurida do já alludido bucentauro rasgando os supracitados flancos, — que s. ex.^a o sr. doutor convenceu a vereação lisbonense a approvar não só a criação de um muro — o que á hydra parecera sufficiente — mas a de quatro muros, o que ao bucentauro ainda parece pouco.

O muro primitivo da hydra com os tres muros complementares do sr. Jardim fecharão o recinto destinado de ora avante aos enterramentos de todos aquelles que morrerem fóra do gremio da religião catholica apostolica romana.

*

Nós suppunhamos que o caracteristico religioso que distingue um catholico dos membros de qualquer das outras cinco mil seitas religio-

sas que cobrem a superficie da terra era um factó dos dominios exclusivos da consciencia; que esse character desaparecia no limiar do obscuro portico infinito onde pára a vida; que o cadaver deixava de ter uma religião, cessava de pertencer á igreja, para pertencer exclusivamente á chimica. Suppunhamos que o cemiterio, considerado não só pelo seu lado civil mas mais principalmente ainda pela intenção do seu instituto christão, era o campo sagrado do respeito, da tolerancia, do esquecimento de toda a discrepancia de idéas, de toda a offensa, de toda a injuria, a mansão eterna do perdão e do amor para todos aquelles que padeceram na terra as amarguras communs da grande humanidade coberta em toda a redondeza do orbe pela larga benção incondicional de Jesus.

Estavamos grosseiramente illudidos. O cemiterio, o cemiterio de Lisboa, pelo menos, o dos Prazeres ou o do Alto de S. João, é puramente um recinto de character official, destinado á fermentação exclusiva das podridões privilegiadas.

Um sr. conselheiro, por exemplo, que morre hydropico na sua cama, bem unguido pela liberalidade amiga do seu cura, bem chapinhado em agua benta pelo compadrio do seu prior,

correcta e apparatusamente amortalhado, com as suas calças de galão de ouro duplamente rete-sadas pela inchação e pelas presilhas, com a sua farda vestida, a sua barba feita, a commenda no peito, o espadim ao lado, o chapéo armado aos pés, o cordão da ordem terceira de S. Francisco á cinta, vae legitimamente e no uso do mais sagrado direito para o cemiterio, a esperar na morte a trombeta da resurreição da carne, como esperou na vida a hora da sua repartição. No dia da chamada geral no valle de Josaphat elle porá na cabeça o seu chapéo de bicos e irá tomar o competente logar na gloria eterna, na bancada dos conselheiros, á mão direita de Deus Padre Todo Poderoso.

Mas tu, miseravel canalha, tu, concebido no monturo e dado á luz no cano do esgoto, tu que não conhecestes pae nem mãe, producto espontaneo da grande immundice anonyma, apparecido como a flor da febre á superficie do pantano, tu que não recebeste baptismo, nem confirmação, nem ordem, nem matrimonio, nenhum finalmente d'esses preciosos beneficios que abrem o céo e que a igreja confere por uma tarifa de preços superiores aos teus capitaes, tu, não tinhas no cemiterio de Lisboa senão um logar

usurpado, roubado indignamente ás pessoas de bem. Estoiraste para um canto no enchurro em certa noite de inverno. Viveste e morreste fóra dos sacramentos da nossa Santa Madre Igreja. És como um cão. A tua natureza humana não é a da outra gente. A tua podridão não é a da cabelleira do sr. Jardim nem a do abafadoiro do sr. marquez de Avila. Tu és uma besta. És peor ainda : és um impio. Vão conceder-te agora um quintal para ires para debaixo da terra para a estrumeira execranda dos atheus. Muito favor te fazem estes bons senhores em te não remetterem ás equarissagens para o esfollo! Ainda que, por outro lado, na equarissagem, esfolado, distillado, amanhado convenientemente, podias ainda ter o prazer de uma sobrevivencia industrial, util ao teu proximo. Os teus principios chimicos, o teu hydrogenio, o teu oxigenio, o teu carbone, o teu azote, poderiam achar uma applicação pratica e dcente. Poderias aspirar na tua *outra vida* a abotoar com os teus ossos as calças do sr. marquez de Avila e o lustrar com as tuas banhas a cabelleira do sr. Jardim e de outros doutores da camara municipal e da igreja. Na estrumeira dos impios que te destinam nada mais serás do que um eterno objecto

de execração e de horror para os teus concidãos. Quando passarem por cima da tua cova os homens sérios, a quem está promettido o céu sob a palavra de honra do padre Marnoco e de outros ecclesiasticos, elles cuspirão sobre a tua dissolução infecta. As mães passarão de longe, correndo, com os seus filhos pela mão, fazendo-te figas. As velhas senhoras aristocraticas, entrevendo de passagem o teu cypreste agoirento, benzer-se-hão com as suas finas mãos pallidas e rezarão os esconjuros mais efficazes no fundo tepido dos seus ligeiros *coupés*. Assim como as abençoadas sepulturas dos santos fazem os benignos milagres, a tua sepultura dará os horrendos enguiços. E eu te affirmo que ainda havemos de vêr aquelles que eram cegos e que recuperaram a vista abraçando-se ás sagradas reliquias de um bom santo, perderem-a outra vez por a prostituirem affirmando-se nas vegetações malignas cujas raizes se tenham contaminado no teu humus perverso! Finalmente serás detestado, abominado, execrado, maldito, — cem mil vezes maldito pelos homens, pelas mulheres, pelas creanças, pela cidade inteira.

E cuidas tu, miseravel, que poderás encontrar um dia na eterna justiça inviolavel a com-

pensação d'este desprezo systematisado, d'este rancor que é um regulamento municipal, d'este odio que é uma lei do reino? Como te enganas! O que tem de te succeder é irremissivelmente o seguinte:

No dia do juizo final tu ouvirás na profundidade do teu estrume o canglor da enorme trombeta mais longa que a via lactea, soprada por um anjo que desde o principio do mundo terá estado a recolher no pulmão para os expellir n'esse instante, todos os estampidos da natureza, todos os bramidos do mar, todas as erupções dos vulcões, todas as quedas das catadupas, todos os estrondos reunidos do vendaval, do trovão e do raio. Não terás remedio senão acordar, — quer queiras, quer não — do teu pesado somno da materia bruta. Serás levado á revista do grande valle por dois ceruleos cherubins de pequenas azas luminosas suspensas nas espaldas como moxilasinhas feitas da pennugem do sol. Esses cherubins dir-te-hão com a sua doce voz pollida, affectuosa, mas vibrante: «Vocemecê ha de ter a bondade de passar ali para a mão esquerda de Deus Padre porque é condemnado.» Tentarás escapulir-te, safar-te para a podridão de que tinhas vindo. Appellarás

para o juiz supremo. O arbitro da eterna justiça inquebrantavel cravará em ti os seus olhos. Tu o verás tambem a elle, com a sua longa barba que envolverá toda a terra, o seu bigode de interminaveis nuvens grisalhas, de cujas guias, ao contacto dos seus dedos, chisparão os raios na amplidão infinita. Ouvirás a sua grande voz, cujas syllabas cairão na tua alma, a uma por uma, mais pesadas que o Monte Branco e que o Nevado de Sorata. Elle dirá: — «Deram-lhe o baptismo? Não. Deram-lhe a confirmação? Não. Deram-lhe a eucharistia? Não. Deram-lhe a penitencia? Não. Deram-lhe a absolvição da culpa? Não. Não lhe deram nada. O cherubim tem razão. Passe para a mão esquerda.» Então passarás para a esquerda. O teu anjo custodio abrirá um alçapão aos teus pés e gritará para baixo, para as profundidades do immenso vortice: — «Fogo eterno para um!» Depois do que, te tocára com um sopro. Tu despenhar-te-has cortando o espaço como um astro cadente, sem luz, semelhante a uma estrella sombria feita de lama, até te submergires no tremendo abysmo, na punição eterna. E será por todos os seculos dos seculos, sem fim jámæis.

Eis abi tens o que te espera, segundo a religião do dr. Jardim e outros. Religião bem diversa da do santo velho Tobias, que com as suas tremulas mãos decrepitas violava piedosamente as leis vigentes e enterrava elle mesmo os infelizes condemnados pelo rei da Assyria a ficarem insepultos! Bem diversa da d'aquelles christãos da igreja primitiva, que assombravam Tertulliano empregando mais perfumes para embalsamar os seus mortos do que os pagãos consumiam para celebrar os seus sacrificios; lavavam os cadaveres, envolviam-os em seda; vellavam-os durante tres dias antes de os conduzirem á sepultura, onde ao som dos hymnos e dos psálmos os collocavam estendidos com a face voltada para o nascer do sol. E não resumiam a caridade em enterrar unicamente os seus correligionarios: os primeiros christãos enterravam tambem, indistinctamente, todos os pagãos pobres e desamparados, todos os hereticos, todos os atheus, todos os impios. Para lhes merecer o amor bastava ser homem. Para lhes merecer o sacrificio bastava ser desgraçado. Por isso dizia o imperador Juliano que fôra a obra gratuita e incondicional de enterrar os mortos a que mais contribuiria para o esta-

belecimento e para a propagação do christianismo.

*

Agora, estabelecido o novo cemiterio, restanos vér como s. ex.^a o ministro do reino resolverá os conflictos promovidos contra elle mesmo por s. ex.^a a hydra. E sobre este ponto temos algumas duvidas a que muito desejavamos que o sr. Jardim prestasse por um momento as suas esclarecidas mad-ixas e o seu profundo bucentauro, ou — porque o digamos n'outros termos — a attenção do seu genio. Eis um dos casos sobre que pretendemos consultar s. ex.^a:

*

Imagine o sr. doutor que o seu reverente servo auctor d'estas linhas, não querendo enterrar-se de todo por uma só vez, resolvia enterrar-se por partes e dar á terra uma das suas pernas para a terra se ir entretendo.

N'esta hypothese pergunta-se :

Onde é que o sr. doutor determina que se sapulte a perna de que eu tenha o capricho de descartar-me ?

Estou prevendo que o bucentauro de s. ex.^a, attribuindo indifferentemente a qualquer das minhas pernas a paternidade do presente escripto, me prescreverá o logar destinado por s. ex.^a para os membros impios e locomotores.

A isto porém replico a s. ex.^a que a minha perna, quer se trate da direita, quer se trata da esquerda, é boa catholica apostolica romana. Tinha eu oito dias de idade, ex.^{mo} sr. quando a acompanhei á pia baptismal, e ali lhe foi perguntado pelo parochio da minha freguezia, em lingua latina, que ella a esse tempo ainda não tinha tido tempo de aprender, se queria baptisar-se, ao que meu padrinho respondeu *Volo!* E este *volo* era como se fosse a minha propria perna que houvesse aprendido as linguagens e que assim ousasse exprimir-se. Mais lhe perguntou o parochio se ella acreditava na communicação dos santos, na resurreição da carne e na vida eterna. Ao que ella respondeu, sempre pela boca do meu padrinho, que em tudo acreditava piamente e que era por isso que ali tinha ido com o seu respectivo pé e com o pequeno appendice que era o resto da minha exigua e innocente pessoa. Desde esse dia até hoje bem varias e bem extranhas

aventuras se tem passado com a perna cujas crenças religiosas nos cabe discutir para averiguar o logar que lhe compete na funeral mansão. Ella porém, ex.^{mo} sr. doutor, apesar de todas as vicissitudes que tem atravessado na vida, nunca até hoje contradisse — que me conste — as declarações latinas feitas em seu nome por meu padrinho: *Volo, credo, abrenuntio*. Ella portanto é catholica, e tem direito á sepultura sagrada na terra e á bemaventurança no paraíso. O sr. Jardim não pôde de modo algum mandal-a para o cemiterio dos atheus.



Supponhamos agora que o sr. doutor determina que o logar que compete á funeral jazida de uma das minhas pernas é o cemiterio catholico. A essa resolução tenho igualmente de oppôr-me com os fundamentos seguintes :

Uma vez nascida em Portugal, o baptismo, a confissão, a missa, a communhão, a pratica de todos os sacramentos e de todas as ceremonias não significa da parte da minha perna uma affirmação religiosa mas sim uma affirmação civil.

Pelas leis do reino a religião catholica apos-

tolica romana não é facultativa, é obrigatoria. A minha perna não pôde entrar no estado sem ter previamente passado pela igreja. Na falta de um registro que substitua o assento baptis-mal para a consignação do nascimento, a mi-nha perna nem sequer portugueza pôde ser em-quanto não fôr baptisada! Em todo o decurso da vida civil, ella não pôde dar um só passo sem primeiramente demonstrar que é catholica. Sem a certidão de baptismo, primeiro, sem o attestado passado pelo parochó da frequencia de todos os demais sacramentos depois, ella não pôde fazer exame de instrucção primaria; não pôde matricular-se em nenhuma das escolas; não pôde entrar no exercito, nem na armada, nem no professorado, nem no funcionalismo, nem na magistratura, nem na representação nacional. Não sendo catholica não pôde ter nacionalidade, não pôde ter profissão, não pôde ter estado, não pôde ter mulher, não pôde ter filhos, não pôde nem ao menos ter nome!

A todas as portas da sociedade portugueza se pergunta á minha perna antes de a deixar penetrar, se ella é catholica, exactamente como se lhe pergunta se ella está isempta do recrutamento e se é vaccinada.

Desde que veio á luz em Portugal a minha perna, pelo simples facto de nascer, pertence irremissivelmente á igreja. Sem previa licença da igreja ella não póde dar um unico passo para dentro do estado ou para dentro da familia. Esta simples aspiração, tão modesta: ser filha de meu pae e de minha mãe — a minha perna está prohibida de a ter sem que a igreja diga que sim. Chega mesmo a ser impossivel o poder eu demonstrar de um modo juridico e authentico que a minha perna seja effectivamente minha emquanto a igreja não disser tambem que sim. De sorte que, quando eu ousou dizer *a minha perna*, sirvo-me de uma arrojada methaphora, que espero me seja relevada pelo sr. dr. Jardim. O que eu rigorosamente deveria dizer em linguagem litteral, para me referir á minha perna, era — a perna da igreja.

Se estamos pois n'um paiz onde o estado priva absolutamente a minha perna da faculdade de escolher uma religião, chumbando-lhe elle mesmo o catholicismo no tornozello, como se chumba a grilheta n'um condemnado, recuso absolutamente ao sr. dr. Jardim e a todos os demais doutores o direito de affirmarem que a minha perna tenha uma religião. Pelo facto de

ser baptisada, de ouvir missa, de se confessar ao menos uma vez cada anno, de communhar pela Paschoa da Resurreição, de jejuar á sexta feira, de acreditar na infallibilidade do papa, etc., a minha perna não está na religião, está apenas na lei civil, está na carta. Em quanto a crenças religiosas o mais que se poderá dizer da minha perna, apesar de baptisada, de jejuada, de confessada, etc., é que ella é cartista.

Como porém a criação das duas especies de cemiterios imaginados em Lisboa pelo sr. Jardim e pelo sr. marquez de Avila não pôde ter por fim separar os cidadãos que obedecem á carta dos cidadãos que lhé não obedecem — o que seria absurdo por equivaler a acompanhar a mesma lei de dois regulamentos oppostos, um para o cumprimento d'ella e outro para a sua transgressão, — é claro que não pôde ser unicamente pelo facto de estarem os restos de alguém dentro da lei civil que se lhes ha de designar a sepultura sagrada.

Em conclusão final: Dada a coexistencia de dois cemiterios, um catholico outro não catholico para o fim de enterrar todo o mundo, a minha perna pela impossibilidade de se determinar rigorosamente se ella é effectivamente ca-

tholica ou se não é catholica, acha-se no caso especial de não poder ser mandada nem para um nem para outro d'esses cemiterios, e de ter de ficar insepulta em quanto o sr. dr. Jardim não mandar o contrario.

Ora succede que todos os cidadãos portuguezes, sem excepção alguma, se encontram precisamente nas mesmas condições em que se acha a minha perna.

Não se pôde affirmar que alguém é catholico ou que o não é emquanto a criação do registro civil não assegurar a cada cidadão a livre faculdade de exercer ou não qualquer d'estes direitos: nascer sem padre, casar sem padre, morrer sem padre.

Excellentissima camara municipal da muito nobre,
sempre leal e invicta cidade do Porto ou quem
suas vezes fizer — Paços da Camara na Praça
Nova, esquina do Laranjal

Porto

Excellentissima camara e minha boa senhora.
E' cheios dos maiores cuidados pela preciosa

saude de v. ex.^a que lançamos mão da penna para, em nome de todos os forasteiros que foram a essa cidade por occasião da cerimonia inaugural da ponte sobre o Douro, dirigir a v. ex.^a algumas regras.

Principiaremos por dar a v. ex.^a uma breve noticia da festa em que tomamos parte e em que v. ex.^a teve as suas razões para não se dignar de comparecer.

Por convite da direcção da companhia dos caminhos de ferro portuguezes reunimo-nos na estação das Devezas no dia 4 do mez de novembro passado pelas 11 horas da manhã. Cerca de uma hora depois partiamos em um grande comboyo extraordinario e paravamos em frente do Porto, á entrada da nova ponte, na margem esquerda do rio. Maravilhoso espectaculo o que presenciamos desde Gaya até á estação de Campanhã e do qual procurarei, certamente debalde, dar uma longiqua ideia a v. ex.^a!

Um delicioso dia de outomno, de um largo tom lacteo e ceruleo como o de uma perola azul, abraçava amorosamente a natureza e banhava a paizagem n'uma luz vaporosa impregnada da frescura dos orvalhos e do aroma das violetas. A cidade fronteira desdobrava aos nossos olhos

todos os seus encantos topographicos, desde a Foz, envolta na sua athmosphera maritima, salgada e humida, até os montes longinquos do lado opposto, levemente esfumados no horisonte sob as douradas pulverisações do sol. Viamos a ridente collina de Villar coberta de verdura e coroada pelo Palacio de cristal; os copados bosques do Candal e de Valle de Amores; o caes da Ribeira com a sua arcaria denegrida e o seu pittoresco mercado de velhas barracas alpendradas brunidas pelo sol; a ingreme ladeira da Corticeira; o parque das Fontainhas; a casaria emmassada das freguezias da Sé e do Bomfim, com os seus predios esguios, terminando quasi em *pignon* como na Hollanda: uns bem apurados, tesos, vidrosos, reluzentes, forrados de faiança, outros barrigudos, sombrios enodoados, fazendo fineapé para não cambalearem como ebrios taciturnos; outros, ainda, pintados de branco, pintados de azul, pintados de côr de rosa, com chaminés bordadas e claras-boias phantasistas rematadas por trabalhosas ventoinhas, jocundos, satisfeitos de si, rindo pelas saeadas abertas ornadas de craveiros e de alecrins; depois, de valle em valle, os lindos suburbios de Riba Douro: o choupal do Arcinho,

as espessas e murmurosas frescuras das quintas de Quebrantões, da Oliveira, da freguezia de Avintes; a bahia do Freixo, onde o rio tem a configuração de um pequeno lago circular dominado por um elegante palacio Luiz xv, de torreões e eirados senhoriaes, cuja elegante escadaria exterior mergulha venezianamente na agua.

Todas as eminencias que viam o ponto onde paramos para a celebração da cerimonia inaugural estavam litteralmente cobertas de gente. Os montes proximos achavam-se completamente submergidos sob uma espessa vegetação humana. Em frente, todos os degraus da penedia, todos os socalcos, todos os jardins, todos os quintaes, todas as janellas, todos os muros, todos os telhados, todas as superficies, todos os contornos, todas as arestas, tinham um debrum de gente. — Enorme romagem nunca vista. A cidade do Porto em peso e 40 ou 60 mil peregrinos advindos de todas as regiões do paiz estavam ahi reunidos. Para que?

Para celebrar um puro facto scientifico — a solução de um problema de mechanica. N'este simples facto, exm.^a camara, que symptoma! que phenomeno! que revolução!

Ha bem poucos annos ainda só o fanatismo

religioso tinha o poder de determinar as grandes romagens a S. Thiago de Campostella, a S. Torquato de Guimarães, á senhora da Nazareth, á senhora do Cabo. Os peregrinos iam então solicitar a intervenção milagrosa dos bons santos nos seus casos pathologicos, nas suas ambições pessoases, nas suas questões domesticas: os paralyticos iam pedir movimento, os cegos iam pedir luz, os tristes iam pedir consolação, os turbulentos iam pedir paz, e os mendigos suspensos nas suas moletas, com o grande alforge ao pescoço, a longa barba cor de greda empastada no suor da jornada e no pó dos caminhos, iam simplesmente á beira das estradas pedir pão em troca de plangentes ladainhas e de arrastadas melopeas nazaes.

Os peregrinos á ponte sobre o Douro não eram movidos por interesse algum pessoal.

Esta romagem de novo genero exprime uma mentalidade nova; mostra que, se o nosso aparelho social mantem ainda por um lado os mesmos aspectos exteriores da sua velha structura, por outro lado elle annuncia já uma funcionalidade diversa.

Um poder absolutamente novo, que não é o poder religioso nem o poder politico, com quan-

to não affirmado ainda nas instituições, revela-se já por este facto na comprehensão dos espiritos. Esse novo poder, irrevogavelmente destinado a substituir todos aquelles que sob diversos nomes teem gerido até hoje a direcção da sociedade, é na esphera espiritual a sciencia e na esphera temporal a industria.

A ponte sobre o Douro é a mais bella e a mais perfeita expressão symbolica d'esse poder, ao qual o paiz inteiro acaba de prestar o culto mais unanime, o mais desinteressado, o mais convicto, o mais solemne de que ha exemplo na historia das manifestações do applauso publico. Era tão superiormente elevado o caracter d'esta grande festa da civilisação, que perante o objecto d'ella desapareceram como por encanto n'esse dia todas as incompatibilidades, todas as dissidencias, todas as distincções de gerarchia, de seita e de partido, que dividem a sociedade portugueza. A direcção da companhia dos caminhos de ferro teve o bom gosto de convidar para o lanquete que se seguiu á solemnidade da inauguração os individuos representantes das opiniões mais extremas, o mundo official e o mundo dissidente, tudo o que ha mais retrogrado e tudo o que ha mais progressivo, os mais

ferrenhos conservadores e os mais ardentes revolucionarios. Estes personagens tão justamente surprehendidos de se acharem juntos pela primeira vez na sua vida, tomando parte em um almoço cujos convivas não tinham precisamente por fim devorarem-se uns aos outros e serem os bifes de si mesmos, confraternisaram do modo mais tolerante e mais affectuoso, porque, acima de todas as suas divergencias episodicas de opinião, havia um sentimento de atracção commum, de conciliação geral, em nome do qualahi tinham convergido todos. E esse sentimento era o respeito do trabalho, d'essa immensa e irresistivel força anonyma, obscura, lenta, perseverante, que no seio das bibliothecas, das fabricas, dos laboratorios, dos gabinetes de estudo, vae dando em cada dia aos destinos humanos um novo impulso para o aperfeiçoamento e para a felicidade.

Não foram os reis nem os exercitos nem os padres, mas não foram tambem os jacobinos nem os demagogos nem os atheus os que teem guiado e dirigido até hoje a humanidade na sua ascensão atravez da historia. Foi elle unicamente, foi o trabalho modestamente, obscuramente exercido nos remansos da paz, nos recolhimentos

da applicação e do estudo o que determinou todas as conquistas, todas as victorias, todos os triumphos das sociedades.

A ponte sobre o Douro symbolisa uma d'essas conquistas, uma d'essas victorias, um d'esses triumphos: — a conquista de perto de meio seculo de paz; a victoria, proporcional a esse periodo, da intelligencia do homem sobre as fatalidades da natureza, o triumpho finalmente do destino progressivo do nosso espirito sobre a immobildade das nossas instituições.

Ha cerca de quarenta annos apenas, ex.^{ma} camara, essas duas montanhas estreitamente enlaçadas agora por um abraço de ferro, eram separadas por um rio vermelho de sangue. Nos mesmos logares onde nós agora nos reunimos para regar o solo com o champagne das egapes modernas, os nossos paes e os nossos avós espingardeavam-se convictamente, decidindo com o sacrificio das suas vidas a questão de palacio a esse tempo debatida entre dois principes.

A guerra com tal fundamento seria hoje insustentavel. E' evidente que progredimos, e o facto de irmos ao Porto, desinteressadamente, aos milhares, celebrar um facto industrial, significa a mais eloquente affirmacão d'esse progresso.

A cidade do Porto que por muitas vezes tem recebido a visita dos seus principes, dos seus reis, dos seus generaes, dos seus mandões de toda a especie, teve pela primeira vez n'esse dia a visita do povo.

Como foi que v. ex.^a, representante do municipio portuense recebeu este seu novo hospede? Não lhe apparecendo!

V. ex.^a, que tem dado a esse espinhaço os trates mais violentos e mais irracionaes para conseguir encurvar-se e acorar-se n'uma reverencia satisfatoriamente abjecta diante de todas as testas coroadas; v. ex.^a que tem desengonçado e desarticulado a rhetorica municipal para a obrigar ás cabriolas mais inverosimeis debaixo dos pés da real familia; v. ex.^a que conserva ainda entre os ferros velhos do seu stylo declamatorio—ao mesmo tempo alambicado e labrego—*as chaves d'esse heroico baluarte* depositas em cada anno por v. ex.^a sob as solas das botas do principe que vae para Vidago tratar do seu figado; v. ex.^a—dizemos—não teve um dito, uma palavra, um gesto sequer, para agradecer a cincoenta mil viajantes a mais solemne e a mais extraordinaria manifestação de estima de que ainda foi objecto uma cidade por

parte dos representantes de um paiz inteiro.

Este simples facto basta para nos provar que v. ex.^a desconhece completamente qual é o espirito municipal das modernas sociedades democraticas, que v. ex.^a está cem annos atraz do seu tempo, e cem furos abaixo da missão em que foi investida pelos sufragios da população portuense, tão energica, tão intelligente e tão progressiva.

E' possivel que v. ex.^a tivesse tido que fazer n'esse dia, que houvesse contrahido compromissos anteriores, que se achasse por ventura associada com alguma camara sua vizinha para uma honesta merenda, para uma boa patuscada, para alguma das bem conhecidas *sapateiradas*, nas quaes todo o nosso ser se disgrega do mundo exterior para se abysmar no arroz do forno e na carne assada no espeto. Mas n'esse caso porque é que v. ex.^a nos não preveniu? Durante a ausencia de v. ex.^a, minha boa senhora, a sua cidade estava immunda. Se tivessemos sido contemplados com um aviso telegraphico nós, que fomos d'aqui unicamente com as nossas camizas, teriamos levado tambem as nossas vassouras nas malas e a nossa resignação para o desgosto de a não vermos no espirito.

Acceite minha senhora a expressão dos nossos sentimentos, tão cordeaes como aquelles que v. ex.^a nos não exprimiu.

Dissemos no precedente volume d'estas chronicas que o sr. Fontes Pereira de Mello, doendo-lhe um dente, desmontara e abandonara nos prados, entre os deputados governamentaes e as boninas em flor, a jumentinha do poder.

Eis o que ao depois occorreu :

#

A pacata bestinha da governação andou a monte por alguns mezes, choutando ao acaso, pungida nos ilhaes pelos tacões do sr. Barros e Cunha e sobre a anca pela ponteira do guarda sol do mesmo illustre estadista e cavalleiro.

Para onde é que s. ex.^a, coberto de zelo e de suor, queria com tanta violencia equestre encaminhar a onagra?

— Para a senda da moralidade e da econo-

mia! bradava s. ex.^a com uma das mãos na redea e com a outra mão sobre a carta constitucional.

Mas os burriqueiros experimentados no trilhinho peguinhado pela burrinha bambeavam dubitativamente a cabeça, e do alto das montanhas, com a mão aberta em viseira sobre os olhos, dilatando a vista ao futuro, diziam:

—Não. Para onde elle vae é para a senda de Cacilhas á Cova da Piedade.

E deixaram-o ir.

Como porem soasse o momento psychologico em que a asninha do governo, com a sella no ventre, considerou que ia de longada para muito longe da estrebaria, apertou-lhe as entranhas a nostalgia da cevada, e fitando a orelha, baixando a cabeça, cravando os olhos sinistros nos cascós deanteiros, arrojou ao firmamento ingrato duas parêlhas de coices, adiante dos quaes ascendeu da albarda para as alturas o vulto do grande homem. Depois do que elle baqueou no charco fronteiro, como se a perfidia das rãs o tivesse aferrado pelo coccix e attraído ao abysmo, — sempre com uma das mãos na carta, mas já tem a outra mão na redea.

*

Cousa verdadeiramente admiravel de ver foi a velocidade com que a cavalgadurinha do Estado principiou então a dar terra para feijões, retrocedendo para casa e bebendo o espaço com o freio nos dentes e com a saudade da mangedoura na alma.—Tão poderoso e fecundo é o ascendente moral que exerce o principio sagrado da razão sobre as actividades officiaes!

*

Quando as boninas e os representantes da nação tornaram a ver a burrinha do poder no prado florido onde convalescia entre os idyllos do ocio o dente do sr. Fontes, grande foi o ardor e a emulação entre os circumstantes que á porfia queriam segurar a asna. Coube essa gloria ao sr. José Dias Ferreira.

Empolgando com mão dextra e firme a camba do freio á alimaria do poder, o sr. José Dias exclamou triumphante e glorioso:

—A mim, rapazes!

E gritando em coro: «Ave, José vencedor!»
—os rapazes foram a elle.

*

Eis senão quando, que hão de ver os rapazes

que a elle tinham ido e bem assim elle mesmo?

Atonitos elles vêem — caso que os olhos se lhes recusam acreditar—que a burra já não está devoluta, que a albarda tem gente em cima!

Effectivamente emquanto o sr. José Dias intrepido segurava a redea, o sr. Fontes veloz encavalgara o poder.

*

O primeiro acto do novo cavalleiro foi alijar dos alforges as provisões do governo que o precedera. S. ex.^a sacou os 150 contos de tijolo para a Penitenciaria e atirou-os para um lado. Sacou os vinte e quatro conegos, rochuchundos, atochados como paios, e atirou-os para o outro lado. Tirou depois os quinze beneficiados com os seus competentes livros de côro e o seu devido rapê; tirou a cadeira de Sanskrito com o seu professor em cima; tirou a matta do Bus-saco forrada de papel e enchumaçada de algodão para sua magestade passear; tirou o porto artificial de Leixões cheio de dourados bergantins e de ligeiras caravellas com os seus competentes nautas, obra de grande paciencia e curiosidade; mais tirou o *Times*; e, como ainda restasse o que quer que fosse no fundo dos alforges, foram estes virados com o de dentro para

fóra, e appareceu por ultimo o sr. Venancio Deslandes, director da Imprensa Nacional e secretario da commissão da exposiçãõ de Paris. S. ex.^a trazia empunhada e aberta a delicada umbela de linho cru forrada de tafetá azul com a qual s. ex.^a abrigava dos raios solares desde o Terreiro do Paço até á rua do Duque de Bragança a fronte capitolina do ex-sr. presidente do conselho de ministros. O ar de s. ex.^a o sr. Deslandes era cheio de uma grave auctoridade, e á sombra do chapéu de sol de linho cru forrado de tafetá azul o seu rosto parecia envolto na aureola de uma competencia genial!

Despejado o alforge o cavalleiro pediu um exemplar do codigo fundamental da monarchia, que mettu em uma das bolsas; depois, lembrando-se das causas que determinaram o partido regenerador a abster-se de governar durante alguns mezes e querendo obviar á repetiçãõ d'essa intermittencia, pediu o dentista Guerreiro e acondicionou-o na outra bolsa do alforge ministerial.

Sorrindo em seguida e despedindo-se do sr. José Dias do alto da burra, enfiou a trote marcial provincias da publica administração em fóra.

*

E todos seguiram pressurosos o chibante cavalleiro. Tão sómente no mesmo lugar em que o sr. Fontes tivera estado a chumbar o seu dente foi visto nas ervas o sr. marquez d'Avila, acocorado na solidão, a chapinhar com arnica o seu galo.

*

Na semana seguinte áquella em que estes successos occorreram houve jantares de convite em todos os restaurantes de Lisboa. Estes banquetes eram o resultado de apostas feitas contra e a favor da victoria do sr. Fontes pelos *gentlemen* do *turf* politico.

O sr. Fontes depois d'este notavel triumpho ficou marcado gloriosamente como o *Gladiateur*, e ninguem mais tornará a apostar contra o nobre estadista sem a condição previa de que se sobrecarregue com mais alguns kilogrammas de chumbo o dente de s. ex.^a

Uma vista d'olhos a uma das ultimas sessões da camara dos senhores deputados:



Enorme concorrência nas galerias. Senhoras, diplomatas, escriptores, funcionarios publicos, militares, operarios, enchem as tribunas desde os parapeitos até ao tecto.

Na sala um sujeito, embrulhado no seu paletot, com a perna traçada sobre o joelho, preside somnolentemente como um dilettante enfastiado.

Serve de secretario, lançando apontamentos a uma larga folha de papel um individuo que ha poucos mezes se chamava apenas Alfredo, mas que, em resultado de um lucto occorrido durante o ultimo interregno parlamentar, publicou nos jornaes que principiava a chamar-se em testemunho de dôr — Alfredo Angelino. S. ex.^a traja rigorosamente de negro.

Em frente da presidencia alinham-se os srs. ministros devidamente encasados nos seus *fauteuils*. Não teem uma apparencia espirituosamente feliz, mas parecem refrigerados nas cadeiras do poder e olham o espaço com a expressão passiva e tão caracteristicamente pacata dos individuos calidos quando instalados em decocções emolientes de alfavaca de cobra.

No meio do amphitheatro um digno sr. de-

putado, com uma das mãos sobre o coração, a outra mão alongada patheticamente no espaço, está orando.

Em torno do tribuno agrupam-se em pé varios representantes da Nação.

Uns roliços, atochados, vermelhos, semelham tympanites enformadas em amplas sobrecasacas pomposas. Sente-se que elles respiram com exorço. O abuso do feijão suffoca-os como o sangue de Danton suffocava Robespierre.—São os empaturrados da coisa publica.

Outros magros, defecados, pallidos, com as orelhas lividas, os pés mettidos para dentro, as calças esbambeadas pelas joelheiras dos sedentários, teem sorrisos que se parecem com as referidas calças e que descobrem mucoses desbotadas e dentes morbidos.—São os espinhelas cahidas do systema que felizmente nos rege.

No fundo escuro da bancada sobresaem da côr sombria dos vestuarios de inverno duas mãos longas, pallidas, frias, magras, de um aspecto dramatico, boas para assignarem um decreto de proscricção ou uma sentença de morte. O dono utiliza-as em explorar o seu proprietario inoffensivamente, n'uma abstracção magnanima.

—Sr. presidente — diz o orador, e a sua voz

é pungente, elegiaca, lacrimajante — Sr. presidente! onde não ha religião não ha dignidade.

Um ecclesiastico alto, magro, macilento, volve para o orador o seu estrabismo convergente, de mystico, e applaude-o com um grave meneio de cabeça.

Este padre, de aspecto sombrio e inquisitorial, e aquelle orador de vinte e cinco a trinta annos, cheio de robustez, de saude, de mocidade, estão ambos de accordo sobre esse ponto: que a dignidade é uma resultante da religião. E todavia é a religião que obriga esse pallido mystico a conciliar-se com o celibato, a sequestrar-se na contemplação, a abandonar todos os bens terrenos pela posse dos fructos celestiaes, a submeter-se pela humilhação, pelo desprezo de si mesmo, a offerecer uma face quando o esbofetarem na outra, finalmente a padecer e a resignar-se. E é pelo contrario a dignidade que obriga esse rapaz sanguineo e robusto a caminhar na direcção opposta á d'esse anemico, a constituir a familia, a lutar, a não perder tempo em contemplações e em extasis, a ser pratico e positivo, a ter filhos gordos e camisas lavadas, a resistir finalmente e a triumphar na grande lucta pela vida moderna, em que as costelletas

com batatas, as garrafas de Collares e as botas novas não caem do ceu sob a fórma de maná, caem unicamente do trabalho perseverante e rude sob a forma de riqueza. Elles porém estão ambos de accordo emquanto á alliança indissolvel da dignidade de um e da religião do outro perante o principio transcendente da rhetorica constitucional.

Diz mais o orador :

— «Sr. presidente! — e a entonação do tribuno continua a ser lacrimosa e pathetica — li os sarcasmos de Voltaire, as ironias de Swift, as investigações de Renan, os de-esperos de Schopenhauer, Hartman inventando religiões para o futuro, Buchner divinizando a materia. Tudo isto porem não apagou na minha alma a doce esperança que n'ella lançaram aquellas palavras divinas, que dizem: Bemaventurados os que soffrem porque elles serão consolados.»

E muitas vozes entusiasticas e convictas bradam de todos os lados da camara: — «Muito bem! muito bem!»

Á morbida corrente intellectual do pessimismo allemão representado por Hartman e por Schopenhauer a Inglaterra oppõe o naturalissimo de Darwin e as poderosas systematisações de

Spencer, a França oppõe o positivismo victorioso de Auguste Comte e de Littré. Em Portugal, onde estas questões não foram nunca ventiladas senão por pobres escriptores desconhecidos em periodicos tão desconhecidos como elles, a camara dos srs. deputados ouve pela primeira vez a solução official d'esse debate. Ao optimismo leibniziano, ao deismo kantiano, ao ideologismo hegeliano, ao inconscientismo de Hartman, ao pessimismo de Schopenhauer e de Julius Bahnsen, ao naturalismo de Darwin, ao positivismo de Spencer, de Stuart Mill e de Littré, a intellectualidade portugueza responde mostrando a alma virginal do sr. Manuel d'Assumpção. E a comprehensão mais perfeita dos destinos do universo fica de uma vez para sempre definida de pois d'isto: a alma do nosso Manuel persiste inabalavel nas suas primitivas crenças. Que queria a philosophia moderna? A philosophia moderna não queria evidentemente senão uma coisa: apagar a esperança na alma d'este moço. Pois ficará sabendo que o não conseguiu. A camara dos deputados da nação portugueza esmaga toda a obra do entendimento moderno collocando-lhe em cima o sr. Assumpção e a esperança da sua alma, no meio dos applausos geraes de todo o parlamento.

E, não obstante, querem dizer alguns que a politica não é mais do que a applicação da philosophia á direcção pratica das sociedades.

A politica de Bismark é um grande poder social porque atraz d'elle está, como o peito pelo outro lado da couraça, a disciplina philosophica de Kant, de Hegel e de Hartman.

Danton, a alma da Revolução, era na esphera executiva o instrumento da philosophia da Encyclopedia; e a primeira republica franceza baqueou precisamente no dia em que o principio philosophico que determinou o grande movimento cahiu com a cabeça de Danton, guilhotinado pela indisciplina mental.

Foi ainda a anarchia das idéas, resultante da falta de um methodo philosophico, que comprometteu o destino da segunda republica em 1848.

Finalmente para que a democracia se fundasse em França sobre bases definitivas foi preciso que Danton resuscitasse para gloria das ideias e para honra do espirito humano na pessoa de Gambetta, que é o filho triumphante da philosophia positiva do seculo XIX, assim como Danton é o filho demasiadamente precoce da philosophia do seculo passado.

Na Italia o que é a politica actual, que libertou e unificou a grande peninsula, senão a som-

ma das especulações de uma longa serie de pensadores, desde Dante, o vidente, até esse taciturno Leopardi, que foi o alliado intellectual de Hartman assim como Victor Manuel foi o alliado politico do imperador Guilherme?

Em todos os estados actualmente em dissolução qual é a causa do mal senão a perturbação da mentalidade pelo empyrismo da politica arbitraria? Será preciso citar a Turquia? Será preciso citar a Hispanha?

Mas a Hispanha renasce em cada dia, em cada hora, com um assombroso vigor intellectual, que em poucos annos despedaçará todos os velhos preconceitos e todas as caducas instituições que embargarem a sua ascensão politica. O federalismo, fórma definitiva da civilisação na peninsula iberica, está-se affirmando no paiz visinho de um modo que nos certifica da impossibilidade de um retrocesso. O federalismo perde a pouco e pouco o character de uma opinião partidaria. É um resultado philosophico, que em toda a Hispanha está sendo pacificamente revisto e contraprovado por todas as sciencias: pela mechanica, pela mesologia, pela climatologia, pela ethnologia, pela anthropologia, pela linguistica, pela historia. Quando esta

idéa chegar ao cabo da sua elaboração especulativa, ella converter-se-ha em uma lei sociologica e actuará sobre o seu fito, irresistivelmente, como uma força da natureza.

Quando por toda a parte a philosophia estabelece e dilata tão experimentalmente e tão evidentemente os seus dominios sobre o destino humano, a camara dos srs. deputados em Portugal applaude na sua grande maioria a condemnação da critica e do pensamento moderno; declara-se indissolavelmente abraçada á theologia; e a todas as conquistas da sciencia no presente seculo ella oppõe triumphantemente a posse d'esta noção: «Bemaventurados os que soffrem porque elles serão consolados.»

A ironia emudece de pasmo deante de um symptoma tão patente de esphacelamento cerebral.

Estamos n'um congresso de legisladores ou estamos n'um seminario de caturras? — É unicamente o que perguntamos.

*

O modo como a camara pensa dá-nos a justa medida do modo como a camara governa. Ha muitos annos que ella não toma uma unica medida tendente a coordenar e a systematisar har-

monicamente os esforços da progressão social.

A reforma da lei eleitoral, fonte da reconstituição politica, está por fazer.

A liberdade religiosa não está regulamentada de modo que torne effectivo o principio em que se funda.

A distribuição racional do imposto ainda não foi definida.

Finalmente a organização da instrucção publica, esse elemento vital de uma sociedade em movimento, acha-se por enunciar. N'este ponto a mesma Turquia está muito adiante de nós.

Os parlamentos, sem direcção mental, sem criterio scientifico, sem destino politico, esterilizam-se successivamente na phraseologia e dissolvem-se na banalidade.

As crises parlamentares determinadas unicamente pelo conflicto dos personagens impacientes ou despeitados attrahem periodicamente ás camaras uma grande concorrência de ouvintes que não recebem ali senão as mais perigosas lições de cynismo e de immoralidade.

Das duas coisas uma : ou o espirito publico está bastante corrompido para assimilar sem perturbação do seu organismo a entoxicação d'esses exemplos, e n'esse caso seria um paiz

condemnado á dissolução ; ou a burguezia, cúmplice n'esta decadencia, tem ainda um resto de senso moral, e n'esse caso revoltar-se-ha e o actual regimen politico ha de cair como caiu em França o segundo imperio por effeito de um movimento semelhante áquelle a que Luiz Veillot chamou a *revolução do desprezo*.

A' similhaça de um corpo morto o parlamento immobilisou-se por falta de circulação intellectual. Os partidos politicos são os centros nervosos do systema representativo. Atrophiados esses centros o systema cessa de funcionar. Ora qual é o estado dos partidos politicos em Portugal ?

✽

Ha um partido que está hoje no poder. É um partido conservador. É catholico, é monarchico, é auctoritario, é proteccionista, é militarista, é unitario. Quer um parlamento com duas camaras, uma electiva e outra hereditaria ; quer uma igreja e uma religião do Estado ; quer as alfandegas com as suas velhas pautas ; quer um exercito permanente com os seus respectivos canhões Krupp e a sua competente pena de morte ; quer as colonias com o seu antigo systema de direcção e de governo ; quer ainda fa-

zer o seu gancho de negocio e ter um estaleiro, uma fabrica de polvora, uma imprensa, uma fundição de typo, uma fabrica de cordas, uma photographia, etc.

Ha por outro lado quatro ou cinco partidos que alternativamente se disgregam ou se unificam, conforme as necessidades da sua tactica, e que pelas suas idéas não formam realmente senão um partido unico: o partido opposicionista. Que differença ha entre este partido na opposição e o partido actualmente no governo? É revolucionario? Não: é igualmente conservador. É racionalista? Não: é igualmente catholico. É evolucionista? Não: é igualmente auctoritario. Quer a liberdade da industria e a liberdade do commercio? Não: quer igualmente a protecção das pautas. Quer igualmente o exercito com os seus generaes, e a universidade de Coimbra com os seus theologos; quer igualmente a magistratura anarchica, a instrucção cahotica, o suffragio corrompido, o governo arbitrario. Tambem quer fazer de quando em quando para se distrahir o seu bico de obra, e procura manter para esse fim a imprensa, a photographia, a cordoaria, a fundição, etc.

A unica opinião que a opposição diz ter e que

ella accusa o governo de não professar é a opinião abstracta da economia, da ordem, da moralidade e do progresso. Como porém todos os governos, qualquer que seja o partido de que elles procedam, teem successivamente cahido do poder perante a accusação de não servirem o progresso, a moralidade, a ordem e a economia, devemos acreditar que, ou essas virtudes, que aliás não pôdem constituir principios de programma, são communs a todos os partidos ou não são especiaes de partido nenhum.

Os partidos portanto não se differencam senão pelos nomes dos individuos mais ou menos numerosos do que elles se compõem. N'esta ausencia completa de idéas contrapostas o governo em Portugal, versando constantemente sobre si proprio, dá-nos o espectaculo de um organismo vivo isolado na criação, alimentando-se na sua propria substancia e digerindo-se pouco e pouco a si mesmo.

*

Deixando de ser uma lucta de principios e de idéas a politica converte-se fatalmente em uma questão de compadres.

O compadrio elevado á cathegoria de instituição nacional, domina tudo, corrompe tudo, dis-

solve tudo. Os partidos que não podem conquistar o apoio da opinião pelas idéas que representam, procuram manter-se pelo apoio dos compadres que favorecem. É na proporção exacta do numero dos compadres que annualmente despacha e emprega, que um partido augmenta ou diminue de adeptos, progride ou retrograda na confiança da corôa e no favor da urna.

O dogma fundamental do compadrio impõe-se por tal modo que transforma todas as outras noções moraes segundo o criterio de que elle é a expressão. Transforma a justiça, a honra, a probidade, a propria consciencia. Nenhum partido politico ousa violar o compadrio: seria commetter a mais vil e a mais nefanda das traições politicas!

Despachando o compadre mais serviçal com exclusão do adversario mais competente todo o governo honesto julga praticar um acto de gratidão e de lealdade. E ninguem vê quanto ha de profundamente subversivo da ordem moral n'este simples facto tão vulgar, tão frequente, tão despercebido: a exclusão da competencia! Excluir a competencia, ou quando menos preterir-a, por um anno, por um mez, por um dia, por uma hora que seja, é commetter o attentado

do mais criminoso de que o Estado pôde ser réo deante da sociedade. Esse attentado resume todas as violações do direito e todas as afrontas da justiça. É um roubo violento e descarado, aggravado com a offensa do merito, com a injuria da capacidade, com o insulto ao trabalho, com o escarneo á moral, com o ultrage ao dever.

Na politica portugueza, que tem o seu calão como as mulheres publicas e como os ratoneiros, esse crime infame toma o nome dourado de *compromisso politico ou de acto de fidelidade partidaria*. E do ministro que o pratica e para o qual se deveria pedir a prisão correccional ou o degredo com trabalhos publicos, a opinião diz apenas: — É fiel aos seus correligionarios, sabe ser amigo, despachou o compadre, vou para o partido d'elle.

O officio do governo é servir o paiz. Como porém o paiz, por effeito do machinismo eleitoral, é representado constantemente pelos compadres do governo, o officio do governo em ultima analyse não é mais do que servir o compadre. Está no seu destino. Graças aos elementos de corrupção de que o governo dispõe, o cidadão, não votando como cidadão mas votando como compadre, dá o primeiro impulso que põe em

movimento toda a engrenagem do systema: elegendo o compadre é elle mesmo que funda a tyrannia absoluta e despotica do compadrio que depois o governa.

A sociedade está á mercê do compadre. E se ha poder que possa contrabalançar alguma vez, em dadas conjuncturas, o poder do compadre, esse poder é unicamente — o da comadre.

A aptidão provada, a capacidade, o talento, o trabalho, a firmeza no dever, a tenacidade no estudo, a mais alta comprehensão e o mais rigoroso cumprimento da solidariedade e da honra — palavras, palavras, unicamente palavras! Na esphera dos factos, na ordem pratica, positiva, real: compadrice, comadrice — eis tudo.

*

Um unico remedio poderia reconstituir a politica portugueza, cuja decadencia é tanto mais lamentavel quanto é certo que a sociedade que ella tem por fim dirigir está na anarchia economica e tende para uma miseria que se tornaria inevitavel sem os supprimentos do Brazil. Esse remedio é a entrada no parlamento de um partido novo constituido de quatro ou cinco individuos de opiniões radicaes: republicanos, socialistas, federalistas, positivistas — o que quize-

rem — com tanto que sejam homens profundamente convictos e determinados á peleja de cada dia e de cada hora. Este pequeno partido, desde que tivesse um criterio philosophico, determinaria uma corrente de ideias de tal modo poderosa que obrigaria todos os conservadores a confederarem-se para lhe resistir, não já pela phraseologia e pela rhetorica mas pelo estudo reflectido e consciencioso de todos os problemas da civilisação. E das concessões mutuas e successivas, feitas, já ao principio da ordem pelos revolucionarios impacientes, já ao principio do progresso pelos conservadores retrogradados, resultaria para a sociedade o movimento actualmente paralyzado no conflicto das pequenas paixões e dos mesquinhos interesses das mediocridades dirigentes e triumphantes.

*

Falhando o meio que propomos pela falta dos quatro homens que sollicitamos, resta-nos então adoptar o expediente ultimamente proposto pela municipalidade de Lisboa: — tratar o parlamentarismo pela cal. Mas que quanto antes, n'esse caso, a municipalidade effectue o seu projecto: cair o palacio das côrtes, branquear por fóra o parlamento — *dealbatum sepulchrum!*

NOVAS PUBLICAÇÕES

ERNESTO CHARDRON

PORTO—EDITOR

EÇA DE QUEIROZ

SCENAS PORTUGUEZAS

As scenas portuguezas são uma série de 12 estudos sobre a vida contemporanea em Portugal. Cada romance tem uma acção propria e um desenvolvimento proprio, mas os 12 volumes formam no seu todo uma analyse geral da moderna sociedade portugueza.

Os volumes são publicados mensalmente e constam de 200 paginas cada um.

Estão em preparação :

- I A capital.
- II O milagre de Valle de Reriz.
- III O conspirador Mathias.

A' VENDA

O PRIMO BAZILIO

(EPISODIO DOMESTICO)

UM VOLUME DE MAIS DE 600 PAGINAS

PRECO 1\$000 RÉIS

CAÇA de QUEIROZ

RAMALHO ORTIÇÃO

ASTARAS

S. Ph.
M. M. M.

hellor.

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

TERCEIRA SERIE

TOMO II

Fevereiro a Maio

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

1878



Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. PROUDHON

SUMARIO

Leis organicas das sociedades e disposições regulamentares dos estados: de como a sociedade as distingue para os effeitos da sanção penal. O caso da sr.^a D. Joanna Pereira e o do parochó de Travanca de Lagos — A gymnastica perante o parlamento. O dr. Schreber, o dr. Pouza, Rodolli, Claude Bernard, Burq, Lacassagne e o sr. Vaz Preto. Reconstituição da raça humana pela gymnastica. Reconstituição das ideias parlamentares pela mesma gymnastica. Indicação de alguns exercicios para uso dos dignos pares — O ultimo milagre de Lourdes e a Nação. Mostra-se que o milagre não presta. Ensina-se à Nação o que são milagres e prova-se-lhe que ella tem o demonio no ventre, mas que se lhe ha de tirar — A criminalidade em Lisboa e o *fadista*. Historia genealogica d'esse personagem desde o seculo xvi até a ultima facada no Bairro Alto — A *ideia velha* e a *ideia nova*. — Uma opinião de Tyn-dal ácerca dos atheus. Algumas ideias do carpinteiro Jacquemin ácerca das razões porque crescem os trigos. De como o sr. conde de Rio Maior pelo modo como emendou a lei da instrucção primaria mostrou não ser aquelle philosopho nem aquelle carpinteiro — O *Primo Bazilio*. O caso pathologico e a obra d'arte. A educação burgueza e o realismo — A escola nacional dos poltrões. A covardia, instituição publica, etc.

Todos os crimes, quaesquer que elles sejam, podem ser considerados como pertencendo a duas classes distinctas:

1.º Crimes resultantes da infracção das leis organicas da sociedade;

2.º Crimes resultantes da infracção das disposições regulamentares dos Estados.

Emquanto as sociedades se não acham constituídas segundo o direito absoluto fundado em principios claramente definidos de moral positiva, isto é, enquanto as sociedades não attingem um desenvolvimento intellectual que lhes permitta conhecer todas as leis da sua organisação, distinguindo o que n'ellas é definitivo e organico do que é convencional e contingente, — n'essas sociedades não podem dar-se senão os crimes da segunda d'aquellas classes. É assim que vemos nas civilisações antigas e hoje entre os selvagens serem considerados crimes ou deixarem de o ser, segundo os regulamentos especiaes das communidades, o roubo, a polygamia, o incesto, o homicidio, etc.

Nas sociedades que attingiram a idade consciente, que entráram no periodo scientifico da sua evolução moral, como presentemente succede em toda a Europa, o incesto, a polygamia, o homicidio, o roubo, etc., tomáram o character dos crimes incluídos na primeira das classes a que nos referimos, porque se comprehendeu que

elles não violam unicamente um regulamento local e arbitrario, mas que ferem a sociedade nos centros da vida, dissolvendo no seu nucleo a aggregação que constitue o grande ser colectivo.

*

A sabedoria da legislação penal manifesta-se na mais justa e perfeita demarcação dos limites que separam essas duas ordens de crimes.

Quanto mais uma sociedade progride tanto mais ella estreita os meios repressivos da infracção das suas leis organicas, e tanto mais afrouxa a punição imposta á contravenção dos seus estatutos regulamentares, distinguindo graduações na culpa segundo a importancia dos interesses feridos pela perpetração do delicto.

É em virtude d'este criterio que são punidos com severidade, unanimemente exigida pela opinião, os attentados contra o interesse do commercio e contra o interesse da industria, porque estes dois interesses são considerados os mais importantes das sociedades modernas; ao passo que raramente deixam de ser annistiados os crimes politicos, pela razão de que os governos se julgam impotentes para vibrarem arbitraria-

mente um castigo que nenhum interesse reclama e que por conseguinte a civilização rejeita como um acto de prepotencia e de vingança.

Os antigos attentados nefandos contra os poderes constituídos e contra a forma do governo, chamados temerosamente de lesa-magestade, deixaram ha muito de ser espiados na guilhotina e na forca, contentando-se os politicos em fulminal-os com a critica de Talleyrand: «São mais do que crimes, são verdadeiros erros!»

Posto isto, vejamos qual é o estado da mentalidade portugueza afferido pelo criterio que ella applica ao julgamento dos crimes e ás respectivas sanções penaes.



* Deram-se ultimamente dois casos profundamente característicos: o caso de Joanna Pereira e o caso do parochio de Travanca de Lagos.

No caso de Joanna Pereira vemos tres reos confessos e convictos de tres crimes: Joanna, de adulterio; Carlos, de tentativa contra o pudor por meio da chlorophormisação; o carroceiro, da remoção de um cadaver; todos tres

cumplices e conniventes no crime de cada um.

Como procede a sociedade? Não tomando conhecimento de nenhum d'estes attentados e despedindo os reos em paz!

No caso do parochó de Travanca de Lagos, o reo é accusado de ter falsificado uma certidão de idade para o fim de salvar um mancebo do recrutamento militar. Como procede a sociedade? Condemnando o parochó a oito annos de degredo para a costa de Africa!

O primeiro caso é um triplíce attentado contra a ordem social. A sociedade não só o não pune mas nem sequer o julga.

O segundo é uma contravenção de um regulamento administrativo. A sociedade não só o julga mas pune-o com uma das maximas penas do código.

*

Não analysamos o procedimento havido com Joanna Pereira e os seus co-reos. Pomol-o simplesmente em paralelo com o procedimento havido com o parochó de Travanca de Lagos, e dizemos que a condemnação d'este é de uma iniquidade monstruosa.

O crime de que é accusado o padre, condem-

nado por havel-o commettido a oito annos de de-
 gredo, é crime unicamente perante a letra de
 um regulamento de character não só transitorio
 mas arbitrario—o regulamento do serviço mili-
 tar.

O parochio foi condemnado por tentar salvar
 do serviço um recruta. Alterar um numero, es-
 crever um algarismo por outro, só pôde invol-
 ver intenção criminosa quando d'esse acto pro-
 ceda uma offensa de interesses. Viciar a data de
 uma letra ou de um contrato é indubitavelmente
 um grave crime, porque offende o interesse do
 commercio, ou o da industria, ou o da proprie-
 dade. Mas alterar a data de uma certidão de ba-
 ptismo, para o facto de isemtpar do serviço mi-
 litar um cidadão, não é offender um interesse
 social; é o contrario d'isso: é servir o interesse
 que todas as sociedades teem em que deixe de
 haver militares.



O crime, no estado de pura tentativa, pelo
 qual o padre foi julgado e punido com de-
 gredo de oito annos, se se chegasse a realisar e se es-
 tendesse do caso particular de uma freguezia do
 reino a todos os casos analogos na Europa in-

teira, seria o mais assignalado dos beneficios á civilização e á humanidade. Daria em resultado a eliminação do militarismo e da guerra.

Os crimes pelos quaes Joanna Pereira e os seus collaboradores não foram punidos nem julgados, se se estendessem da casa da travessa da Oliveira ao resto da sociedade, dariam os seguintes effeitos:

Os cadaveres seriam propriedade dos carroceiros, o que acabaria, de uma vez para sempre, com o uso dos cemiterios e com a pratica de enterrar os mortos.

Os Antonys teriam, ao abrigo das leis, um desenlace inoffensivo para todos os seus dramas:
Resistia-me, chlorophórmisei-a!

Finalmente, para o facto da selecção da especie, os maridos seriam substituidos pelos mestres de piano dados ao abuso das bebidas alcoholicas — o que tornaria o casamento inutil e a familia impossivel, convertendo os pianos, reforçados pela aguardente, nos unicos instrumentos da perpetuidade da raça.

*

Expondo simplesmente os dois casos referidos e o modo como a sociedade os resolveu,

achamos inútil acrescentar commentarios, e fazemos unicamente á sociedade os nossos cumprimentos.

Por occasião de se discutir no parlamento a reforma da instrucção primaria o digno par sr. Vaz Preto Geraldès votou contra a adopção da gymnastica nas escolas de raparigas, enunciando a opinião de que a gymnastica tinha um character immoral.

S. ex.^a parece receiar que uma vez introduzida a gymnastica nos costumes do sexo feminino, as senhoras portuguezas comecem a estar nos bailes com pesos suspensos da bocca e a passearem no Chiado apoiadas sobre as mãos e de pernas para o ar. Isto effectivamente não seria bem visto. E comprehendemos que s. ex.^a sinta uma certa porção de rubor pensando que

ao dirigir n'um salão as suas homenagens a uma dama esta poderá vir um dia a retribuir os cumprimentos de s. ex.^a aferrando-o pelos rins e obrigando-o a revirar duas vezes as pernas por cima da cabeça no espaço que medeia entre o tapete e o lustre.

Creemos porém que os receios do sr. Manuel Vaz Preto procedem mais directamente de um nobre desdem votado por s. ex.^a a algumas habilitades da feira das Amoreiras do que propriamente do conhecimento cabal que s. ex.^a tenha da coisa que fóra das feiras se não chama a *sorte de forças* mas sim mais modestamente — *a hygiene do movimento no corpo humano*.



Um illustre medico allemão, o doutor Schreber, director do instituto orthopedico de Leipzig, e como tal perito no estudo das deformações do nosso esqueleto, affirma que grande parte das viciações na configuração dos ossos da bacía, viciações que inhabilitam muitas mulheres de serem mães, proveem dos habitos sedentarios que as raparigas contraem na escola e que só podem ser corrigidos na infancia pelos exerci-

cios racionaes da gymnastica. Ora quer-nos parecer que qualquer mulher poderá chegar a ter bem conformados os ossos da bacia sem o sr. Vaz Preto correr um risco eminente de que essa mulher tome a bocca do estomago de s. ex.^a para alvo das suas predilecções pelo pugilato athletico.

*

O mesmo doutor Schreber assevera que é indispensavel introduzir o uso da gymnastica nas aulas do sexo feminino se se quizer evitar que muitas mulheres padeçam um desvio pathologico da columna vertebral extremamente frequente e resultante da posição forçada em que as raparigas se conservam durante as horas do trabalho nas escolas. Repugna-nos acreditar que o sexo feminino, que se destina a fazer a prancha em sociedade tomando para ponto de apoio o ventre do sr. Vaz Preto, esteja á espera de que lhe endireitem a espinha para passar immediatamente depois a operar sobre a região abdominal de s. ex.^a as experiencias dynamometricas, cuja perspectiva lança no animo pudibundo do digno procere um tão ligitimo horror.



A physiologia moderna tem mostrado que a saude não é mais que o justo e perfeito equilibrio das differentes forças inherentes ao nosso organismo. A hygiene tem provado com muitas observações e fundada nas mais repetidas experiencias que o exercicio regular e methodico de todos os nossos membros e de todos os nossos órgãos é o unico meio de manter o equilibrio a que acima nos referimos. A systematisação d'esse exercicio regular e methodico chama-se a gymnastica.

Da saude do corpo procede solidariamente a saude do espirito. Sabe-se hoje que todo o acto intellectual depende de uma dada circulação do sangue atravez da rede dos nervos encephalicos.

Os medicos alienistas e todos os que tem estudado attentamente os phenomenos mentaes attestam que a estupidez, o talento, o genio, a loucura são outros tantos resultados do modo como o sangue circula, com mais ou menos vivacidade, mais ou menos abundantemente, no cerebro. Um apparelho do doutor Mosso, intitulado o plethysmographo, apparelho de que a psychologia experimental tem tirado as mais importan-

tes revelações, demonstra que existem estreitas e precisas relações de causa para effeito entre as variações da circulação e os differentes graus de actividade cerebral. A abolição da memoria, a perversão das sensações, todos os casos de neuropathia cerebral são resultantes de uma falta de cadencia na vibração dos centros sensitivos causada por um embaraço da circulação sanguinea no encephalo. Na Italia estão-se curando as alienações mentaes pela transfusão do sangue. O medico Pouza, do Grande Hospital, e o doutor Rodolfi, do asylo de Brescia, relatam muitos casos de cura de alienados pela transfusão hypodermica.

Pois bem: o meio efficaz de que a hygiene dispõe para activar e regularisar a circulação, de tanta importancia para a actividade central, é a gymnastica.

O celebre hygienista Lacassagne diz: «Um exercicio muscular geral, feito em boas condições, produz os effeitos de uma transfusão de sangue.»

*

Ha estados morbidos cuja localisação no organismo escapa muitas vezes á indagação e á

sagacidade dos clinicos. Está-se doente sem haver aparentemente perturbação alguma nas funcções physiologicas. O symptoma, frequentemente despercebido, d'esse deperecimento vital consiste na diminuição do nosso peso com relação á unidade do nosso volume. A mais segura medida da saude é a densidade do corpo. Ha algum regimen proprio para tornar mais denso o corpo humano? Ha. É o regimen da gymnastica. O doutor Burq, seguindo durante seis mezes os exercicios da escola de gymnastica militar da Faisanderie, em França, constatou, pelas observações feitas dia a dia sobre os alumnos, que a gymnastica tem por effeito augmentar o peso e diminuir o volume, isto é accrescentar a densidade de 6 até 15 % dentro dos primeiros tres ou quatro mezes de exercicio.

*

Em um paiz onde a tísica faz tão grande numero de victimas como em Portugal, é util accrescentar ainda que uma das propriedades da gymnastica é desenvolver a caixa toraxica e augmentar de $\frac{1}{6}$ pela media a capacidade pulmonar, como foi verificado no dynamometro pelo mesmo doutor Burq.

*

A força muscular augmenta, como a capacidade pulmonar e como a densidade, n'uma proporção de 15 % nos quatro primeiros mezes dos exercicios gymnasticos.

*

A hygiene da musculatura é um facto de primeira importancia para a saude desde que pelas experiencias de Claude Bernard sobre as propriedades dos tecidos vivos se reconheceu que a séde principal da combustão respiratoria é o musculo. Os differentes estados do musculo influem directamente na composição do sangue. O exercicio é portanto um poderoso modificador do sangue e como tal actúa em todas as forças do nosso organismo. Mas não ha senão uma especie de exercicio com propriedades hygienicas e therapeuticas: esse exercicio é a gymnastica.

*

Pedimos ao sr. Manuel Vaz Preto que nos faça o obsequio de considerar que só é um

agente da saúde o exercício geral, regular e methodico, que constitue a gymnastica dos movimentos, chamada a gymnastica allemã. O doutor Schreiber demonstra que a unica occupação que sujeita quem a exerce a um exercício inteiramente harmonico, é a occupação da jardinagem. Todo aquelle que não for jardineiro tem de appellar para um methodo especial de movimentos artificiaes que ponham no devido equilibrio as acqvisições e os dispendios de cada um dos seus orgãos.

✽

Taes são, resumidamente expostas, algumas das razões que militam em favor da gymnastica. Em contraposição a estes argumentos não sabemos senão de um: o pejo do sr. Vaz Preto. Dirigimos a s. ex.^a os nossos rogos mais fervorosos para que s. ex.^a não core diante da gymnastica, impedindo assim o paiz de pôr em practica o melhor meio de regenerar a sua constituição atropiada, de endireitar a espinha, de desenvolver os ossos, de activar as faculdades intellectuaes, de enriquecer o sangue, de reagir contra a hypocondria e contra a preguiça, contra a atonia dos nervos e dos musculos, con-

tra a anemia, contra a chlorose, contra a gotta, contra as affecções pulmonares, contra as escrophulas, contra a obesidade e contra o idiotismo.

*

Muitos dignos pares, em cujo numero pedimos licença para incluir o mesmo sr. Vaz Preto, estão contaminados por enfermidades que a gymnastica previne e corrige. De modo que uma boa administração pedia que a gymnastica não só fosse decretada para as escolas mas tambem para as duas casas do parlamento.

Nas escolas americanas, em muitas escolas inglezas, allemãs, suecas, os exercicios intellectuaes interrompem-se umas poucas de vezes por dia para darem logar aos movimentos gymnasticos executados em commum por todos os alumnos. Uma recente estatística, feita na Inglaterra, prova quanto estes exercicios são uteis não só ao desenvolvimento physico mas ao desenvolvimento intellectual, mostrando-nos que nas escolas em que se introduziu a gymnastica os alumnos aprendem mais e em menos tempo do que n'aquellas em que a gymnastica não existe.

Na reforma da camara dos dignos pares, ultimamente convertida em lei, esqueceu uma disposição — precisamente a unica que teria alcance — um artigo que obrigasse ss. ex.^{as} a interromperem, por duas ou tres vezes em cada sessão, as suas locubrações legislativas, para fazerem gymnastica ao som de um órgão, como nas escolas americanas.

O mesmo sr. presidente o nobre duque de Avila e Bolama deveria ser obrigado sob penas tremendas, a tomar parte n'estes exercicios. Por que—digamol-o francamente—o que é o *cache-nez* do nobre duque presidente senão o mais afflictivo dos casos pathologicos: o symptoma mais caracteristico de que s. ex.^a não tem gymnastica nos musculos do pescoço e nos que revestem o seu aparelho respiratorio? Em nome da felicidade do paiz, que tão estreitamente depende da preciosa saude do nobre duque, s. ex.^a deveria ser obrigado — obrigado a ferros, em nome d'el-rei — a suspender em cada dia os trabalhos parlamentares, a erguer-se magestosamente da sua cadeira, a tirar a sua gravata, a desabotoar o seu colleirinho e os seus suspensorios, e a proceder aos seguintes movimentos:

Voltar vigorosamente a cabeça para a direita

e para a esquerda (100 vezes); fazer girar o pescoço, na sua maxima flexão, sobre o peito e sobre as espaldas (200 vezes); subir e descer energicamente os hombros (100 vezes); fazer o movimento de quem mede braças (100 vezes); tomar fortes e profundas aspirações de ar (25 vezes). Depois do quê, s. ex.^a reperia a sua gravata, abetoaria os seus suspensorios e recommearia a meditar sobre a felicidade da patria.

No mesmo sr. Vaz Preto o que é verdadeira-mente a revolta do seu pudor perante a adopção da gymnastica nas escolas senão o indício de uma lesão mental concomitante e até certo ponto compensadora da obesidade? Pois não é sabido que jámais a excessiva nutrição deixa de ser acompanhada reflexamente pela excessiva pudicicia? Conviria portanto que, emquanto o sr. duque de Avila curasse o seu *cache-nez* por meio dos exercicios indicados, o sr. Vaz Preto medicasse o seu pejo com os exercicios seguintes:

Massagens no abdomen (5 minutos); acocorar-se (100 vezes); dobrar o troneo rotatoriamente sobre o estomago, sobre os quadris e sobre o rim (50 vezes); levantar cada uma das pernas para diante e para traz até o limite da sua elasticidade (50 vezes); fazer o movimento ana-

logo ao de quem racha lenha (25 vezes); trotar no mesmo terreno (15 minutos). Depois do quê, s. ex.^a revestiria ameaçadoramente as suas calças e continuaria a demolir com a sua facundia a politica do gabinete.

✽

Se porém a todas estas considerações for insensível o sr. Vaz Preto, n'esse caso a sciencia, continuando a afirmar a importancia social da gymnastica, tem de usar com o pudor de s. ex.^a um expediente extremo: Velar-lhe a face!

A *Nação* publicou um telegramma de Lourdes, em que se lhe diz: *O padre cego já vê, a paralytica já anda.*

✽

Parece impossivel que uma folha religiosa como a *Nação* desse cabimento nas suas colum-

nas a um milagre tão miseravel, tão safado, tão reles como esse ! Com effeito ! foi então para isso, para esse milagrotesito de cácaráca, para dar vista aos cegos e para fazer andar os paralyticos, foi para essa insignificancia, para essa miseria, para essa sovynice, que a sr.^a condessa de Sarmiento organisou a sua romagem, que andou a reunir os padres cegos e as sujeitas paralyticas, e que unicamente para os fazer ver e para os fazer andar os levou tão longe ? !... Ora muito obrigado ! muito obrigado pelo seu favor !

A sr.^a condessa de Sarmiento e todos os devotos e devotas que collaboráram com s. ex.^a na bonita obra da peregrinação teem obrigação restricta de abrirem immediatamente uma subscrição para o fim de indemnizarem o padre ex-cego e a mulher ex-paralytica do incommodo que lhes deram. Porque nós — e a *Nação* bem o sabe ! — nós temos devoções locaes, temos devoções ahi da Baixa, que nos affirmam e affiançam, sob a auctoridade dos padres e dos pontifices, exactamente os mesmos resultados obtidos pela romagem.

Pois quê ! A agua de Lourdes ao pé da bica, na propria gruta, por conta e na presença da santa, não ha de dar mais effeitos no

consumidor do que a agua de Lourdes exportada, expedida ao estrangeiro em vasilhas quantas vezes impuras, quantas vezes com más ro-lhas?!

Não vimos nós ahí, ha dois annos, na Santa Casa da Misericordia, uma enferma paralytica, a qual desfechou a andar com a mesma facilidade com que anda a roda da mesma Santa Casa logo que lhe chapinharam os membros locomotores com agua das latas?!

E a pobresinha de Christo desencaminhada pela sr.^a condessa de Sarmiento para se metter ás estradas e para ir por ahí fóra em braços até Lourdes, chega lá e não obtem mais nada senão o que obteve a outra sem sair do largo de S. Roque?!

E ainda ousam dizer-nos — o que não póde ser senão por escarneo — que ella *andou*? Olha a grande façanha — *andar*! Mas, senhores, tendo tido o trabalho de ir a Lourdes, o que essa mulher devia fazer, pelo menos, era correr, correr a sete pés, e trazer de lá para esse fim cinco pernas a maior do que as que levou!

Outro tanto temos que dizer do cego. Unicamente para ver pelos olhos lesos, sem ir mais longe, tinha ahí o sr. Mascaró que lhe fazia o

milagre no olho de cada lado n'um abrir e fechar do olho do lado opposto. Em Lourdes seria preciso, para sustentar os creditos da agua na sua devida altura, que o homem não só principiasse a ver pelos olhos mas que visse tambem por outros membros.

Isso então já valeria mais a pena de se contar, e comprehenderiamos que a *Nação* o publicasse em telegramma: «O padre cego appareceu-lhe um olho em cada buraco do nariz e está-lhe a vir outro na cova do ladrão, pelo qual já lê as suas rezas de costas na cama com o breviario por baixo do travesseiro. A paralytica já deitou seis pernas novas e está com dois grandes furunculos nos hombros: suppõe-se que sejam as azas a romper. Quando se lhe espremem os carnicões bota pennas. Infinitos louvores sejam dados a Deus Nosso Senhor porque pela côr dos voadouros vemos que a paralytica nos sae pedrez!»

Isso, sim senhor, isso seria um soffrivel milagre, ainda que de segunda ordem, porque os ha muito maiores.



Da virtude dos escapularios, por exemplo, contam-se e authenticam-se coisas ao pé das

quães tudo quanto a agua de Lourdes tem feito é zero.

O escapulario preserva o fiel de todos os males, preserva-o das doenças, das pestes, dos perigos de agua, dos incendios, do raio, das quedas, das balas, das sovas, etc. De tudo isto ha provas que não podemos pôr em duvida. No livro intitulado *Virtude miraculosa do Escapulario demonstrada por casos de protecção, de conversão e de curas miraculosas*, pelo revd.^o padre Huguet — *Saint-Dizier, Paris, Lyon, Bruxelles et Anvers, 1869*, todas essas virtudes se acham confirmadas com muitos exemplos.

Pessoas que caem do alto de enormes torres ficam intactas: nem um botão dos suspensorios lhes rebenta, e se estavam lendo o seu jornal no alto das torres, como algumas vezes succede, veem lendo n'elle pelo ar enquanto caem e continuám a leitura em baixo, traçando a perna n'um estado de satisfação ineffavel.

O sr. A. de L..., tendo entrado na insurreicção do Var, com um escapulario ao pescoço, recebe vinte e nove tiros, apparecem-lhe no fato os vinte e nove furos das vinte e nove balas: elle no entanto fica illeso. «Não nos foi possível matal-o: tivemos de desistir!» disse por

essa occasião um gendarme. (Obra acima referida, pag. 21.)

No auge de um pavoroso incendio um devoto lembra-se de lançar ao meio das chammas o seu escapulario; o incendio immediatamente se extinguiu e o escapulario encontrou-se intacto. «Apenas, diz o padre Huguet na obra citada, se observou que elle cheirava um pouco a chamusco.» (Pag. 17.)

Um soldado na batalha de Novara vê cair em torno d'elle todo o regimento, elle é o unico ser que sobrevive: examina-se o soldado e acha-se-lhe um escapulario mettido na bocca e um em cada braço. (Pag. 20.)

Um desgraçado, querendo suicidar-se, lança-se ao mar quatro vezes consecutivas, sempre debalde: o mar arroja-o á praia, recusando-se obstinadamente a submergil-o. O desgraçado recorda-se então que traz ao pescoço um escapulario, e atira-se ao mar pela quinta vez, tendo deixado o escapulario em terra. Foi sómente com esta condição que o mar se resolveu a dar cabo d'elle. (Pag. 15.)

Além de livrar de todos os perigos, sem excepção, durante a vida, o escapulario livra completamente das penas eternas depois da morte.

O abbade Guglielmi, auctor do livro intitulado *Collecção dos escapularios da Immaculada Conceição, do Rosario, do Carmello, etc.*, diz terminantemente, a pag. 231, que os demonios se queixam no inferno, pela maneira mais amarga, do grande numero de almas que lhes são arrebatadas pelos escapularios. Parece que não ha dia em que um milhão de diabos não roguem esta praga medonha: — Que nós levemos os escapularios!

As approvações pontificaes de todos os papas, desde João xxii até Pio ix, confirmam cabalmente os poderes attribuidos ao uso dos escapularios.

O escapulario do Monte Carmello tem a propriedade especial de expedir para o ceo o penitente, quaesquer que tenham sido os peccados por elle perpetrados, no primeiro sabbado seguinte ao da sua morte. Facinora que arranje a morrer com o escapulario na sexta feira á meia noite, podem os facinoras seus companheiros esperar-o no purgatorio, que o hão de ver por um oculo!

O uso do escapulario é extremamente commo: não obriga a encargos de nenhuma especie, salva-nos independentemente da penitencia,

da confissão e da communhão. Tambem não priva o penitente de qualquer prazer a que elle se queira dar n'este mundo. Assim o affirma o revd.^o Guglielmi. O essencial é não o tirar nunca, nem mesmo *quando voluntariamente se vae peccar*: é o que mais particularmente prescreve o dito padre Guglielmi.

De todos os escapularios o que mais se recommenda á eleição dos devotos é o do Sagrado Coração de Jesus, porque este escapulario nem sequer precisa de ser benzido. Basta, para dar todas as indulgencias, que elle seja feito pelo modelo approvado pelo nosso Santo Padre Pio ix, do modo seguinte: Sobre um pequeno retalho de lã branca — retalho quadrado ou oblongo, porque sendo redondo, oval ou polygono perde a virtude — applica-se um coração de flanela encarnada, bem talhado e cosido a pesponto, de modo que imite a corôa de espinhos acompanhada de algumas gotas de sangue bordadas a seda. À parte, em uma tirinha de panno patente, borda-se a ponto de marca, linha encarnada, a inscripção sacramental: *Suspende! Está comigo o coração de Jesus!*

Ora, podendo cada um em sua casa, no seio da sua familia, fazer um d'estes escapularios,

deital-o ao pescoço e ficar livre, para a vida e para a morte, de todos os perigos, de todos os males; podendo cair do alto das torres, atirar-se ás voragens do fogo e do mar, e metter-se de baixo dos raios, sem mais risco do que teria deitado na sua cama, não fará a *Nação* o favor de nos dizer para que ha de ir um homem a cascos de rolha beber uma agua, que, segundo a mesma *Nação*, o mais que faz é unicamente dar vista aos cegos e movimento aos paralyticos?

Ha umas tantas coisas que a *Nação* até devia ter vergonha de as dizer... O que a *Nação* precisava era que lhe deitassem um bom escapulario a esse pescoço, para a *Nação* ficar então sabendo o que são milagres! Porque a *Nação* não sabe o que são milagres!

Pôr o padre cego a ver e pôr a paralytica a andar não passa de uma habilidadesita mediocre, um bocadito de geito!

Vir á feira unicamente com uma porcaria d'essas parece mesmo de proposito para fazer perder á gente o gosto pelas devoções...

Emquanto a nós o que a *Nação* tem é o espirito maligno no corpo do jornal! Cruzes, demônio!

Ha dois mezes que os periodicos annunciam quasi quotidianamente os casos de espancamento, de ferimentos e de roubos commettidos em Lisboa e seu termo. De quando em quando a policia, para o fim de dar uma especie de satisfacção á sociedade pela frequencia de tantos crimes, prende um fadista. O que temos que perguntar é: Porque se não prendem os fadistas todos?

*

Em cidade nenhuma do mundo existe uma palavra de significação analoga a esta — o *fadista*.

Ser fadista quer dizer: ser um criminoso tolerado, agremiado civilmente, constituindo uma classe. Pela sua genealogia social o fadista descende dos antigos espadacoins plebeus que conquistavam, por meio de exame feito em valentia, o direito de cingirem a espada e de acompanharem com fidalgos bulhentos e tranca-ruas. No seculo passado existia ainda em toda a sua pureza esta raça de bravos de viella, sem officio nem beneficio, vivendo das esportulas da no-

breza, apadrinhados por ella, frecheiros com as mulheres, soberbões e insolentes com os mestreaes e com os mercadores, cobrindo as costas aos fidalgos nas excursões nocturnas em que estes se divertiam espancando os transeuntes, escalando os muros dos quintaes e dos conventos, desarmando as rondas e açoitando os corregedores e os esbirros ao fundo dos becos tenebrosos e adormecidos.

Entre os alludidos fidalgos figurava como grão-mestre da ordem, como capitão da ala o serenissimo senhor infante D. Francisco, preclaro irmão do senhor rei D. João v, que Deus tenha em sua santa guarda. D'esse interessantissimo principe, cujas tropelias creáram, durante um seculo, em volta das suas terras do Infantado, em Queluz, uma legenda de terror, conta-se este bello feito historico, que basta para mostrar o genero dos divertimentos da sua roda: Vendo o augusto principe nas vergas de um navio um marinheiro que o saudava, quiz o infante experimentar, por ser mui curioso de balistica, se do logar onde estava poderia alcançar com um tiro aquelle homem que lhe fazia continencia meneando alegremente o seu gorro. Fazendo em seguida a mais cuidadosa pontaria, e desfe-

chando sobre o alvo, teve sua alteza o summo gosto de ver que o marinheiro se despegára da verga, que dobára no ar por entre as enxarceas e caíra por fim estatalado no convez varado pela bala da serenissima escopeta. Com o que o sr. infante houve um accesso de jubilo, como nunca se lhe vira, e que sua alteza houve por bem desafogar batendo as palmas e dando muitos uivos e pinchos, inequivocos signaes de uma illimitada alegria. Mais tarde, com a illuminação de Lisboa, devida ao intendente Pina Manique, e com a creação da policia moderna, cessáram os recontros, as arruaças, os combates nocturnos da fidalguia com a villanagem lisboeta. Pela razão biologica de que toda a força organica que se não exerce se elimina, o antigo valentão plebeu deixou de ter valor mas continuou a conservar o espirito da façanha, da aventura, do amor illicito, da tavolagem e da vadiice, e tomou então o nome de — fadista.

O fadista não trabalha nem possuie capitães que representem uma accumulção de trabalho anterior. Vive dos expedientes da exploração do seu proximo. Faz-se sustentar de ordinario por uma mulher publica, que elle espanca systematicamente. Não tem domicilio certo. Habita suc-

cessivamente na taberna, na batota, no chinquillo, no bordel ou na esquadra da policia. Está inteiramente atrophiado pela ociosidade, pelas noitadas, pelo abuso do tabaco e do alcool. É um anemico, um covarde e um estúpido. Tem tosse e tem febre; o seu peito é concavo, os braços são frageis, as pernas cambadas, as mãos finas e pallidas como as das mulheres, suadas, com as unhas crescidas, de vadio; os dedos queimados e enegrecidos pelo cigarro; a cabelleira fétida, enfarinhada de poeira e de caspa, reluzente de banha. A ferramenta do seu officio consta de uma guitarra e de um *santo christo*, que assim chamam technicamente a grande navalha de ponta e triplíce calço na mola. É habitado por uma molestia secreta e por varios parasitas da epiderme. Um homem de constituição normal desconjuntar-lhe-ia o esqueleto, arrombal-o-ia com um soco. Elle sente isso e é traiçoeiro pelo instinto de inferioridade. Não ataca de frente como o espadachim ou o pugilista, investe obliquamente, tergiversando, fugindo com o corpo, fazendo fintas com uma agilidade proveniente do seu unico exercicio muscular — as *escovinhas*. Não ha senão uma defesa para o modo como elle aggride: o tiro ou a bengala, quando

esta seja manejada por um jogador extremamente dextro. A guitarrra debaixo do braço substitue n'elle a espada á cinta, por meio da qual se acamaradavam com a nobreza os pimpões seus ascendentes do seculo xvi. É pela prenda de guitarrista que elle entra de gôrra com os fidalgos, acompanhando-os ainda hoje nas feiras, nas toiradas da Alhandra e da Aldeia Gallega, e uma ou outra vez nas ceias da Mouraria, onde depois da meia noite se vae comer o prato de *desfeita*, acepipe composto de bacalhau e grãos de bico polvilhados de vermelho por uma camada de colorau picante. Por effeito da tradição na orientação mental da sua classe elle procura ainda hoje como ha duzentos annos parecer-se e confundir-se pelo modo de trajar com os fidalgos ou com os que julga taes. A classe dos fidalgos que tresnoitam hoje pelas tabernas e pelos alcouces de Alfama, que são levantados bebedos dos becos mal afamados, que fallam em calão e que fazem troças no Colete Encarnado e na Perna de Pau, esta classe de fidalgos, dizemos, compõe-se hoje principalmente de jovens burguezes febricitantes, filhos de honestos lojistas ou de pacientes alfaiates, desencabrestados da rotina paterna pela educa-

ção do lyceu e do collegio nacional, escalavrad-
 dos pelo alcoolismo e pelo mercurio, profunda-
 mente corrompidos, profundamente bestialisa-
 dos. O fadista imita esses senhores na escolha
 que elles fazem dos seus trajas de pandega. Usa
 como elles a bota fina de tacão apiorrado ou o
 salto de prateleira, a calça estrangulada no joe-
 lho e apolainada até o bico do pé, a cinta, a ja-
 leca de astrakan e o chapéo arremessado para a
 nuca pelo dedo pollegar, com o gesto classico do
 grande stylo canalha. A guitarra, seu instru-
 mento de industria e de amor, dedilha-a elle
 com um desfastio impavido, deixando pender o
 cigarro do canto do beiço pegajoso, gretado e
 descaido; com um olho fechado ao fumo do ta-
 baco e o outro aberto mas apagado, dormente,
 perdido no vago em uma contemplação imbecil;
 o tronco do corpo caído mollemente para cima
 do quadril; a perna encurvada com o bico do
 pé para fóra; o *cachucho* da amante reluzindo
 na mão pallida e suja. Tambem canta, algumas
 vezes, apoiando a mão na ilharga, suspendendo
 o cigarro nos dedos, de cabeça alta, esticando
 as cordoveias do pescoço e entoando as melo-
 peias do fado, em que se descrevem crimes,
 toiradas, amores obscenos e devoções religio-

sas á Virgem Maria, com uma voz soluçada, quebrada na larynge, acompanhada da expressão physionomica de uma sentimentalidade de enxovia, pelintra e miseravel.

De resto o fadista não tem vislumbres de senso moral. Explica os seus meios de vida pelo premio tirado na cautela de pataco que lhe foi vista na algibeira cebosa do collete. Na batoconcilia-se com o furto e com o roubo; na esquadra da policia concilia-se com a mentira; nas suas convivencias do bordel concilia-se com a infamia; e as condições especiaes em que ama e é amado acabam por dissolver n'elle os ultimos restos d'essa dignidade animal, para assim dizer anatomica, commum a todos os machos.

*

É da classe dos fadistas que saem para os tribunales e para as cadeias os incorrigiveis da criminalidade.

A proposito do direito de punir e do modo de applicar a pena dizia recentemente ainda um escriptor inglez, fundado nas informações de um inspector de cadeias, que todos os criminosos presos se podiam dividir em tres cathogorias.

A primeira cathegoria é composta de individuos que verdadeiramente não deveriam ter entrado nunca na prisão. São lançados nas garras da lei por um accidente exterior ou por uma fraqueza de juizo ou de character, a qual não obsta a que elles tenham uma moralidade tão sã como a de qualquer de nós. Á segunda cathegoria pertencem individuos, mais numerosos que os primeiros, sem violentas tendencias moraes ou immorales, susceptiveis de serem dirigidos pelas circumstancias e de se tornarem bons ou maus segundo a direcção que recebam. A terceira cathegoria, de um numero de condemnados felizmente restricto, é rebelde a toda a disciplina, insensivel a toda a bondade, surda a todos os conselhos. Para estes a cadeia é um logar improprio; seria preciso confinal-os em uma ilha deserta, onde o contagio mortal do seu exemplo não fizesse novas victimas. Segundo o alludido inspector das cadeias inglezas, que tinha viajado muito e estudado attentamente todos os grandes estabelecimentos penitenciarios do mundo, o Estado não teria senão proveito que tirar da maior somma de liberdade concedida aos presos da primeira d'essas cathegorias; aos presos da segunda classe conviria princi-

palmente dar instrucção; emquanto aos terceiros o melhor expediente seria a morte.

É util reflectir n'estas palavras e considerar uma coisa :

É ou não é da classe chamada fadista que procede a maxima parte dos criminosos que passam annualmente pelo banco da Boa Hora, e cuja incorrigibilidade é em muitos d'elles attestada por varios julgamentos repetidos?

A historia do foro lisbonense nos ultimos tempos responde :

É.

N'este caso pergunta-se :

Póde a sociedade, sem incorrer em uma responsabilidade tremenda, continuar a manter pelo desleixo, a existencia legalmente tolerada de uma cathegoria de individuos que ha tres seculos pervertem profundamente os nossos costumes populares, e de cujo gremio saem os criminosos que a justiça mais difficilmente corrige e mais raramente regenera?

Não. Uma similhante tolerancia representa o mais grave dos attentados de que o Estado é cúmplice perante a ordem moral. Porque, se a sociedade é irresponsavel da perversidade individual, não succede o mesmo, e a sociedade

deixa de poder ser absolvida, logo que é ella que sustenta, ao abrigo das leis, a concordancia de todas as causas conhecidas e manifestas que produzem fatalmente um determinado numero de perversos.

Dado o fadista, a sociedade não pôde certamente evitar o criminoso. A sociedade porém pôde evitar o fadista. De que modo? Procedendo a um inquerito rigoroso sobre a vadiagem e supprimindo, quanto antes, a instituição concomitante que a justifica e a consagra: — a loteria.

Desde que um cidadão deixe de poder explicar unicamente pelos suppressimentos do jogo a posse legitima dos seus meios de subsistencia, o Estado tem o dever de o prender, não para o encarcerar mas para o coagir ao trabalho, matriculando-o em qualquer das officinas do governo: na cordoaria, na fabrica da polvora, no arsenal, na imprensa, etc.

*

O mais perigoso de todos os animaes vadios é o homem. Comparado com elle o cão, ainda quando damnado, pôde-se considerar inoffensivo. E todavia a policia, que tem para o cão

que ainda se não damnou as precauções da rede e da carroça, não tem para o vadio, em pleno exercicio do seu contagio, senão um expediente repressivo: o de lhe archivar a photographia no commissariado geral.

Quer a policia um bom conselho, que resume tudo? Inverta os seus meios de garantir a segurança publica: tire o retrato aos cães e deite a rede aos fadistas.

Repentinamente, inesperadamente, sem ninguém saber porquê, no principio do mez passado, os poetas portuguezes dividiram-se em duas legiões contrarias, arrojaram-se encarniçadamente uns sobre os outros, esmurraram-se, esguedelharam-se, cuspiram-se na face em odes, açoitaram-se medonhamente nas carnes a golpes de alexandrinos, e viram-se de parte a parte

nodoas negras da pancadaria nas regiões lombares das musas.

Mysterio sobre as causas que moveram tão crua guerra entre duas escolas poeticas aliás tão pacatas que nem se sabia nos respectivos bairros que ellas existissem: a escola da *Idéa Velha* e a escola da *Idéa Nova!*

*

Os da *Idéa Velha* dizem que não ha nada como a idéa d'elles. E fundam-se para isto em que é uma idéa solida, experimentada, garantida.

O primeiro grande e inspirado poeta de segunda ordem que a manejou encontrou-a estirada ao comprido no seu caminho ha cerca de quarenta annos.

Ergueu-a do chão como morta, chuchada, espipada, moída pelas pégadas de duas gerações, espalmada como uma pellicula pelo piso das alimarias e pelas rodas dos vehiculos que passáram na via, sobre o macadam enlameado. O primeiro, pela ordem chronologica, dos nossos grandes e inspirados poetas de segunda ordem, pegou na *Idéa Velha* por uma ponta e

pôl-a ao alto. Soprou-a, encheu-a, attestou-a, retesou-a de novo. Depois lavou-a, catou-a, cortou-lhe as unhas, penteou-a, metteu-lhe louro fresco na frente, poz-lhe ao peito uma bonina de cera feita na Margotot e levou-a consigo á sociedade, onde a receberam bem. Cercáram-a varios outros não menos grandes nem menos inspirados poetas de segunda ordem do que aquelle que a levantára do chão. Andou pelo braço de um e pelo braço de outro recebendo declarações de affecto e dadivas de amor. Mão tão dedicada quão firme cravou-lhe sobre a bonina de cera feita pela Margotot uma mariposa de tarlatana com as pequenas azas abertas, em spasma, feita no Casademund. Levaram-a aos espectaculos, ás solemnidades publicas, ás casas particulares, e por toda a parte foi acolhida com agrado. Recitou aos pianos; escreveu endeixas nos albuns; collaborou na *Gri-nalda* e no *Almanach de Lembranças*; dedicou versos á Lapa dos Esteios, á Stoltz e á Novello e ao funeral da senhora D. Maria II; concorreu com a sua pedrinha para o monumentosinho levantado a Ovidio e ás Graças nas notas da versão portugueza dos *Fastos*. Foi da Assémbléa da Galocha, na rua Nova do Carmo, e do *Gre-*

mio, que tomou o nome de *Litterario* para a receber e cujos socios affirmáram, para lhe serem agradaveis, o seu amor ás lettras deitando bigode e pera. Ella penetrou finalmente nas altas regiões officiaes. Foi aos paços dos nossos reis! De quando em quando observava-se que ella começava de repente a encolher, a chupar, a fazer pregas: ia-lhe saindo o vento com que fôra insuflada pelo genio dos maiores poetas portuguezes de segunda ordem, e era tragico e aterrador o seu aspecto, qual o de uma concertina que se fecha. Mas n'estes casos afflictivos vinha o canudo da publica opinião, e todos sopravam para dentro novo ar pelo dito canudo á Idéa Velha. O poder moderador, com a sua real corôa na cabeça e o seu real manto ás costas, era o primeiro a soprar, bochechudo, vermelho, heroico. Seguiam-se por ordem hierarchica os grandes do reino, alguns dos quaes, achando-se tão chupados e tão desfallecidos como a propria idéa que eram chamados a revificar com o seu alento, sorviam-a em vez de a bufar, e retiravam-se mais turgidos, mais tesos, mais grandiosos. Vinham depois as classes medias, que com a sentimentalidade que as caracteriza, choravam de ternura olhando para a fidalguia nobremente

enfunada nos seus uniformes e lembrando-se de que ellas, miseras classes medias, tinham tido a honra de bufar á mesma idéa e pelo mesmo canudo que servira á primeira fidalguia d'estes reinos e ao augusto chefe do estado. O povo queria tambem soprar, mas os lojistas da Assembléa da Galocha e os empregados publicos do Gremio não o permittiam, e torcendo altivamente o bico das peras, diziam que a Idéa se não se podia pôr á mercê da populaça infrene e ignara. Vivendo assim á custa do sopro dos poderes legalmente constituídos e da burguezia, protegida pelos partidos conservadores e pela municipal, defendida pelos criticos do botequim do Martinho e pelos philosophos da carta constitucional da monarchia, a Idéa, definitivamente consagrada pelo applauso das grandes massas, deu entrada na Academia e no Instituto de Coimbra. Botaram-lhe ao pescoço a condecoração do lagarto. O sr. Mendes Leal votou-lhe a theorba, ajoelhou-se-lhe aos pés e propoz-lhe levar-a ás aras de Hymeneu; ella porém, habituada a ser de todo o mundo, recusou a chamma ardente mas exclusiva do vate. Este, de pura dôr, pregou na parede um prego e suspendeu n'elle, por um laço de crepe, a theorba emmudecida e viuva.

Nos ultimos annos a Idéa Velha desaparecera do bulicio do seculo e da communicação das gentes. Julgavam-a uns no Asylo, outros no Aljube. Algumas pessoas devotas tinham-lhe já resado por alma. Soube-se agora, com grande satisfação dos que a conheceram no galarim, que a Idéa Velha ainda está viva e que se occupa em andar a dias pelas casas particulares onde não ha outra idéa de dentro para o serviço da familia.

*

Os da Idéa Nova teem esta falha notavel: suppõem que a Idéa velha vigora, que domina, que reina ainda, que governa a consciencia humana, que prepondera nos destinos do mundo. E vêem-se moços honestos e engraçados, assumindo uma seriedade que faz arripiar os cabellos aos pathologistas, dispenderem o seu nervosismo precioso a combaterem, como se fosse uma força da natureza ou uma corrente da sociedade, aquillo que ha meio seculo não passa de um artificio convencional e de uma superfetação litteraria da banalidade e da insipidez ociosa,

sem pega em nenhum dos interesses do espirito
ou do coração do homem no tempo presente.

O Primo Bazilio, novo romance de Eça de
Queiroz, é um phenomeno artistico revestindo
um caso pathologico. Para bem se comprehen-
der esta obra é preciso discriminar o que n'ella
pertence á jurisdicção da arte e o que pertence
aos dominios da pathologia social.

*

Eis a doença que este livro accusa : — A dis-
solução dos costumes burguezes.

O mais caracteristico symptoma d'esse mal é
a falsa educação. A educação burgueza tem um
defeito fundamental : mantém na mulher a mais
terrivel, a mais perigosa de todas as fraquezas.

Esta fraqueza consiste no seguinte: No fundo mais intimo e mais secreto da sua existencia de artificio e de apparatus a burguezia sente-se conscienciosamente mesquinha e reles. Vamos ver porquê.

Porque na burguezia, na burguezia de Lisboa principalmente, ha uma desharmonia medonha, um contraste assombroso de disequilibrio entre a representação da vida exterior e o systema da vida intima.

Basta olhar de fóra para as casas, basta considerar o aspecto exterior do templo para se fazer uma idéa do que póde ser dentro o culto d'essa religião — a familia!

Comparem-se as nossas edificações urbanas, os casarões da baixa — rectangulares, batidos pelo sol mais ardente e pelos ventos mais asperos, desguarnecidos de venezianas, chatos, uniformes, rasos de toda a saliencia, de todo o ornato, como casernas ou como cadeias — com as graciosas construcções arabes da Andaluzia ou da Estremadura hispanhola, com o seu claustro interior, o poço de marmore ao centro do pateo, as galerias concentricas vestidas de trepadeiras em flor, abrindo sobre o pequeno jardim, que é o coração da casa. Comparem-se

com as sabias edificações modernas do norte da Europa, da Inglaterra, da Allemanha, da Hollanda, da Dinamarca. Ponha-se a fachada de qualquer dos nossos predios do bairro central de Lisboa ao pé dos novos predios de esquina de rua no Hanover. As novas casas allemãs no stylo gothico francez, modificado segundo as exigencias da civilisação moderna, são obras primas de arte, inspiradas pela mais exacta comprehensão da hygiene, da moral, da estetica; são verdadeiros instrumentos auxiliares do melhor systema de educação. Construidos exteriormente de tijolos de tres côres, branca, côr de rosa e preta, ornados de pequenos eirados, de terraços cercados de hera, de estufas, de *logettes*, de aviarios em que cantam os passaros, de balcões em que desabrocham as flores sempre frescas, esses predios, que teem a attractiva frescura exterior de outros tantos ramalhetes, são interiormente distribuidos do modo mais elegante, mais digno, mais accomodado aos deveres, aos respeitoes, aos nobres prazeres da familia. A disposição mais escrupulosamente estudada do salão, da bibliotheca, da casa de trabalho, da copa, do jardim, de todos os compartimentos interiores da risonha colmeia penetrada

de boa luz e bom ar, permite ás mulheres o saudavel prazer de girar na casa, activamente, n'uma grande variedade de aspectos pittorescos e alegres.

As casas do centro de Lisboa, de uma uniformidade cellular monotona, parada como um olhar idiota, sem pateo, sem uma arvore, sem uma folha de verdura fresca e palpitante, tendo por amago o saguão sombrio e infecto, com a ultrajante pia no interior da cozinha ao lado do fogão por baixo das caçarolas, com alcovas sem luz, enodoadas pelas manchas dos canos rotos, inficionadas pelo cheiro nauseabundo do petroleo e da alfazema queimada, são os sepulchros da saude e da alegria.

É n'essa serie de prateleiras, de gavetões de familias, que se chamam os *Arruamentos da Baixa*, que é educada a lisboeta.

Uma senhora franceza, tendo viajado em toda a Europa e visitando recentemente Lisboa, communicava-nos esta profunda observação:

«Noto um facto que me enche de perturbação e de horror — n'esta cidade não ha creanças.»

Quizemos convencer do contrario essa senhora. Era em um dos primeiros bellos dias da presente primavera, de uma grande amenidade

luminosa e balsamica, tinham chegado as andorinhas e as borboletas côr de palha, desabotoavam-se as rosas da Alexandria, appetecia desentorpecer os musculos na elasticidade de um bom exercicio, ouvir a agua, ver os musgos, passeiar ao sol. Fomos ao jardim da Estrella, ao da Patriarchal, ao de S. Pedro de Alcantara, ao do Campo de Sant'Anna, aos *squares* do largo de Camões, da praça das Flores, do Aterro: lá encontramos effectivamente um pouco de sol, alguma relva, alguma agua, mas não encontramos uma unica creança, a cuja saude sua mãe se tivesse sacrificado por uma hora, abandonando n'esse breve espaço de tempo a sua preocupação de magnificencia e vindo simplesmente com o seu trabalho ou com a sua leitura, de uma das casas mais proximas para debaixo de uma d'essas arvores, fazer crescer ao ar livre o seu filho, preparado para esse effeito com um bom banho e com um bibe fresco.

Nos dias de bom tempo, emquanto a maioria das senhoras de Lisboa frequentam as lojas ou fazem visitas, onde é que estão as creanças? As creanças estão dentro das casas que acima descrevemos — *a tomarem proposito*. *Tomar proposito* é uma locução essencialmente local e in-

traduzível, que quer dizer: aprender a não saber andar, a não saber rir, a estar quieto e a estar calado, a corromper os mais nobres instinctos da natureza humana, finalmente a dissimular e a mentir. A menina só principia a sair de casa depois de ter tomado o proposito indispensavel para não tagarellar imprudentemente, para não contar que houve favas para o jantar ou que o papá ralhou com a mamã. Haver favas para o jantar e ralharem o papá e a mamã é de resto tudo ou quasi tudo quanto se passa em casa, porque não ha interesses de espirito, nem ha instructivas occupações praticas. Falta o jardim, a grande escola da infancia onde os rapazes formam o character trepando ao alto das arvores, e as raparigas mondando os cantheiros e protegendo os insectos e as flores. Tambem não ha bibliotheca. Leem-se apenas as bisbilhotices do jornal e os romances das traducções baratas. Nenhuma especie de estudo. Nenhuma applicação intellectual. Ignorancia absoluta de todas as coisas da natureza e da vida. Aos sete annos a menina vae para o collegio, onde aprende o francez e o inglez. Esta educação completa-se em casa ensinando-se-lhe a tocar piano. Todas as prendas da sua educação

são appendices da sua *toilette* : uma bonita letra, uma bonita pronuncia das linguas, e a *phantasia*, o bonito trecho de salão tocado no piano diante das visitas. Que sabe ella da arte, da sua natureza, da sua funcção sobre o nosso espirito? Que livros leu proprios para lhe suggerirem um alto ideal, para lhe darem o criterio artistico? Leu os jornaes noticiosos e as revistas de modas, os romances de Ponson du Terrail, de Xavier de Montepin, de Bellot, de Dumas filho. Não leu ou não entendeu nunca nenhum dos grandes educadores do espirito moderno, Michelet, Dickens, Andersen, Froebel.

Não a interessa nenhum dos phenomenos da natureza, porque ignora completamente as leis que regem o universo e que determinam esses phenomenos.

Não a distraem os interessantes cuidados do *ménage*, porque da casa, assim como da arte, assim como da natureza, o que aprendeu ella? Sem nenhuma noção da hygiene, nem da chimica alimentar, nem da historia das sciencias e das industrias que fornecem os instrumentos da actividade ou do conforto domestico, os graves arranjos da casa, tão moralisadores e tão attractivos, teem para ella o character de um mister

gnobil, desprezível, adjudicado, com toda a porcaria qu e constitue a essencia da cozinha nacional, á discricção de uma criadagem villã, que retribue o desprezo de que é objecto traindo, mal-dizendo e roubando. Da casa o que ella sabe unicamente é que ha duas ou tres salas de aparato que se mostram ás pessoas de fóra; um quarto mais ou menos infecto, uma possilgueirinha mobilada pelo Gardé, em que ella dorme até ás dez ou onze horas; um criado que furta nas compras; uma cozinheira que dá respostas; e uma latrina contendo um fogão em que por meio de varias borundangas cabalisticas e secretas consta que se fabrica a sopa.

Na religião ella padece os mesmos descontentamentos vagos e confusos que a humilham na vida social. Devota, appetitece as altas penitencias elegantes: as romagens á fonte de Lourdes; a oração em frente da gruta no meio de velhas princezas romanescas e beatas; os jubileus em S. Pedro de Roma; a contricção aos pés do summo pontifice, coberta de renda preta, entre os peregrinos da mais pura aristocracia, misturando ao fumo do incenso o perfume lascivo e penetrante do opoponax, enquanto os órgãos soluçam e o sol coado pelas vidraças coloridas se

espelha nas couraças dos bellos guardas de bigodes torcidos e espadas desembainhadas. Presta ainda bastante consideração ás interessantes ceremonias da elegante religião nacional, como a do Mez de Maria na bonita igreja de S. Luiz, enramilhetada de brancas açucenas, fresquinha e graciosa, semelhante a uma *bombonière*, ou como a da Semana Santa nos Inglezinhos, a cuja *petite entrée* destinada aos intimos rodam os *coupés* magnificos da piedade escolhida.

Mas pelo Deus da sua convivencia habitual, pelo pobre Deus de gesso do seu *bénitier* barato; pelo Deus da procissão do Carmo e da procissão da Saude, servido por padres barrigudos e oleosos, com as voltas sujas, arrotando motetos atraz dos andores; por esse Deus um tanto cattura, um tanto carola, pelo Deus da Baixa em fim, ella não tem senão duvida ou desdem.

Na moral as suas convicções baseiam-se em uma serie de principios theoreticos, que ella viu sempre ou quasi sempre refutadas por uma serie contradictoria de interesses praticos, tirando esta conclusão: que o dever consiste na mais habil combinação que se possa fazer d'essas theorias e d'esses interesses para o fim de chegar a este ultimo resultado, ao qual tendem

solidariamente todas as fraquezas das sociedades corruptas: — o socego.

Aos dezeseite ou dezoito annos ella entra no mundo, isto é, principia a ir aos bailes, a frequentar o theatro, a ler romances, a conversar com os homens. Percebe então vagamente que ha em alguma outra parte, n'outra região social, em outro bairro ou em outro paiz talvez, um mundo diverso do seu pequeno mundo insipido, ordinario, estúpido: que nem todas as raparigas vivem como ella, pura boneca, no interesse exclusivo da moda e da *toilette*; com uma cabeça ôca; n'um quarto que não cheira bem; tendo um pae, automato de secretaria, de carteira ou de balcão, que pensa pela cabeça de um jornal barato e mal feito, e uma mãe que se enfastia medonhamente na sua bata e na sua ociosidade de cerebro, em revolta contra o destroço dos annos e contra o preço crescente dos generos alimenticios, ralhando habitualmente com as criadas, ralhando com o aguadeiro, ralhando com o marido.

Principia então a causar-lhe um tedio profundo, nauseante, a sua vida domestica: a casa de aluguel de que muda de anno em anno; o seu pequeno quarto sem tradições, sem histo-

ria, como o de uma estalagem; o saguão infecto, onde zumbem no verão as grandes moscas gordas e pesadas; a cozinha escura como uma enxovia, deixando pender em esphacelamento as caçarolas gordurosas e as louças esbotenadas; a sala pretenciosa e inutil com os moveis angulosos e perfilados, o tapete com os dois cavallos arabes defronte do sofá, a lythographia da mulher que sorri, o album dos retratos dos parentes com o seu ar endomingueirado e palerma, as flores de papel, as missangas, e o globo de vidro azul pendente de um cordão no meio dos cortinados.

Ella tem um secreto ideal de grande elegancia, de alta distincção decorativa, o que quer que seja de superfino, de requintado, de exotico, semelhante ao que viu no theatro ou ao que leu em um romance de Feuillet. E julga-se superior, predestinada para uma existencia mais nobre, incomprehendida no seu meio, que a envergonha. E nunca se refere á sua vida intima sem mentir. Mente ridiculamente a respeito das coisas mais simples, mais triviaes, e é para se dar um aspecto superior, para se encobrir do que é, que ella assim mente. Mente do modo mais miseravel a respeito dos criados que não

tem, das visitas que não faz, da opera que não viu, dos livros que não lê, da modista a que não vae, dos banhos que não toma, dos jantares que não come, das dignidades, das distincções ou do luxo que não usa.

Casada, procura finalmente realisar os seus sonhos de leitora de romances e de frequentadora dos dramas do theatro de D. Maria. Mas não lhe sae o que quer: não sabe organizar aprazivelmente a casa, não sabe tornar encantadora a familia.

Humilhada, infeliz, começa a descorçoar a pouco e pouco da sua predestinação superior. Sente que ha na sua constituição moral uma falha da qual resulta o desequilibrio dos seus actos com as suas aspirações. Não se acha firme na posse da existencia. Falta-lhe essa tranquilla e serena harmonia que se chama a perfeita dignidade e que é o resultado da perfeita educação.

Se n'esse estado de espirito um homem que ella tenha por eminentemente superior a notar e a seguir, por pouco que esse homem conheça o facil processo de revigorar uma abatida vaidade romantica, ella cairá com uma simplicidade tragica.

O homem superior, segundo o criterio da mulher em taes condições, é o dandy. Porque o dandysmo é a unica fórma sob a qual a distincção se lhe apresenta como uma coisa perceptivel. O cerebro mais provido de nobres pensamentos terá para ella menos seducções do que uma cabeça bem penteada, de cabellos espessos, anelados, separados nitidamente por uma fina risca cõr de rosa, perfumada de fresco. Nenhum encanto de espirito, nenhuma delicadeza de coração, nenhuma virtude de caracter exercerá sobre a imaginação d'ella a fascinação com que a subjuga a alta elegancia authenticada aos seus olhos pelo crevetismo precioso. O seu homem superior, o seu homem irresistivel, o seu homem fatal, será aquelle que usar no seu banho a mais fina perfumaria, o que houver jantado nos mais celebres restaurantes do *boulevard*, o que se vestir e se calçar nos primeiros fornecedores da Europa, o que mais se tiver desgastado de musculos e de cerebro nos altos vicios, o que mais segredos tiver para contar das suas intimidades no mundo especial cujas mulheres consomem por dia cem ou duzentos luizes em *foie gras*, em *Champagne Clicot*, e em *Cold-creame*.

Se um tal homem, seccado, aborrecido, verdadeiramente estoirado nos refinamentos da sensualidade, habituado a raspar os seus sapatos nos tapetes de Smyrna dos *boudoirs* forrados de setim, envoltos em renda de França, mobilados de sandalo fosco esculpido, cheirando ás penetrantes essencias de Lubin e á febre mal dissipada das devoradoras noitadas; se um tal homem, dizemos, se ajoelhar um dia aos pés d'ella, para lhe dizer obscenidades ao ouvido, as mesmas obscenidades que dizia ás outras, *amando-a* finalmente, *amando-a* elle, apesar do que ella considera as suas inferioridades: apesar das suas meias com uma passagem, apesar do seu joelho desformado pela falta de circulação proveniente de um defeito característico da sua raça, o defeito de não saber atar as ligas; apesar ainda do seu quarto cheirando a pia, dos seus sapatos mal feitos, do seu espartilho barato, da sua *toilette* da Baixa, da sua pomada de botica e do seu halito de dyspeptica denunciando um pouco a cebola do refogado nacional... Se, apesar de tudo isso, tão desdenhoso, tão frio, tão gloriosamente corrupto, traçando a perna, descobrindo desleixadamente as suas meias de seda bordadas, torcendo no dedo os seus aneis inglezes,

encasando no olho o seu monoculo, aproximando n'uma intimidade attenciosa e benevola as scintillações do seu correcto *plastron* de Poole, e as exhalações frescas e aromaticas do seu bigode e do seu cabello frisado á Capoul, elle souber pedir, ella pela sua parte não saberá negar.

*

Tal é o caso de pathologia social, caso profundamente verdadeiro, medonho, tragico, sobre o qual Eça de Queiroz escreveu *O Primo Bazilio*, romance realista.

Realista porque? Por isso mesmo que exprime uma convicção social, e é esse o caracteristico essencial da arte moderna. O romantismo não tinha senão convicções esteticas, e satisfazia assim as necessidades de espirito da sociedade que fez a Revolução, que caiu no Imperio, que supportou as guerras de Bonaparte, e cujos cerebros não pediam á arte de 1830 senão uma coisa: serem acalmados e adormecidos. Os poetas então cultivaram o idyllio amoroso e fizeram poemas dos seus proprios estados de espirito; os romancistas e os dramaturgos inspiraram-se nas tradições gothicas da idade media e fizeram

uma restauração litteraria e burgueza da cavallaria. De resto, nos artistas romanticos, perfeita emancipação da forma mais profunda indifferença pelas questões sociaes do seu tempo. Elles foram successivamente ou cumulativamente catholicos, pantheistas, athens, monarchicos, realistas, imperialistas, republicanos, scepticos, phylanthropos.

A sociedade actual deixou de ser uma sociedade que repousa. É uma sociedade que se reconstitue inteiramente e profundamente desde todas os pontos da sua periphéria até as mais reconditas intimidades do seu ser. Esta reconstituição não se está fazendo empyricamente pela revolução ou pela sentimentalidade, está-se fazendo scientificamente pela convergencia harmonica de todos os esforços intellectuaes sobre o mesmo problema. Compreendeu-se que são solidarios todos os estudos, os do mundo inorganico e os do mundo organico; que são correlativas todas as leis desde a da indestructibilidade da materia até a da evolução social; que finalmente se não póde chegar ao conhecimento positivo de nenhum phenomeno, quer da natureza, quer da sociedade, sem conhecer integralmente a serie ou a sequencia de series em que elle é

o elo que prende um phenomeno anterior a um phenomeno subsequente.

N'esta liga de todos os espiritos para um fim commum, liga tão estreita, que cada nova lei, cada nova theoria, cada nova hypothese em qualquer dos ramos da sciencia se reflecte na direcção de todo o trabalho mental em qualquer das suas manifestações, dando por exemplo a theoria zoologica da adaptação ao meio um methodo novo na critica, — n'esta liga, dizemos, a arte não póde deixar de ter um papel diverso do que tinha ha trinta annos. Esse papel é-lhe imposto fatalmente pela nova orientação mental da sociedade. A arte moderna não póde já hoje basear-se em risonhas conjecturas abstractas, tem de assentar, para que nos interesse e para que tenha a importancia de um agente da civilização, em factos de character scientifico, isto é: em factos que sejam a função de leis sociologicas. Queremos factos, não queremos exclamações: *Res non verba.*

Foi da palavra *res*, tomada precisamente n'essa accepção litteral, que se tirou a designação *realismo*.

Chamar realismo ao que é puramente grosseiro, ao que é descarado, ao que é torpe, é ca-

lumniar o dogma. Uma obra de arte pôde conter o maximo numero de torpezas e de obscenidades e não deixar por isso de ser simplesmente lyrica.

O *Primo Basilio* é um romance realista porque é a representação de um facto social visto atravez de uma convicção scientifica. Luiza, a amante do primo Basilio, é a personificação tremenda da tendencia morbida de uma epoca. E é n'isso que consiste a alta moralidade do livro. O ser Luiza *castigada* (para nos servirmos da velha formula que via a moral dos livros no premio que n'elles se concedia á virtude e no castigo com que n'elles se fulminava o vicio), o ser castigada por meio de uma morte afflictiva é um facto accessorio, que não conteria senão esta moral negativa, se d'elle se quizesse extrair uma moral: — que para evitar a morte por desgosto se deve attender no adulterio a que se queimem as cartas.

A moral d'este livro não está em que a prima de Basilio morre depois da queda; está em que ella — *não podia deixar de cair*.

Reconhecemos que esta moral é pouco accessivel á maior parte das comprehensões. Esse é o grande mal do livro, ou antes essé é o grande

mal da litteratura de que o livro faz parte. O *Primo Basilio* suppõe um estado de civilisação artistica e litteraria superior á que existe na sociedade portugueza. Suppõe manifestações parallelas nas applicações da philosophia, na moral, na arte da pintura, na arte das construcções, na hygiene, na politica, na pedagogia, na critica das instituições, na critica dos costumes, na propria critica da arte.

Ora essas manifestações não existem por emquanto n'um estado de vulgarisação que determine uma corrente harmonica no sentido a que se dirige a arte tal como a comprehende, do modo mais elevado, o auctor do *Primo Basilio*. A sociedade portugueza não comprehendeu ainda de um modo colectivo e solidario, que é urgentemente indispensavel por todas as manifestações do pensamento proceder á reconstituição da educação burgueza.

De sorte que o dizer-se, como n'esse livro, á mulher nossa contemporanea: «Eis-aqui está o modo pavorosamente simples como tu te rendes da maneira mais ignobil ao mais ignobil dos homens», — parece um insulto áquellas que são as nossas amigas, algumas d'ellas as nossas companheiras de trabalho, as nossas mães, as nos-

sas irmãs, as nossas filhas. Essa afirmação, porém, deixaria de ter um caracter apparentemente aggressivo se o artista podesse accrescentar :

«Eu não sou um homem isolado no meio da sociedade a que pertenço. Sou uma parte d'essa legião de trabalhadores dedicados, profundamente honestos, que se sentem impellidos na obscuridade do seu estudo por esta ambição heroica : — tornar o mundo mais bello e a humanidade mais digna. Na minha qualidade de artista, a ti mulher que me lês, o mais que eu posso fazer é commover-te de um modo profundo, levantando para esse fim o problema que mais directamente prende com o que ha em ti mais sagrado, com a tua castidade, com a tua honra. O amor clandestino, que a arte romantica personificava aos teus olhos em figuras apaixonadas, de um alto vigor dramatico, de um relevo fascinante, offereço-t'o eu tal como elle hoje te ha de apparecer na vida real, na pessoa de um bilatre asqueroso, bem vestido, correcto, pelintra no fundo, meio principe e meio forçado das galés, friamente calculador, sovina, absolutamente pôdre. E é esse o homem que tu, pobre rapariga honesta, de preconceito em preconceito, de erro

em erro, és trazida, atravez de todos os elementos que constituem a falsa educação que te deram, a admirar e a preferir sobre todos. Se na sociedade a que tu pertences e a que eu pertenço ha uma religião, se ha uma politica, uma moral, uma sciencia, um jornalismo, uma critica, todos esses poderes mentaes harmonicamente e convergentemente estarão n'este momento — no momento em que eu tenho a concepção artistica do *Primo Basilio* — actuando sobre todas as influencias que te rodeiam para o fim de te darem da vida domestica, do amor, da familia, da dignidade, do dever, uma comprehensão nova, assente em factos verificaveis, geometrica, positiva, inabalavel. Á religião compete elevar e fortalecer positivamente a tua consciencia ou demittir-se da solução do teu problema. Á politica, emprehender a reforma das instituições em vista do teu aperfeiçoamento. Á moral, fazer-te comprehender a noção da justiça. Á sciencia, o determinar com a maior clareza as leis eternas do teu destino. Ao jornalismo, o fazer a applicação d'essas leis aos phenomenos sociaes de cada dia. Á critica, finalmente, o explicar-te a minha obra. A mim, porém, não me competia como artista enão uma coisa: depois de conceber esponta-

neamente a minha these, fazel-a viver na maxima elevação esthetica: porque meio? por meio da mais perfeita fórma que póde attingir a arte. Foi o que eu fiz.»

Se com a natureza essencialmente artistica de Eça de Queiroz fosse compativel a humildade de uma explicação n'essas bases, o seu livro teria no leitor uma influencia de muito maior alcance moral. Mas um artista tem a obrigação de se não explicar, — o que seria invadir uma função alheia na justa divisão do trabalho intellectual moderno. Ha um gosto publico do qual procede uma critica official, assim como ha uma religião do Estado da qual procede uma hypocrisia publica. Ora assim como o philosopho deve ser indifferente á theologia, o artista deve ser indifferente á opinião. Mas esta independencia da philosophia e da arte, se por um lado é a condição essencial da sua missão perante a pura arte e perante a pura philosophia, por outro lado ella é a principal causa de ficarem por muitas vezes addiados os mais importantes problemas perante a comprehensão dos espiritos e a satisfação das consciencias.

Taes foram as razões porque — ao terminar ha

mez e meio a leitura do *Primo Bazilio*, — uma tão perfeita obra, que a consideramos como sendo uma d'aquellas que mais honram a humanidade e de que mais se deve gloriar uma litteratura — nós fizemos esta prophesia: Que este livro seria como um d'esses complicados instrumentos mechanicos destinados á observação dos mais delicados phenomenos da chimica, da optica ou da biologia, instrumentos inuteis — ás vezes perigosos — para todo aquelle que não tem a sciencia de os pôr em exercicio e de ver por elles a divina revelação de um novo mundo.

O *Diario Illustrado*, publicando o retrato e a biographia do sr. Osborne Sampaio, tece-lhe o seguinte elogio :

«Conta-se que estando ha dois annos em Cauterets, chegou um dia, depois de jantar, a uma janella e lembrando-se do admiravel panorama

que se desfructa da sua casa de Lisboa, uma das melhor situadas, exclamou: — Quem me dera já na minha casa do pateo do Pimenta!

*

O *Diario Illustrado* não ousa afirmar de um modo terminante que o sr. Sampaio tivesse effectivamente proferido aquellas memoraveis palavras; o *Diario Illustrado* diz apenas: *Contase...*

Ora este caso não se pôde deixar assim envolvido na duvida. São historicas as palavras do sr. Sampaio ou são puramente uma legenda das montanhas, inventada pela imaginação supersticiosa dos pastores dos carneiros negros, ou pela tagarelice anecdotica dos mercadores da feira de Tarbes? Póde o *Diario Illustrado* firmar com a sua palavra de honra a authenticidade d'aquellas expressões? Foi effectivamente o sr. Sampaio que as proferiu? Interroguemos gravemente as nossas reminiscencias!... Não seria antes algum dos outros heroes já celebres na historia da cordilheira dos Pyreneus? Não seria o paladino Rolando, sobrinho de Carlos Magno, marido de Alda a Bella, o que antes do morrer que-

brou a Durindana na batalha de Roncesvalles? Não seria o proprio Carlos Magno? Não seria Sancho o Encerrado, ou seu genro Theobaldo, conde de Champagne? Não seria Plantade, o Astronomo, que morreu em extase diante da belleza da paizagem, entre os valles de Baréges e de Bagnère?

Está o *Diario Illustrado* no caso de sustentar, debaixo de jura, por tudo quanto ha para elle mais sagrado, com a dextra sobre a cabeça do sr. Carvalho Ratado, que foi indubitativamente o sr. Osborne Sampaio quem, depois de jantar, á janella da hospedaria, palitando talvez os dentes, na casta simplicidade dos grandes heroismos, enunciou aquelles dizeres?

Esperamos, tranquilllos mas resolutos, a resposta de *Diario Illustrado*.

Porque, se se chegar a confirmar irrevocavelmente que existe, com effeito, no nosso seculo e em um dos nossos pateos, um homem assás convicto em suas crenças, assás profundo em suas vistas e assás firme em suas resoluções, para ter dito um dia, de tarde, ao acabar de jantar: — *Quem me dera já na minha casa do pateo do Pimenta* — ; se tal phrase não é uma ficção, se ella existe realmente fóra do estado

abstracto de suspeita destituida de fundamento, — o paiz não póde cruzar os braços, inerte. Seria indigno, porque nunca palavra tão lucida como a que o *Illustrado* cita marcou a differença, toda favoravel á nossa patria, que distingue os Pyreneus e o Ferregial de Baixo!

Os regulamentos disciplinares da universidade de Coimbra teem dado ultimamente em resultado riscar um avultado numero de estudantes pelos seguintes delictos, cada um dos quaes foi objecto de um processo especial:

1.º Rir atraz da procissão dos Passos.

2.º Ser testemunha de um duello abortado, proposto a um professor por um viajante.

3.º Não ter dado pateada a um lente.

4.º Parecer constrangido a dar lição.

5.º Jogar o pugilato com um ou mais futricas nas ruas de Coimbra.

*

Os alumnos condemnados pela perpetração dos delictos 1, 2, 3 e 4 appellaram para o Poder Moderador, o qual lhes commutou a pena de expulsão temporaria em alguns dias de cadeia.

Procedendo d'essa forma o Poder Moderador não tomou em consideração a necessidade de fazer proceder á revisão da legislação academica. O Poder teve apenas em vista o *desgosto* infligido pela sancção dos regulamentos universitarios ás familias dos alumnos condemnados: — No que o Poder mostrou ter um coração de excellente rapaz alliado a um cerebro de legislador mediocre.

*

Está pendente da confirmação regia, segundo nos consta, a pena imposta aos reus do crime n.º 5, julgados já segundo o direito commum e absolvidos pelos tribunaes civis.

N'esta conjunctura perguntamos:

É admissivel que sobre o mesmo factó recaia

por esse modo o julgamento de dois tribunaes parallelos? Pode a sociedade tolerar que cidadãos de uma certa classe estejam sujeitos por uma legislação especial a serem julgados em dois foros distinctos, recebendo duas punições em vez de uma, se as duas sentenças forem conformes; ou sendo simultaneamente tidos por innocentes e tidos por culpados, se as duas sentenças forem contrarias?

Responder-nos-hão que o tribunal academico julga de circumstancias especiaes que não são submettidas á apreciação dos tribunaes ordinarios?

Mas n'esse caso o tribunal academico com relação ao crime de que se trata toma o caracter de um tribunal escolar ou de um tribunal de honra.

Como tribunal escolar á Universidade cabe apenas decidir se o facto de sovar um futrica obsta a que se aprenda uma lição.

Como tribunal de honra a Universidade precisa de não perder de vista que quando se trata d'algumas bofetadas ou d'alguns pontapés, o deshonorado não é propriamente quem os dá, é por via de regra quem os recebe.

Se a Universidade insiste em julgar sob outro

ponto de vista as questões d'esta ordem, a Universidade converte-se em uma escola de poltrões e de covardes, destinada a dissolver completamente os restos de virilidade que ainda possa haver na mocidade portugueza.

Todo o homem que se não acha devidamente temperado na sua natureza physica e na sua natureza moral para o fim de resistir energicamente, com risco da sua propria vida, a uma offensa pessoal, é um homem corromido, sem o sentimento do respeito devido á dignidade da sua especie, atreito ás paixões mesquinhas, com manhas de reptil.

*

Se a Universidade tem o intento de educar os seus bachareis para sevandijas ou para freiras, a Universidade faz bem proseguindo no velho systema que tem por fim levar o estudante que queira concluir honrosamente os seus estudos a proceder diante das ameaças da força alheia por um d'estes dois modos: fugindo ou apanhando.

Se porém a Universidade quer fazer verdadeiros homens e verdadeiros cidadãos, a universidade andaria melhor abstendo-se de uma vez

para sempre da instauração de processos ridiculamente pueris, requerendo das côrtes a reforma dos seus regulamentos disciplinares, prescindindo de atrophiar no coração da mocidade com um regimen fradesco os sentimentos naturaes de valor e de brio, e pondo cobro ao pasatempo indigno da velha troça academica por meio da instituição de exercicios viris, proprios de uma mocidade honesta e forte: — a gymnastica obrigatoria, a escola de tiro, a esgrima, a lucta, o insubstituivel *cricket*.

No paiz mais tradicionista e mais formalista do mundo, — no paiz em que Deus segundo Taine é um personagem official com os seus cortezãos e os seus aulicos, — no paiz em que tendo uma vez esquecido fallar da Providencia n'um discurso da corôa o chefe do estado fez novo discurso para prehencher essa omissão, — na ve-

lha, na religiosa, na solemne Inglaterra emfim, John Tyndall, proferindo recentemente a allocação presidencial do *Birmingham and Midland Institute*, disse as palavras seguintes:

«Dir-me-hão que supponho um estado de cousas determinado pela influencia das religiões e comprehendendo os dogmas da theologia e a crença no livre arbitrio, um estado, em summa no qual uma maioria moralisada fiscalisa e disciplina pelo medo uma minoria immoral. Sendo perverso, e perverso sem esperança, o coração do homem, dir-me-hão que se fossem abolidas as sancções theologicas a raça inteira se modelaria por alguns exemplos de depravação individual. Tornar-nos-hiamos todos ladrões e assassinos. Porque é só o medo que nos refreia, e, se eliminassemos o medo, não conheceriamos mais do que o instincto natural e desconheceriamos o dever.

«Tenho de responder que me recuso absolutamente a admittir similhantes conclusões. O scelerado não é em minha opinião a imagem da humanidade. *Bebamos e comamos porque temos de morrer amanhã* não é a consequencia ethica da regeição dos dogmas.

«As doutrinas moraes dos atheus nossos conhecidos são taes que nenhum christão se envergonharia de as professar, e nenhum christão as censura senão desde que conhece a origem de que ellas procedem.

«Reconheço de todo o coração e sou o primeiro a admirar a irradiação espiritual, se assim ousou exprimir-me, que a religião produz na vida de varias pessoas que conheço. Mas não posso tambem deixar de confessar que muitas vezes a religião passa por estrondosas derrotas ao procurar produzir alguma coisa bella. O apostolo e o campeão da religião é frequentemente um simples tagarela, um pouco clown. Essas differenças procedem de distincções primordiales de caracter que a religião é insufficiente para nivelar.

«Dá uma verdadeira satisfação o sabermos que existam no nosso gremio homens a que os batalhadores do pulpito chamam *atheus* ou *materialistas* e cuja vida, não obstante, experimentada na pedra de toque de uma moralidade accessivel contrasta de um modo mais que favoravel com a vida d'aquelles que buscam aviltal-os com essa designação offensiva.

«Quando digo *offensiva* quero simplesmente

alludir aos que empregam aquelles termos, não que eu pense que o *atheismo* e o *materialismo*, comparados a muitas noções sustentadas pelos jornaes religiosos, tenham em si um caracter offensivo.

«Quando eu quizer achar um homem escrupuloso nos seus contratos, fiel á sua palavra e cuja regra moral se ache solidamente estabelecida; quando eu quizer achar um pae amante, um esposo fiel, um visinho honrado, um cidadão justo, procural-o-hei, com a certeza de o encontrar, entre esses atheus a quem acabo de me referir. Tenho-os conhecido tão firmes na morte como o tinham sido na vida. Ao expirar elles não esperavam a corôa celeste, e todavia lembravam-se tanto dos seus deveres e eram tão zelosos em os cumprir como se a sua vida futura dependesse do mais recto emprego dos seus ultimos momentos.»

Em seguida Tyndal cita os exemplos de dois homens notaveis, um dos quaes é christão, o outro não.

O christão é Faraday, que Tindal considera um modelo da associação da fé religiosa com a elevação moral. O seu caracter é o mais pro-

ximo da perfeição. A religião era-lhe necessaria: era a luz, era a consolação dos seus dias. Era forte mas meigo, impetuoso mas docil; uma cortezia peregrina distinguia o seu commercio com os homens e com as mulheres, e, como quanto nascido do povo, a sua fina natureza era digna da mais delicada flor da cavalleria.

O que não é christão chama-se Darwin. Não tem o ponto de vista theologico nem a commoção religiosa que constituíam um tão poderoso agente na vida de Faraday, e todavia Darwin tem a perfeição moral de Faraday. «O sr. Darwin, diz Tyndal, é uma natureza candida e simples, um character terno e forte, um espirito profundo e da mais alta moralidade; é o Abrahão dos homens da sciencia, sacrificador tão docil ás ordens da verdade como o patriarcha antigo ás ordens do seu Deus.»

*

Estas nobres palavras, inspiradas pelo mais profundo sentimento de verdade, de justiça e de amor, ditas por um homem da auctoridade moral de Tyndal, teem um character solemne, quasi sacerdotal. Definem exemplificadamente o dogma scientifico da virtude inherente á cultura

da intelligencia humana e mostram experimentalmente a existencia de uma moral independente de toda a especulação theologica. Que fecunda these para ser exposta e defendida diante de um auditorio feminino no estado presente dos espiritos, em que as convicções do homem estão geralmente em contradição com as crenças da esposa e da filha, e em que tão necessario se torna portanto á harmonia moral da familia o principio fundamental da conciliação das consciencias !

*

Na reunião do ultimo congresso dos obreiros de Lyon um simples operario mechanico chamado Jacquemin, delegado de uma pequena aldeia da Haute-Saône, expõe com uma concisão profundamente lucida as causas que determinam a inferioridade mental dos trabalhadores do campo, tornando-os mais proprios do que quaesquer outros para serem escravizados pelos poderes clericales.

Depois de semeado o campo pelo lavrador, um segundo trabalho estranho aos esforços do obreiro começa lentamente a operar-se: os trigos crescem. Crescem em virtude de que lei?

Tal é a pergunta que o lavrador faz a si proprio. Sabe-se como lhe respondem aquelles que são encarregados de o instruir e de o educar. A noção que elle recebe ácerca do modo como o trigo cresce torna-o fatalista e como tal facilmente susceptivel de se deixar dominar e embair. Qual é o meio de o emancipar? Jacquemin responde: O meio é ministrar-lhe a cultura intellectual do que elle carece. E o orador operario acrescenta:

«Faz-se geralmente crér ao lavrador europeu que as suas sementeiras se desenvolvem em resultado de uma força cuja paternidade vem de Isis, ou de Osiris, divindades que deixaram de reinar. A vontade de Isis fazia crescer n'outro tempo o trigo dos antigos egypcios. Agora é o deus de Mahomet que reina no Egypto. O trigo, pela sua parte, continua a amadurecer nas mesmas condições em que amadurecia n'outro tempo. A ruina dos successivos templos e das successivas religiões em nada tem alterado as leis da natureza. E todavia dá-se por toda a parte o mesmo estado de coisas: O indio crê que Brama intervem nos seus campos de arroz. O chim vê nos seus o grande Todo. Em outros sitios é Budha. Para os gregos e para os romanos era

Ceres. Para uma parte da Asia é o grande Lama. Na Africa é a grande serpente, a grande cobra ou o grande espirito.

«Tudo isto tem naturalmente produzido diversas corporações de sacerdotes. Dizei-lhes que se ponham de accordo uns com os outros?... Respondeis-me que é impossivel. É effectivamente impossivel, o que é de certo uma desgraça! Esse porém é o facto historico, que não podemos deixar de assigular. Esse facto infunde uma grande tristeza, porque sobre as questões que elle suscita tem sido derramado o sangue de muitas gerações.

«É a guerra, é a guerra de religiões. É tempo de lhe pôr um termo. É tempo de estabelecer em bases demonstradas e accessiveis a todos a legislação humana e a moral universal.»

*

Em Portugal os homens e as mulheres das cidades, os homens e as mulheres do campo acham-se inteiramente ao abrigo das suggestões de idéas e de principios que possam inferir-se das eloquentes palavras de Tyndal e de Jacquemin. Em Portugal todas as palavras que exprimem fortes e sinceras convicções de sciencia ou

de simples bom senso são consideradas perigosas e banidas das discussões publicas.

Debalde a historia da civilização ingleza n'este seculo nos demonstra que a tolerancia absoluta na manifestação do pensamento é a primeira garantia da ordem na sociedade, que a maxima latitude na controversia das idéas mantem sempre os problemas dentro da esphera especulativa, evitando assim que a orbita das applicações praticas seja invadida pelos principios que não foram d'ante mão sancionados na opinião e pelas reformas que ella não exigiu em nome de novas necessidades provenientes de um mais alto estado do espirito ou da consciencia publica. Tal é o methodo que tem preservado a sociedade ingleza das perturbações graves que a impaciencia dos reformadores, não experimentada na pedra de toque de uma discussão liberrima, lançou na vida pratica de outras nações, como succedeu em França depois do segundo imperio, que corrompia todos os debates intellectuaes, e em Hispanha depois do reinado de Isabel, que esmagava todas as tentativas publicas de livre raciocinio.

Em Portugal essa importante lição tem sido absolutamente esteril.

Quando as conferencias democraticas inauguradas na sala do Casino mostraram uma ligeira tendencia para produzir idéas, o governo sem nenhuma outra forma de processo supprimiu as conferencias.

Quando depois d'isso alguns individuos suspeitos de atheismo resolveram manifestar posthumamente as suas idéas solicitando para os seus cadaveres o enterro civil, o governo interveiu ainda, restringindo por todos os meios ao seu alcance — meios tumultuarios, illegaes, vexatorios — a vontade do atheu menos perigoso que se conhece, — o atheu morto.

Se nas escolas superiores se encontram professores benemeritos que expõem impunemente nas aulas das sciencias naturaes e das sciencias physicas algumas doutrinas positivas, experimentaes, estando por esse facto em desaccordo manifesto com os dogmas e com as concepções theologicas impostas ao espirito pela carta constitucional da monarchia, a impunidade d'esses professores, dizemos, não se deve attribuir á tolerancia philosophica do poder. Ella é simplesmente o resultado — n'este caso benefico — da indisciplina geral dos serviços publicos.

Ha professores que affirmam principios scien-

tíficos, exactamente como ha professores que mantem no espirito da mocidade os erros mais vergonhosos e mais crassos alheios á doutrina dos programmas. Ha lentes que estão acima da lei pela mesma razão que ha outros que estão abaixo d'ella:—por falta de inspecção e de policia.

Um facto recente dá-nos a prova mais cabal de que o estado não é solidario nos progressos scientificos da nação, e que estes se operam não sob o favor ou sob a tolerancia dos governos, mas sim apezar da intolerancia que elles assumem e dos meios correctivos de que elles se armam.

Veja-se o modo como foi discutido e como foi emendado na camara dos dignos pares o ultimo projecto de lei sobre a instrucção primaria!

Eis as palavras proferidas sobre este assumpto por um dos legisladores mais moços e mais instruidos d'aquelle sabio congresso:

«O sr. conde de Rio Maior (copiamos o extracto da sessão, publicado no Jornal do Commercio), não é adversario do desenvolvimento da instrucção primaria, porque não deseja que continue a subsistir o estado de ignorancia do nosso

povo, onde a proporção dos que sabem ler é de 1 para 25, emquanto na Allemanha, Hollanda, Belgica, etc., é de 1 para 6. Mas não deseja que se vote o estabelecimento do ensino obrigatorio. Prefere a liberdade do ensino, porque julga mais conveniente que os paes tenham a liberdade de darem aos filhos o ensino que lhes parecer mais proprio. Póde haver um individuo analphabeto mas que seja homem de ordem e temente a Deus, que não queira mandar o seu filho a uma escola cujo mestre ensine doutrinas perigosas. Lembra que nos tempos das nossas maiores glorias, embora a instrucção estivesse pouco diffundida, a nação portugueza attingiu um alto grau de prosperidade; não pretende dizer com isto que deixe de se derramar a instrucção, porque tambem é apostolo d' esta idéa, mas quer que essa instrucção seja ao mesmo tempo moral e religiosa.»

A affirmativa de que a nação portugueza attingiu um alto grau de prosperidade no tempo das nossas maiores glorias, embora a instrucção estivesse pouco diffundida, é um erro de historia que o nobre conde quiz commetter de certo intencionalmente para o fim de nos persuadir que não é pelo excesso de instrucção em s. ex.ª

que a gloria e a prosperidade deixáram de nos sorrir. O sr. conde de Rio Maior não podia realmente ignorar que o periodo mais prospero e mais glorioso da nacionalidade portugueza, o periodo das nossas conquistas e dos nossos descobrimentos, foi tambem o periodo da nossa maior cultura intellectual.

Esse periodo principia com o advento da dynastia de Aviz. Se o sr. conde quer achar a differença que distingue esse tempo do tempo actual, compare o mestre de Aviz com qualquer dos soberanos da casa de Bragança.

D. João I era ao mesmo tempo um cavalleiro, um phylosopho e um litterato. Teve a honra de hospedar na sua côrte o grande pintor Van-Dyck e edificou a Batalha, um monumento de arte mais efficaz elle só para formar a educação esthetica de um povo do que dez universidades e vinte academias. Hoje edifica-se a penitenciaria, e o ultimo dos artistas celebres que recentemente veiu a Portugal, o illustre pintor Palmarolli, hospedou-se em uma estalagem e apenas conheceu da côrte portugueza um dos seus fidalgos, que o chamou da janella do seu palacio, em Cascaes, para lhe comprar agulhas e allinetes, por ter supposto, ao vel-o passar com

uma caixa de tintas, que era um bufarinheiro.

Dos filhos de D. João I um é o infante D. Duarte, o creador da primeira bibliotheca que existiu em Portugal, o eximio litterato auctor do *Leal Conselheiro*. Outro era o infante D. Pedro, o que viajou *as sete partidas do mundo*, auctor da *Vertuosa Bemfeitoria* e um dos homens mais profundamente eruditos da Europa no seu tempo. Outro era D. Fernando, o captivo de Fez, o que teve por secretario Fernão Lopes. O ultimo finalmente e o maior era D. Henrique, o iniciador das nossas navegações, o fundador da chamada *Escola de Sagres*, o mais poderoso, o mais grave, o mais austero centro de estudo de que ainda foi objecto a sciencia do ceo e a sciencia do mar. Hoje o infante de Portugal é o senhor D. Augusto, conhecido de todos nós por o termos visto passar no Chiado e conhecido tambem n'um hotel de Londres, onde o principe se hospedou juntamente com dois dos mais notaveis productos da arte nacional, que o acompanharam e que fizeram grande impressão na City, onde os tomaram por duas vaccaes sem pernas. Eram os baús de sua alteza, feitos na rua dos Correeiros.

Da escola de Sagres saíram Pedro Alvares

Cabral, Vasco da Gama, Bartholomeu Dias, Fernando de Magalhães, Diogo Cão, Pedro da Covilhã, Gaspar Córte Real, os mais intrepidos viajantes e os mais valerosos exploradores. Foi da influencia d'elles e dos sabios que o infante D. Henrique e seus irmãos souberam attractar a Portugal, que procederam escriptores como Fernão Lopes, Gomes Annes de Azurára, Gil Vicente, João de Barros, Damião de Goes, Jeronymo Osorio, e Luiz de Camões, talvez o mais instruido e o mais sabio de todos os grandes poetas. Das escolas de hoje, a não ser por influencia de alguns professores precitos e apostatas que commetteram o sacrilegio de se libertarem do jugo official, saem apenas bachareis, que sabem quando muito bacharelar, e que vão para administradores de concelho ou para amanuenses de secretaria.

No tempo da nossa prosperidade e da nossa gloria o povo era extremamente instruido. É certo que não sabia ler. Mas saber ler não constitue propriamente instrucção, mas sim um dos meios de instrucção. Ora o povo dispunha então de outros meios superiores á leitura. O marinheiro e o soldado educavam-se nas grandes viagens, os operarios educavam-se na confecção

das mais bellas obras de arte, como o convento de Thomar, os Jeronymos, as capellas imperfeitas da Batalha; a torre de Belem. O povo de então não sabia ler os livros, mas sabia mais do que isso: sabia fazel-os. Foi o povo que ditou as narrativas sublimes da *Historia tragico maritima*, o mais admiravel, o mais bello, o mais dramatico, o mais commovedor, o mais eloquente livro de que se póde gloriari a litteratura de uma nação.

A isso chama o sr. conde de Rio Maior achar-se pouco diffundida a instrucção! E conclue d'esse absurdo que um povo póde attingir a prosperidade sem sair da estupidez! Apezar d'esta singular theoria e das accumuladas contradicções do seu texto, em que s. ex.^a ora é apostolo da instrucção, ora é apostolo da coisa contraria, o sr. conde de Rio Maior seria apenas inoffensivo. S. ex.^a, porém, conclue a sua notavel falla mandando para a mesa o seguinte additamento á lei que se estava discutindo:

O professor ou professora que no exercicio do magisterio primario ensinar ou inculcar doutrinas contrarias á religião catholica, á moral, á liberdade e á independencia patria será de-

mittido nos termos d'este artigo, independente da acção criminal que deva ser intentada. Os paes, tutores ou pessoas encarregadas da sustentação e educação das creanças podem requerer collectivamente ou individualmente contra o professor ou professora que tiver commettido as faltas indicadas n'este artigo.

Eis ahi o que se não admite, porque esta disposição legislativa proposta por s. ex.^a produz a fixação legal dos seus principios a respeito da instrucção, isto é: que deve haver instrucção e ao mesmo tempo que a não deve haver. Não é outra coisa senão eliminar a instrucção, depois de a ter decretado, o submettel-a por lei, sob pena de processo e demissão immediata do professor, aos principios da religião catholica. A Igreja abriu, n'este seculo principalmente, um tão profundo abysmo entre a concepção theologica e a explicação scientifica dos phenomenos do universo, que toda a conciliação é hoje impossivel entre o mestre e o padre. Não duvidamos que o christianismo possa ainda reassumir o seu antigo papel de sancionador supremo de todas as grandes e definitivas conquistas do entendimento humano. O que é certo porém é que

a direcção reaccionaria que elle tem recebido do pontificado romano desde a Reforma até hoje o inhabilita presentemente para realisar essa aspiração de todas almas piedosas. Ou o Estado sustenta o padre ou sustenta o mestre. Constituir-se o defensor simultaneo d'esses dois interesses oppostos é impossivel. Pedimos licença ao sr. conde do Rio Maior para lh'o provar.

Supponhamos que o alumno pergunta ao seu professor o que é o diluvio universal, que lhe pergunta qual é a idade da terra, que lhe pergunta o que é o homem pre-historico, o que são as florestas carboniferas, o que é o arco-iris, o que é o pára-raios, o que é transformação das especies, o que é a Torre de Babel, o que é o Eden; supponhamos que o alumno faz ao mestre qualquer das centenas de perguntas d'este genero faceis de formular ácerca das affirmações da Biblia ou dos conhecimentos do homem. A essas perguntas o mestre não póde responder senão com o erro ou com a heresia. O sr. conde de Rio Maior e os dignos pares que adoptáram a sua emenda á lei da reforma da instrucção portugueza desejam que o mestre responda pelo erro.

Mas isto é peor do que pôr de parte a scien-

cia; isto é, recebê-la para a contradizer e para a destruir; isto é converter a ignorancia publica em uma instituição do Estado.

Diderot conta o caso do homem que procurava o seu caminho, á luz de uma lanterna, no meio da espessura tenebrosa de uma floresta. Alguem disse-lhe: Queres saber o meio de achar o caminho? eu t'o ensino... E apagou-lhe a lanterna.

Quem foi que deixou no mundo esta lição?
Foi o theologo.

Um povo ignorante é um povo em trevas, cuja lanterna é a instrucção. O legislador portuguez que tomou o encargo de apagar a luz é o sr. conde de Rio Maior.

✽

Notemos porém um facto consolador:

O sr. conde de Rio Maior attesta sobre os theologos que o precederam uma sensivel diminuição de força. Elle mostra o ardor arrefecido e impotente de um velho sangue que se decompõe e se dessora. A idéa que elle tem no cerebro é uma idéa que se extingue.

Ha cem annos s. ex.^a teria proposto o car-

cere, a tortura, a fogueira, para o mesmo crime para que hoje pede apenas, gaguejadamente, a demissão do professor e o processo pelos tribunaes civis.

Inclinemo-nos diante de tão manifesta mansidão!

Nos fins do seculo xv o *pendão da santa doutrina*, um lugubre pendão negro, era levado pelas ruas de Lisboa, ao toque de uma campainha, por fr. Ignacio de Azevedo. Fr. Ignacio era então o professor idealizado pelo sr. conde de Rio Maior: *era o homem de ordem, temente a Deus*, argumentando a doutrina christã a este povo. Todas as mulheres e todas as creanças saíam ás portas a ajoelhar, sobre as immundicies, aos pés do tenebroso frade, que levava comsigo a sciencia ecclesiastica, amortalhada de negro, de cruz alçada, tangendo uma campainha, como quem leva um morto. Fr. Ignacio invadia as casas particulares, invadia os pateos da comedia, expulsava os comediantes, e subia elle mesmo ao tablado a explicar os differentes modos porque se pecca e os diversos methodos porque se mortificam os impetos da carne.

Ainda no seculo passado Pina Manique obrigava os professores a levarem os estudantes á

missa, do que colhiam nas sacristias uma certidão sobre a qual se pagavam mensalmente os respectivos ordenados.

Hoje a parte disciplinar da nossa educação religiosa caiu com o pendão negro da santa doutrina. Resta a parte doutrinaria, resta apenas a cartilha de Padre Mestre Ignacio.

E é sobre essa cartilha solitaria, em torno da qual caíram dissolvidas a uma por uma todas as energias sociaes que a mantinham na altura de uma instituição civil, é sobre a cartilha do Padre Mestre Ignacio, que um sabio legislador portuguez acompanhado de varios outros legisladores portuguezes egualmente sabios, procura reconstituir no anno de 1878 o ensino publico de uma nação!

*

Voltaire tinha uma prece fervorosa, que as *Farpas* não cessam de elevar aos ceus em todas as manhãs e em todas as tardes :

Meu Deus, tornaes ridiculos os nossos inimigos!

O modo como foi discutida na camara dos

dignos pares a reforma da instrucção indica-nos que podemos por um momento deixar de repetir essa oração. Aproveitamos a pausa para ir a Paris accender, em nome das *Farpas*, um cirio a Voltaire. Deus Nos so Senhor ouviu-o!

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

João Diniz		Abbade Guillois	
Thesouro do trovador. 1 vol..	600	Explicação do Catecismo. 2. ^a edição. 4 vol.....	45000
Alberto Pimentel		Abbade Dubois	
O Porto por fóra e por dentro. 1 vol.	500	O padre santificado. 1 vol.....	15000
O capote do sr. Braz. 1 vol....	500	Abbade Martin	
Octavio Feuillet		Theologia moral em quadros, 2 vol.	35000
Os amores de Philippe. 1 vol... 500		Padre Martinho (de Braga)	
Julio Lermina		Sermões selectos. 1 vol.....	15200
Os Lobos de Paris, 3 vol. ...	15500	Francisco Luiz de Seabra	
Fernandez y Gonzalez		A flor dos pregadores, 4 vol.	35200
O rei do punhal. 5 vol.....	35000	Dr. Hettinger	
H. Perez Escrich		Apologia do christianismo. 4 vol.	45000
Por bem fazer, mal haver. 1 vol.	500	O 3. ^o e ultimo volume sahirá no fim do mez. Depois o preço da obra será elevado.	
As culpas dos paes. 1 vol....	300	Henrich Reusch	
Faustino X. de Novaes		A Biblia e natureza. 2 vol....	25000
Poesias posthumas 1 vol.. .	15000	Dr. Ramos	
Eça de Queiroz		A liberdade de consciencia ..	200
O primo Bazilio. 1 vol.....	15000	O Agricultor de Portugal	
J. C. Machado e Pinheiro Chagas		N. ^o 7, abril, por anno.. . . .	35000
Fóra da terra. Caldas da Rainha, etc. 1 vol.	500	Revista Catholica	
Balmes		N. ^o 4, abril, por anno.....	15000
O criterio, 2. ^a edição. 1 vol..	600	Francisco Antonio Veiga	
Miscellanea religiosa, litteraria e philosophica. 2 vol.	15200	O direito ao alcance de todos ou o advogado de si mesmo. 1 vol.	25000
A. Debay			
Arte de conservar a belleza e a saude e de corrigir os defeitos physicos. 1 vol.	500		

Ernesto Chardron, editor — Porto e Braga